



# OFICINA DE POESIA

revista da palavra e da imagem



N.<sup>os</sup> 8 & 9

série II

*Coimbra*  
*2007*

## FICHA TÉCNICA

<b>Directora</b>	Graça Capinha
<b>Subdirector</b>	Jorge Fragoso
<b>Conselho de Redacção</b>	aNa B, Conceição Riachos, Graça Capinha, João Rasteiro, Jorge Fragoso, Liliana Vasques, Rita Grácio
<b>Conselho Editorial</b>	Aires Gomes Fernandes, Ângela Canez, Catarina Costa, Cristina Néry, Daniel Matos, Filipe Cravo, Filipe Silva, João Rasteiro, Jorge Melícias, Jorge Vaz Nande, Margarida Amorim, Pedro Marqués d'Armas, Pedro Silva, Sandra Guerreiro
<b>Colaboração especial</b>	Adília Lopes, Affonso Romano de Sant'Anna, Alcina Almeida, Alfredo Pérez Alencart, Alexandre Nerium, Álvaro Alves de Faria, Ana Braz, Ana Hatherly, Ana Luísa Amaral, Ana Pereira Borges, Andreia Rafael, Andityas Soares de Moura, Andrea Inocêncio, António Fernando Cascais, Antonio Leal, António Ramos Rosa, António Salvado, Bettina Von Kameke, Bruno Santos, Carla Abreu Vaz, Carlos Coelho, Carlos Felipe Moisés, Carlos Pittella, Casimiro de Brito, Célia Gonçalves, Charles Bernstein, Cláudia Pinto, Cristo Torres, Cyro de Mattos, Edith Morin, Eduardo Bacal, Emiliana Cruz, Fátima Almeida, Feliciano de Mira, Fernando Aguiar, Fernando Lemos, Floriano Martins, Frank Selby, Georgina, Graça Magalhães, Guy Tillim, Harold Alvarado Tenorio, Helena Villar Janeiro, Hélio Rôla, Hugh McCarthy, Hugo Amaral, Ina Elke, Isabel Ivars, Isabel Pedro, Jean-Luc Pouliquen, Joan Fontecuberta, John Havelda, Latuf Isaias Mucci, Laura F, Levin Haegele, Lourenço Cardoso, Luís Inácio, Maria Irene Ramalho, Maria João Baginha, Maria João Lopes, Mariano Pego, Martin Parr, Martine Feipel, Michael Franco, Mike Basinski, Natália Teles Nunes, Nuno Barão, Paulo Dias, Paulo Renato Cardoso, Pedro Ramos, Pepe Vera, Ponç Pons, Porfírio Al Brandão, Régis Bonvicino, Ricardo Aleixo, Ricarda Melo, Rui Bastos, Sandra Curado, Sarah Bridges, Sérgio Brizida, Sheryl Robbins, Sigbjorn Bratlje, Susete Fetal, Teresa Fonseca, Verónica Marques, Virgílio de Lemos, Xavier Zarco, Xesús Rábade Paredes
<b>Propriedade Edição</b>	Oficina de Poesia e Palimage Editores Palimage Editores
<b>Capa e design gráfico</b>	Filipe Cravo
<b>Apoio</b>	Conselho Directivo da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Reitoria da Universidade de Coimbra CES — Cento de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra
<b>Contactos</b>	Palimage Editores Apartado 3105 EC B. Balsa 3511-907 Viseu Tel. 232 432 244 — Fax 232 432 247 e-mail: palimage@palimage.pt
<b>ISSN</b>	1645-3662
<b>Depósito Legal</b>	222090/06
<b>Execução Gráfica</b>	Palimage / Barbosa & Xavier, Lda. - Artes Gráficas - Braga
<b>Distribuição</b>	Palimage Editores Rua Conde D. Henrique, n.º 18, 1.º Esq. Fte. 4715-349 BRAGA Telef./Fax: 253 25 83 84 e-mail: distribuicao@palimage.pt





**OFICINA DE POESIA**  
revista da palavra e da imagem



**10 Anos**

**Palíimage Editores**

*A Imagem e A Palavra*



**editorial**

a sala de seminários do instituto de estudos ingleses parecia-me sempre enorme a madeira da grande mesa rectangular impondo-se ao centro deixando-nos um pequeno canto do seu castanho antigo como refúgio mesmo debaixo da janela em luz de fim de tarde. as estantes alongam-se até ao tecto sobre a mesa a luz oblíqua as vozes de pouco mais do que meia dúzia de jovens espalhando-se até ao outro lado. e eu ali desafiada respondendo fora das horas no meu espanto ao partilhado espanto pelos versos. finalmente alunos/as a pedir um pouco mais do meu saber (?) sobre a poesia. o grupo é pequeno mas há que acreditar no trabalho à pequena escala como aprendi naquele programa de poética que lá do norte americano me trouxe até aqui. disso queria também saber mais. da escrita criativa como objecto de estudo e metodologia e de jovens poetas aprendizes vindos de toda a américa para trabalhar com velhos poetas aprendizes.

no ano seguinte com o apoio do meu grupo de estudos anglo-americanos propus-me criar o curso livre “oficina de poesia”. assim entrou a nova área nos currícula da faculdade de letras (de alguns anos a esta parte presente também nas opções “poética e escrita criativa” e “escrita criativa no ensino”). desde então a noite passou a ser o tempo do nosso encontro semanal e a pequena sala da biblioteca do centro de estudos sociais albergou dez anos e muitas dezenas de jovens poetas. e muitas leituras muitos exercícios de escrita muitas poéticas muitas discussões tremendas muitas noites que me (nos?) tiravam o sono — o maior desafio a qualquer prática pedagógica. sobrevivi. sobrevivemos. e fortes laços de respeito e amizade foram criando raiz. assumindo a sua transindividualidade poética e/ou discursiva alguns/mas poetas daquela primeira “turma” ainda hoje participam no seminário semanal. outros/as a viver longe mantêm contacto e ainda enviam material para publicação como acontece neste número especial.

uma revista. primeiro anual depois semestral. vários primeiros livros. várias participações em outras revistas e antologias de poesia nacionais e internacionais. prémios literários nacionais e internacionais. militante intervenção poética na comunidade através de leituras públicas e acções de rua. investigação através de experiências interartes (de que Belgais foi ponto alto). acções de formação para professores e alunos/as de muitas escolas do ensino básico e secundário. participação em encontros de poesia. enfim muito trabalho desenvolvido desde aquele pequeno grupo de há 10 anos na enorme sala de seminários do instituto de estudos ingleses.

porque a poesia só tem sentidos na comunidade. no meio do ruído imenso produzido pelo embate sempre violento entre os vários poderes dos vários discursos presentes na sociedade e na história. porque a poesia serve o que não é dizia Dante. só por isso nos serve. na sua radicalidade social e política lugar de procura infinita. não tendo o que dizer sempre procurando o que dizer. sempre experimental sempre um processo e nunca um produto.

dentro do cânone e sem hierarquias de qualquer cânone muitos/as poetas e outros artistas e especialistas reconhecidos/as portugueses/as e estrangeiros/as colaboraram no trabalho da “oficina de poesia” ao longo destes 10 anos. ofereceram inéditos para publicar ao lado de jovens desconhecidos/as. participaram no seminário e/ou nas leituras públicas. com toda a generosidade. porque sabem melhor do que ninguém que toda a arte se o é verdadeiramente significa dádiva generosa. muitos/as — os/as que conseguimos ainda contactar — ofereceram novo trabalho que aqui se publica. alguns/mas — sobretudo artistas visuais — publicam agora connosco pela primeira vez. em meu nome e em nome de todos os membros da “oficina de poesia” a todos/as eles/as — novos/as e reincidentes — o nosso agradecimento.

nenhum deste trabalho teria sido possível sem o apoio dos vários conselhos directivos e científicos da faculdade de letras e do centro de estudos sociais e sem o apoio da reitoria da universidade de coimbra. afinal os mais de 800 anos de história ainda são lugar de abertura intelectual e espaço para a criatividade. a todos/as os/as responsáveis pelo apoio concedido pela nossa universidade também os nossos maiores agradecimentos.

à editora palimage ao seu responsável principal também subdirector desta revista ao poeta e ficcionista ao editor ao membro da “oficina de poesia” ao Jorge Fragoso como agradecer? por todo o trabalho e sobretudo pela paciência para com os sucessivos atrasos na entrega dos materiais. os poemas bizarros a escorrer para fora do centro e das margens. os espaços tresloucados. as línguas desconhecidas. os erros de computador. a permanente limitação financeira. etc. etc. enfim como agradecer? só com muitos poemas palavras outras que nunca serão suficientes. e que coincidência tão reveladora que também a palimage esteja a cumprir 10 anos de existência. e que esta revista seja também uma celebração conjunta. além do agradecimento também os nossos parabéns.

também de forma especial agradecer ao poeta e artista plástico Filipe Cravo também ele membro da “oficina de poesia”. mais uma vez no meio dos muitos afazeres da sua ainda jovem mas promissora carreira artística encontrou algum tempo para se dedicar à produção gráfica deste número especial sendo ainda o principal responsável pela participação de muitos/as dos/as grandes artistas internacionais que nela colaboram.

quanto a vós membros da “oficina de poesia” aqueles/as a quem recuso chamar alunos/as e ex-alunos/as chamando-vos apenas poetas — os poetas desta pequena comunidade poética que juntos criámos — e mesmo sabendo que se vos ensinei alguma coisa foi sobretudo a não-comunicação das palavras obrigada pelos 10 anos de desafio intelectual obrigada pelos muitos poemas obrigada pela vossa dádiva generosa e pelo muito que convosco aprendi.

finalmente não posso deixar de agradecer ao público da poesia. àquele que nos acompanhou nestes 10 anos e que fez esgotar alguns dos números desta revista (espantosamente pois a poesia não vende dizem os livreiros). esperamos que nos possam acompanhar durante pelo menos outros 10 anos para que possamos continuar a louvar-vos como Nanni Balestrini vos louva. a vós público da poesia:

*(...)  
como sempre não tenho nada para lhe dizer  
como sempre o público da poesia sabe isso muito bem  
mas di-lo apenas de si para si e não em voz alta  
não só porque é delicado solícito jovial*

*e no fundo também reservado optimista de bom trato  
mas acima de tudo porque ama  
ama de um amor profundo sincero irresistível  
dum amor tenaz exclusivo dilacerante*

*(...)  
louvado seja pois o público da poesia  
louvado o seu justo nobre grande amor pela poesia  
em cujo reflexo nós pálidos e humildes mensageiros  
vivemos gratos e bem-dizentes*

*(...)*





**Martin Parr**

G.B. ENGLAND. Manchester. Union Hotel. 1974.

**Adília Lopes**

Perda  
sobre  
perda

Pedra  
sobre  
pedra

Para que servem poetas  
em tempos de penúria?

Para que servem  
tempos de penúria?





**Affonso Romano de Sant'Anna (Brasil)**

**Na Boca Do Deserto**

Estava indo, há muito, para o deserto  
e não sabia.

Antes, ao revés, julgava caminhar  
das pedras para o bosque  
lugar de onde mel e vinho jorrariam.

Bastava fazer a travessia.

Em alguma parte passei por algum oásis  
mas era para este destino de pedra  
silêncio e pasmo  
que me dirigia.

Os beduínos há muito compreenderam  
o que eu não compreendia:  
apenas nos movemos entre pedras, cabras e camelos  
olhando ternamente o fim do dia.

A tenda é provisória.

Eterno  
só o áspero horizonte de pedra  
e a poesia.





***Maria João Baginha***

Janelas de Marvão

**Alfredo Pérez Alencart (Espanha)**

**Nos Sobrepondremos**

*We shall overcome...*

M. L. K.

El seco corazón de los oscuros  
blandió su espada de malicia  
hasta desunirnos para siempre.

A corta distancia nos vomitaron  
un listado de resentimientos.

Triunfaron las sílabas sucias  
que tejieron su manto de deterioro  
en nuestra apacible morada.

Envalentonados, los deslustrados  
siguen acechantes y sin memoria,  
tan modosos a la hora de trazar  
el plan de minuciosas traiciones.

Se hacen fuertes pateándonos,  
quitándose las tétricas capuchas  
que cubrían todas sus desvergüenzas.

Traerán más fétidas ingratitudes,  
pero nosotros nos sobrepondremos

*(a Carlos Palomeque)*

**Alfredo Pérez Alencart (Espanha)**

**Esta No Es La Tierra Prometida**

ESTA no es la tierra prometida  
que está escrita en mi memoria.

Sobre esta región de eclipses  
seré como un lobo solitario  
calmado por el son de la vihuela.

Pero aquí yo sembraré el trigo  
hasta que la luna de la meseta  
dictamine que siga mi camino.

Tengo llave de la casa ancestral  
y mapas de la tierra prometida.

Humedezco el sol del recuerdo  
que es de mi colección privada.

Entonces se transforma en aliento  
aquello tatuado en la memoria.

La clave del secreto es un salmo  
que lava las heridas del éxodo.

*(a Miguel Elías)*

**Alexandre Nerium (Galiza, Espanha)**

**NO QUEBRANTO: OS CAMIÑOS, A VERDE VEIGA ESPIDA,...**

¿Onde fuxiu o vento?, dicídeme, ¿a que hora?  
“¡Calade, agora escoito no mar medroso a brisa,  
E o choro dos meniños da carballeira agroma!”.

Paxaros ó relento, trememente aleivosía.  
As cerdeiras sen froito: tábidas, incorpóreas  
Na noite furibunda, soturna e sempre viva  
Que desfalece o día serodio, onde a congosta.

Chorimas da agonía, fentos de medo e sombra...  
“¡Mirade como inunda, de penas, ó cavorco  
A bátega iracunda que emana dun estrondo

E esfola, da invernía, azuis grilandas orfas!”.  
Lonxe: melancolía, dozura, persistencia  
Na cárcava profunda de apócrifa aquiescencia.

(de *Vagas en espiral*)

**Alexandre Nerium (Galiza, Espanha)**

## **FOGADA**

Que tampouco de min precisas vaga  
Se coa calma finada engorde afundo,  
Que arriba me ha enxoitar o ceo da boca  
Para saborear o cruel naufraxio.

Nunca os ollos xamais acuartelaron  
Lombos lañados de navallas orfas,  
Xacudiron da rede a dor máis agre  
Aquela que a fogada en po trouxera.

Devalo tras devalo, ás apalpadas,  
Percorre cega o vendaval a ausencia.

Sabe das singraduras mutiladas,  
Das cadernas que esburacara a broma,  
Dese mencer ferinte polo sono;  
Pero do máis non críbel non se acorda,  
Do ignominioso riso da rompente,  
Dos exsangües coídos, desangrados,  
Da xerfa que esmorece alén da néboa.

Nacerá nesta dársena outro ocase  
E oxalá que a corrente gribes ó norte,  
Que o rumbo endexamais se compadeza  
E nos deixe chegar a un mar que rompa.

(de *Nocturnidade do sal*)

**Álvaro Alves de Faria (Brasil)**

**PROCURA-SE**

Procura-se um homem  
que desapareceu no dia 14.

Calçava sapatos pretos  
e vestia uma espécie de nuvem,  
dessas que se acham em qualquer lugar.

Costuma falar sozinho,  
especialmente quando caminha.

Quando desapareceu,  
carregava uma bolsa  
com alguns poemas sem palavras  
e alguns acenos suicidas.

Comia morangos  
quando desapareceu.

Também carregava  
duas estrelas mortas  
no bolso da camisa,  
do lado esquerdo.

Dizia que não tinha nome,  
mas era por esquecimento.

Procura-se esse homem  
que sumiu com alguns segredos.

Disse que ia falar com as pedras  
e desapareceu no dia 14.

Quem tiver alguma notícia  
sobre seu paradeiro  
por favor  
não informar a ninguém.





**Martin Parr**

Auto-retrato, PORTUGAL. Braga. 2000.

**Álvaro Alves de Faria (Brasil)**

**FINAL**

Ponho fim à vida,  
em legítima defesa.



**Frank Selby**

Small Disaster 15; Pencil on Trace Paper; 22 x 45 mm, 2006



**Ana Hatherly**

**QUANDO TE PROCUREI**

Quando te procurei  
Estaria por acaso a verdade à minha espera?

Amar ocorre num espaço flutuante  
Num exíguo lugar-nenhum  
E o sonho é matéria incerta  
Mestre na arte de fugir.

**A CABEÇA DO FUTURO**

A cabeça do futuro  
É uma barca com as velas pandas:  
Só quer chegar  
Para depois partir.

**Ana Luísa Amaral**

**EM SIMULACRO: OS ANJOS**

Mas como navegar em tempo branco  
ou rio de uma só margem?  
Não há água possível de apagar o sol,  
nem voz capaz de amedrontar  
esses anjos maiores

Mas não são eles  
que desejo aqui,  
não me cantam os anjos alheios,  
nem os anjos de Klee,  
só o resto talvez encantar

Nesse resto te quis,  
despojo de anjo, asas cortadas,  
rasgado em branco, o branco  
transformado em roxo cor de morte,  
como o amor e a morte  
aí vacilam

Noutra língua recuso-me a falar,  
nesta tela recuso-me a pintar,  
nestas cores —  
nunca esboçando um anjo  
pintado a inocência

Na iminência de te ter amado,  
sonho-te: asas cortadas,  
tudo o mais rasgado  
nas dobras do mais alto do poema,  
nas dobras da pintura,  
fotografia a preto e branco

Rasgar-te-ei a branco,  
serás moldura horizontal,  
desagregada.  
Braços, asas abertas,  
algum dourado em torno,  
mas gesto e desviada: a cor

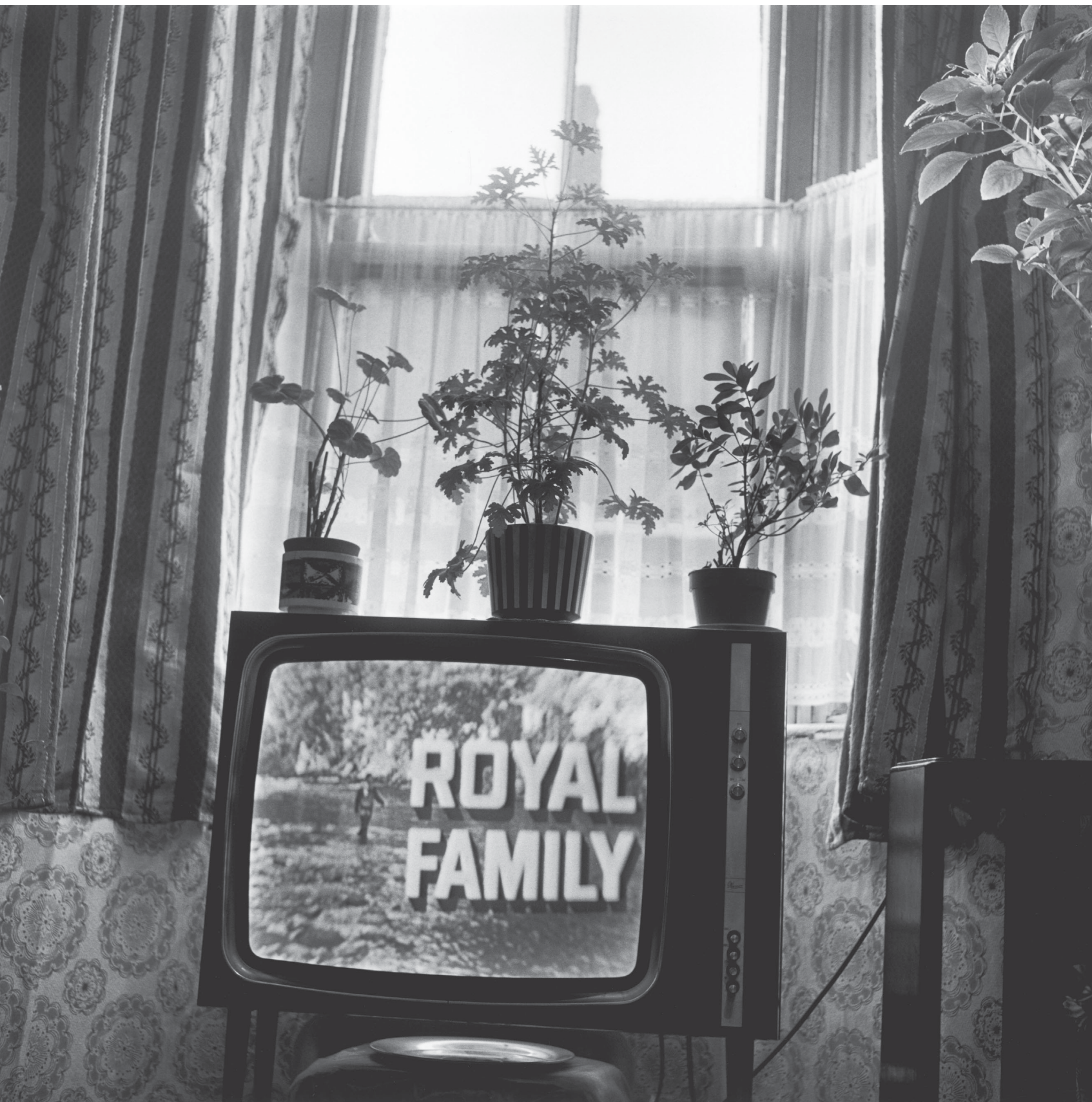
Em torno da mudança tornarei,  
sem dizer “meu amor”,  
que a língua em que falei  
vivia em melodia,  
mas não esta —

E sob a minha pele,  
aí estiveste, anjo desagregado  
e sem guitarra,  
varrendo lentamente o céu das  
outras mãos

Sem corpo agora,  
sem asas,  
sem o conforto que a poesia traz,  
mesmo que na memória,  
ou no sonhado,  
serás: de Rilke ou Klee,  
um anjo condenado ao paraíso,  
sem licença nem bênção do inferno

A ti amei:  
imagem,  
simulacro nem de mim

O resto:  
um intervalo —



**Martin Parr**

G.B. ENGLAND. Princess Anne's wedding, from the 'Home Sweet Home' installation. 1974.

Ana Luísa Amaral

## RIMAS, MANHÃ, E SEM ESTEREOFONIA

Não se me dava que daqui a bocado,  
pela manhã, me telefonasses e,  
ignorando-me a voz de sonho errado,  
dissessem devagar “gosto de ti”

E me acordasse o toque do telefone:  
relâmpago de som, eléctrico, ou  
eu, como orfeu, ouvindo o gramofone  
que eurídice, a velhaca, lhe deixou

Muito mais bom que orfeu seria a tua  
voz a romãs (ou figos, ou amoras),  
daqui a unha ínfima de lua,  
ou seja, mais ou menos quatro horas

Que são agora três e vinte da  
madrugada e eu continuo à espera  
que ele pouse a agulha enferrujada  
e venha ter comigo, órfica fera

É que não se me dava, *let alone*  
ter que estender a minha mão e com  
ela pegar em ti ao telefone  
e ouvir “gosto de ti”, era bem bom

Mas esse sonho fica-se no meu  
desejo a nada, e nem o telefone  
me soa a teu futuro. Vem, Orfeu,  
trá-la de volta...

Ou traz o gramofone –



## LÍNGUA DE FOGO DO NÃO

Não se pode escrever o poema.

Os tempos são duros, inflexíveis.  
Taciturnos até. Dão “bons dias”  
por obrigação e recato.

Não se pode sequer ler o poema.

As pessoas andam cabisbaixas,  
Riem à toa – como patetas – e morrem.  
Morrem como quem nunca quis nada.

Não se pode nem mesmo pensar o poema.

É proibido.  
É indecente o poema.

O poema não produz dividendos. Não distribui lucros. Não faz dormir melhor. O poema não sorri nas campanhas eleitorais.

O poema não gosta de telenovela e nem está preocupado em como estacionar no shopping-center.

O poema não quer ter filhos, se casar e planejar férias anuais. Não tem e nem faz economias.

O poema não deixa e não anota recados.

O poema não investe em ações, não paga imposto de renda e não sabe como se portar à mesa com dignidade e fineza.

O poema não acredita na Previdência Social.

O poema não toma banho todos os dias. Não paga a escola das crianças. Sequer ajuda a financiar os cursos de inglês de que elas tanto precisam para subir na vida.

O poema não tem cartão de crédito e nem religião. Jamais frequenta bailes de debutantes e nunca foi visto nas festas de Natal da empresa.

O poema não vai ao barzinho da moda.

O poema nunca está no escritório.

O poema não faz visitas sociais. Não tem celular e não confia nas urnas eletrônicas. O poema não está deprimido.

O poema falta às sessões ordinárias da Academia de Letras.

O poema não come todas.

O poema não é tributável. Nem atóxico, inodoro ou inquebrável.

O poema não sabe ficar quietinho.

O poema não pode ser preso.

Nem torturado, morto, estuprado, sequestrado, mutilado, roubado, operado, sodomizado, reeducado, dopado, humilhado, bombardeado, conquistado, saqueado, raptado, ameaçado, multado, eletrocutado, queimado, furado, cegado, crucificado, desmembrado, enforcado, guilhotinado, pisado, garroteado, picado, partido, moído, quebrado, cortado, empalado, frito, cozido, assado, esquecido, vencido, lavado, desintoxicado, trucidado, massacrado, escravizado, humanizado, podado, censurado, amarrado, enganado, corrompido, comprado, convencido, julgado, condenado, apenado, difamado, injuriado, caluniado, desacreditado, distorcido, adulterado, anulado ou apagado.

O poema também não pode ser calado.

O poema é um comilão, um vagabundo, um inútil mesmo.

Isso é o que ele é.

.....

Infame ter de se concentrar para sentir  
o pejo de um mundo sem poesia.

ANTONIO LEAL (México)

AGLAÓFEME

Al amigo poeta Raúl Garduño, *postmortem* ( 1945-1980)

*sou estrela ébria que perdeu os Céus,  
sereia louca que deixou o mar.*

Mário de Sá-Carneiro.

Abrir los ojos aquí,  
a los dieciocho grados, veintinueve  
minutos, con treinta y nueve segundos,  
justo en la latitud norte del alma.  
A los ochenta y ocho grados, diez  
y seis minutos, con nueve segundos,  
longitud oeste, en el extinto  
reino de las altas perenifolias,  
en la ciudad infame que despierta  
con tumefacto olor de albañales.  
Abrir los ojos aquí, en la singladura  
de este día mórbido en desuso,  
en el ámbito inane del lagarto  
que cambió el estero y los humedales  
por una pestilente alcantarilla,  
y ahora se le cura de úlceras  
en el duodeno y vive como un cerdo  
en un ruin chiquero de un hotel  
de cinco estrellas.

Abrir los ojos aquí, cuando el dugón  
bucanea en ázimos bejucos  
condones, credenciales de elector,  
que al mar conducen sucias atarjeas.



Abrir los ojos aquí,  
en el arcano orden de las abscisas marítimas,  
en esta hora nítida,  
irreal,  
entre la luz vibrátil  
de un día cualquiera al aire libre,  
para ver la chabacana gracia del delfín  
en cautiverio besando a un turista  
que llora al recibir tanta ternura.  
Abrir los ojos aquí,  
en la palustre hora difusa  
en que ocurre el arribo  
de la tortuga blanca del caribe  
a su santuario convertido en playas privadas.  
Eso sabe el yacaré que se duerme  
aparentando un tronco sobre el agua.

El papán lo chacotea entre cogollos.  
El pitorreal por eso abandona  
su hueco en el botán con todo y nido.  
El perico cochá atrae gente  
diciendo sus puteces en la calle.  
La oropéndola no desgrana un canto  
en su cuello lleno de delicadas  
piedras.  
El chombo que vuela en lo alto  
pica impune el tirahule del niño  
que no lo escupió para conjurarlo.  
La garza ya no come más culebras.  
Al caer la tarde pierde el albatros  
la vida ahorcándose entre secas ramas.  
El agreste venado tiene al miedo  
como un barco hundido en los ojos.  
Solo,  
el tigre se enreda en los bejucos  
y su piel muerta a nadie ya le sirve.

Avanzan entre nubes,  
lentamente,  
ciertas aves de noche migratorias,  
duerme en círculos de cenizas vivas  
la aldea esperando al huracán.  
Abrir los ojos aquí.

(de *Thalassa*)

**António Ramos Rosa**

Não me valer  
de nada  
mas como  
não valer de um pouco  
que possa ser  
o puro sopro  
que perdura  
incerto  
no instante?

Como não confiar  
Um pouco  
Um quase nada  
Como quem respira  
O lume  
Do ar

Como não preparar  
Sem querer  
Sem poder talvez  
O possível  
Abrindo-me o caminho  
Na incerteza do caminho  
No que será  
O indefinido  
Que respira  
Sem caminho

**António Ramos Rosa**

Ninguém pensa numa maneira de morrer  
tão fácil e lógica como uma cadeira  
mas essa maneira pode existir  
sem existir  
e não existirá de modo algum se não pensarmos nela  
nada se recusa a pensar quando se pensa em qualquer coisa  
o que se recusa é outra coisa  
Não programo as coincidências do acaso  
não as imagino  
elas anulam as diferenças dos opostos  
ocorrem sem oposição do natural  
e do sobre  
e não são sobreposições  
nem sequer são  
quem as poderia desejar  
quem as poderia pensar  
Foi nesta interrogação que um telefonema  
por “acaso” suspendeu o que poderia ser ou não  
um poema

**António Ramos Rosa**

É tão difícil o simples quando é fácil  
ao nascer intacto  
sem o esforço de querer  
ser

Não procuro ser mais atento  
na mais atenta atenção  
da distração que se dilata  
até ao esquecimento  
do que estás a ler  
sem saberes mais  
no vago enleio  
que te prende e desprende  
numa transparência de nuvem  
vogando solitária  
lentamente  
no azul  
não queiras ser mais enquanto vês  
repousando no abandono  
de um vagaroso salto  
para o início que não espera  
o que vais escrever  
na leve disponibilidade  
de não seres quase nada  
e naturalmente desliza  
na mais leve pálpebra  
de um corpo nu que ignoras  
e intraduzível se consuma  
no primeiro verso  
do poema  
e continua



**Nuno Barão**



My journeys have been idiosyncratic, often purposeless, not so much to commit journalism as to travel for its own sake. Perhaps the more successful images reflect this; perhaps a pattern can be discerned from their parts. I can describe moments, or trace a journey, by the images I am left with. They themselves form a thread. How I came to be in a certain place seems banal, often forgotten.

In 1997, I was in Korneliuskondre, a village on a tributary of the Coppename river in the former Dutch colony of Suriname. My friend and I had spent some time in the forest, and we were on the way to a border town, from where we would cross into Guyana. We were invited to the village by someone we'd met further up the river, and that night he offered us a thatched shelter, that had beams from which to hang our hammocks.

In the morning I walked into a small church and found children playing there. I was impressed by the simplicity of the building: the polished concrete floor, the sparse altar, and the crucifix hanging above it. I started to take photographs, trying to include the boys in the scene without alarming them, or making them self-conscious. Then, as if we had entered into a silent conspiracy, as if he understood entirely what I wanted, one of the boys moved behind the altar, leaned his head on it, and raised up his schoolbook. On it was a photo of Johan Cryff, a famous Dutch soccer player.

In Guyana, I photographed a dog in the middle of the road. The image made me begin to think of a collection of images, a sort of diary in retrospect. I was struck by its seemingly arbitrary and loose composition, and distant subjects. It was an ordinary scene, two cars passing on a road, but the dog caught in the traffic (he escaped) created the worthy moment. The fire on the horizon and the piece of white added an undefined menace. The image is a thing of beauty to my mind, has stayed with me for years, it always will. But the scene itself, in reality, was not. It was an instant in an uncomfortable journey, unmemorable except for this scene, which, if I had not captured it on film, would too have passed into oblivion.

These moments are elusive, alluring for being so. My brand of idealism that had its roots in the time I started photographing in South Africa during the apartheid years of the 1980s has dimmed. There was right and wrong, it seemed clear to me which side I stood. One would forego, what I might now call subtlety, for the sake of making a statement about injustice. The world's press set the tone and timbre of the reportage it would receive, and I for one was bought by it. Perhaps that is why I now look for ways to glimpse other worlds which I attempt to enter for a while. But one cannot live them all, and usually I am left with a keen sense of my own dislocation.

Of course, there is always this: to change what is ugly and brutal into something sublime and redemptive. So I have photographs I like for reasons I have come to distrust.

I learned my trade as a photojournalist but feelings of impotence in the face of others' despair led me to look away, as if catching only obliquely their reflected light. These are photographs of disparate locations, but their justification for ending up in one collection, their basis for comparison, is of another nature: disquiet, introspection, wonder.

**Guy Tillim**









**Guy Tillim**





**Guy Tillim**





**Guy Tillim**







**Antônio Salvado**

Que matéria me dará  
a forma  
daquilo que sonhei  
Que circunstância  
passageira  
poderá ser retida  
em nomes intemporais  
Que futuro aconteceu  
no vazio do presente.

\*

Quando até as pedras cantam,  
o arraial é grande na praça.

\*

Pior que o hábito  
é nunca ter existido  
princípio.

\*

Ao pôr do sol  
a rã  
começa a sua música  
a capela.

\*

Mesmo coberto de névoa  
ou cerrado nevoeiro  
o himalaia nunca perde  
altitude.

\*

Aceita a tristeza  
como se no poema  
tivesse que rimar.

\*

Encosto-me à janela  
e diviso o longínquo  
e vejo casas céus e ruas e pessoas  
e ouço vibrantes sons  
de gritos  
ou mudas interioridades  
de silêncios  
na íris de meus olhos  
nos tímpanos de meus ouvidos  
sinto que alguém modela  
com areia  
a imagem do efêmero.

**Carlos Felipe Moisés (Brasil)**

**NOITE NULA**

1.

Agora sim, agora sei: a noite,  
matilha de sombras, óleo espesso  
a escorrer da candura dos arranha-céus;  
a noite e seus milhares de barcos  
a apodrecer, prestes a naufragar,  
ou a zarpar no romper da aurora;  
a noite, agora,

                        cerra sobre a cidade  
as suas asas definitivas,  
e então, sim, sei:  
essa noite não é nada.

A Terra tremeu um pouco,  
é verdade, mas foi só  
a debandada dos animais da tarde,  
esbaforidos, a devorar,  
entre as nuvens de bronze,  
a derradeira chama do sol frio,  
como soem fazer, aliás,  
                        todo dia.

A casa também tremeu,  
um pouco, as paredes hesitaram;  
os enfeites sobre a cômoda,  
a louça no armário, os livros  
nas estantes ameaçaram  
ruir, esfarelar-se no chão,  
ou voar,  
                        perdidos para sempre,  
no reino do Nunca-mais.  
Num átimo, porém, o dia já não era.  
É como se dia, aí, jamais houvera,  
e essa luz não fora  
senão o sonho acalentado  
pelo negrume eterno  
da Noite Nula.

Por isso, agora sei:  
essa noite não é nada.

2.

Se não, vejamos. Noite Nula, noite,  
noite sem termo, noite do Não-ser...  
Não presta para nada a noite, só  
para ensinar uns versos bem medidos.

O coração metrificado pára  
(heróico ou sáfico, é tudo igual)  
e fim... Aí só resta escarnecer:  
amem a noite os magros crapulosos...

O mal pior é mesmo ter nascido  
poeta inapetente, fazedor  
de versos frouxos, sem o menor viço:

o mundo todo, enfim, enrodilhado  
na severa engrenagem do soneto.  
Mas o que tem a Noite a ver com isso?

3.

Ah, a noite! Concubina favorita  
do iracundo soberano cego,  
senhor dos gafanhotos azulados,  
todo garboso em seu negro manto.

De dia, não se importa com o destino  
dos seres que se abrigam nos limites  
sem fim do seu reino a perder de vista.  
Se ele a perdeu, a quem mais valeria?

Mas, basta o sol se pôr, a noite chega,  
exala o seu odor inebriante  
e el-rei já goza o primeiro dos mil

orgasmos que, noite adentro, terá.  
E assim, de espasmo em espasmo, treva  
sobre treva, outro soneto se cumpre.

4.

E chega de soneto! Chega de louvar  
a noite ou o soberano cego. Soberano  
de quê? De um reino sem fronteiras,  
onde, sob o manto negro, de negras dalias  
marchetado, a ninguém é dado ver  
o que el-rei jamais verá?

E eu? Que tenho eu a ver com isso?  
Nada, nada! Tudo

                        pretexto,  
para que, vez ou outra, me escape,  
por entre os dentes que rangem,  
mas não de frio, um decassílabo.

A noite é cálida.

                        Não é nada,  
a noite, mas aquece, ou quase.  
E ainda traz ao longe  
esse cortejo de pirilampos vadios,  
que prestam para alguma coisa.

                        É cálida

                        a noite.

Mesmo assim,  
me embrulho no jornal de ontem,  
me abrigo das notícias que não li,  
me protejo do frio que não há.  
Nunca se sabe...  
Agora sei: nunca se sabe.

Cerro os olhos,

                        me ajeito  
                        e aguardo.

O ombro esquerdo dói,  
                        um pouco.

É a posição, talvez. Talvez a idade.  
Há milênios não durmo ao relento.

Vassalagem de sombras,  
o tempo segue o seu curso,  
no encalço da madrugada.

Essa noite não é nada.

**de “Tríptico do Amor”**

(*Livro das Quedas*)

381

Escultura e dança: o meu corpo  
no chão do teu corpo: um combate  
contra a morte. Quando sou escultura,  
danças. Quando, em sossego, me acolhes,  
respiro. Depois hesito,  
murmuro e caio  
no abismo. Silêncio. Súbito  
um sismo. És tu quem se desfaz  
enquanto em teus vasos me derramo.  
O caos em movimento.  
Cavalgas uma onda.  
Mergulho numa fenda.

405

Do amor, da sua página em branco,  
sempre vivi, umas vezes da luz  
que dele emana, e tanto me cegou,  
outras vezes das penas escuras  
que depois amanhecem,  
e até cantei.  
Caindo e cantando vou morrendo,  
em arco vou caindo tão devagar  
quanto posso: há um lume que me consome  
e só em ti me perco e só ela,  
a página branca do amor,  
me salva.



**Charles Bernstein (EUA)**

**“Take Then, These...”**

Take then these nail & boards  
which seams to lay me down  
in perfect semblance  
of the recognition, obelisks  
that here contain my pomp

These boards come down  
& stock & size me  
proper, length-wise  
in fact-fast struts  
“here” “there”

Take then, push then  
live, anecdotal  
as if these sums  
clot, congeal  
sans proper, sans intent

**“Pegue Então Estes...”**

Pegue então estes pregos & tábuas  
que se agregam para me ajustar  
em perfeita imagem  
do reconhecimento, obeliscos  
que aqui contêm minha pompa

Estas tábuas desabam  
& estocam & me acomodam  
de modo próprio, em linha  
de fato – andar rápido e impávido  
“aqui” “lá”

Pegue então, empurre então  
vivo, anedótico  
como se estas somas  
coalhassem, coagulassem  
impróprias, sem propósito

*Tradução: Régis Bonvicino*

Cristo Torres (Espanha)

**Fragmento de ANÁBASIS**

(Acto I, escena I.)

Poema VII. "La subida"

**La reina:**

Hasta en el último suspiro que de aire siempre en sonido espero,  
oír la última palabra en este encierro,  
¡Ah, sin aire los pies se amontonan y el recibimiento apremia del mundo un viento, una cima ondeada!,  
la tierra a la cual llevo es un ejército de hombres que del polvo surgen  
y todos los oscuros cielos se adelantan en agua.  
El agua bordea el centro que me retiene el corazón en un puñal,  
la espada me impide girar sobre mi misma y atender al horror,  
no la guerra,  
más acá de lo temible, el agua ciega los ojos  
y la sangre de cada día en esta hoja de todas las palabras.  
Avanzo, avanzo por esta interminable muerte...

Mi caballo se paró de pronto bajo este árbol del mirto y bajo este árbol del laurel.  
Veinte pies de alto mide el que al caer en seco sobre la húmeda raíz,  
ve el hueco enmohecido de la tierra,  
la altura de cobre de la guerra,  
para siempre todos los caminos llegaban de aquel sonido y mi casa, mi ciudad y mis seres queridos caían desde  
mis tímpanos,  
hacia arriba gritaba aquel rojo encendido, aquella lengua de incendios,  
Alto, alto, es el hombre, un gigante.  
Miré con los ojos al que me saludaba y sus pies se desplomaban del caballo sobre el polvo,  
y mi cabeza bajé ante su bautismo de tierra.

La rendición  
en el cuerpo,  
no la paz blanca, tela ondeada desde la cima.  
Toda mi muerte y toda mi vida ofrecí en tierra,  
la palma hacia arriba auguró la fortuna y  
cayeron fibras de oro, amenaza de gozo,  
todas mis manos pobladas de los caminos,  
recogió,  
y marché sobre las líneas del hombre.

**Extranjero:** ¿me pides el desarraigo de la raíz la costumbre?

**La reina:** enteramente.

Comienza la subida desde el mar a las tierras de Mesopotamia,  
de parte a parte herida, a través del metal dócil, herida,  
tierras raras las de la inteligencia,  
dejarse andar la pisada por un arrumbamiento.

**Cristo Torres (Espanha)**

**NOCTURNO Nº 13, CHOPIN.**

Crece al final el tosco negro piano, aislado, purificado en un punto negro de ángulos puros, con una fuerza exterior definitiva. Mi ojo concentra el objeto y hundo todas las ataduras con el mundo y se realiza el cuerpo.

Crece al final el tosco negro piano, huele quemado y se arracima el aire, el fulgor, si es fulgor quema de una vez, los cielos arriba rojos de un rayo caen y se desploman sobre los dedos verdes, acabados. Es el umbral que avanza sobre el cuerpo, el umbral extraño y asombroso, sombra que no deja de irse en la muerte, la muerte la descomunal, y en este umbral del dolor, el alma se levanta en ceniza y el oscuro polvo del mundo en sonido expresa el mundo entero.

En el umbral, cuerpos desnudos que no avanzan hacia la luz, y en la noche, una catedral negra con poder de resurrección.

Y es, el asombro del alma al pisar el frío mármol, agua, azulamiento, luz de sombra, azul que cierra todas las cúpulas, cúpula azulada, celeste.

Llueve.

*Lacrima amantis.*

Las aguas de rodillas caigo en la inflexión hacia ti.

¿y si hacer algo de alguna forma inacabada, incompleta, inconfesable?

Me confieso redonda al suelo, y caigo de una vez sobre este movimiento que vuela o se abate sobre nosotros.

Todo es oscuro, y no es más que sombra, todo es luz y no es más que una curvatura estrangulada del color de un cuerpo sobre otro, el cuerpo sobre otro, la sombra de padecer una matriz, una madre, una luz que amanece desde los pliegues del rojo, rojo encendido, sanguíneo, ardiente.

**Cyro de Mattos (Brasil)**

**Os Ventos Gemedores**

Dizem do cardo e sua voz  
Que fere e não cura.  
Paredes com sopapo de barro,  
Varas escorando a trama  
No zinco cheio de furos  
Por onde entram aranhas.  
Dizem da flor sonora  
Que a agonia gera,  
Do fruto ensacado até o teto  
Para o deleite de poucos  
E a ferrugem de muitos.  
Da crueldade dos lucros  
No tempo vingativo  
De intermináveis tocaias.  
E o pior de tudo isso  
É sua música invariável  
Na súplica que entardece  
Impressa de nódoas.

**Campeio**

Cruz no chapéu,  
De verde gibão,  
No meu burrico  
Venço a solidão.





**António Fernando Cascais**

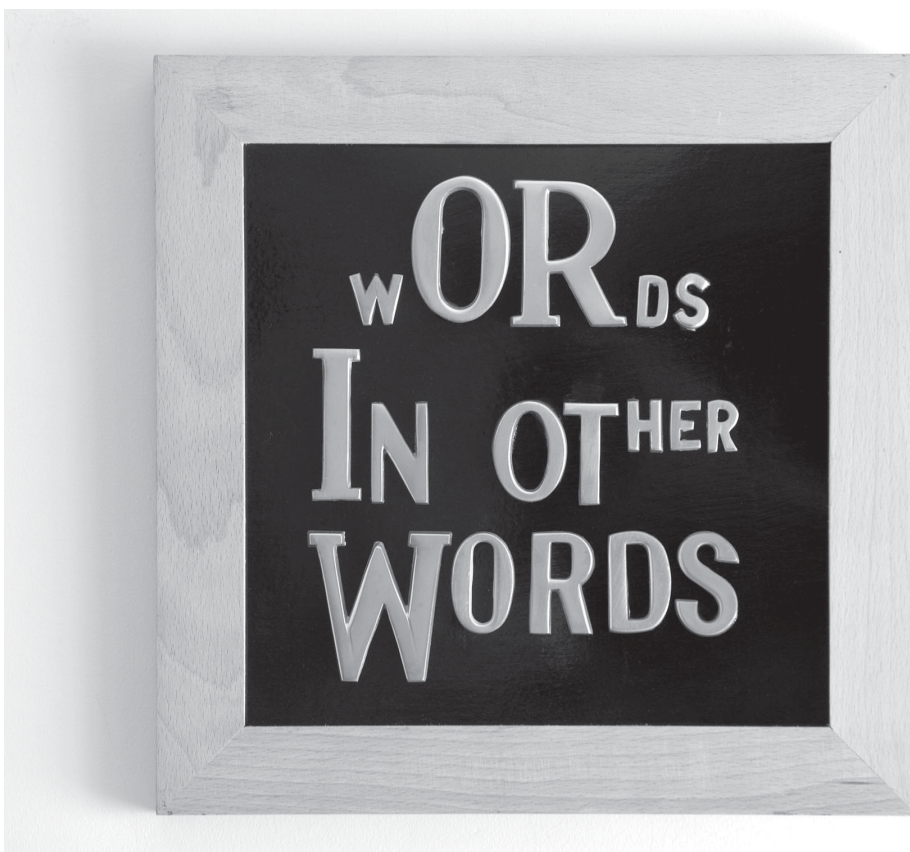
Obscuridade

As palavras ígneas precisam da sua solidão  
e como dizer-te,  
se o silêncio a que aspiram tem vestígios de presença humana,  
a de quantos já lá amaram o princípio de todo o sentimento,  
como dizer-te,  
quando esse lugar volátil se engolfa coração adentro,  
que a obscuridade tem vida própria?

Vita brevis

Não habitua a ausência só por repetir-se. Porque tem de partir  
quem amámos uma única noite e quem foi nosso uma vida inteira.  
E cada um como se fosse o outro  
e a mesma insuportável separação todos.  
A solidão não é não haver mais ninguém,  
mas já não nos responder a parte de nós que se perdeu neles.

E que éramos mais do que este nós mesmos que resta  
em quanto deles fica nada. Nada do que isto é: a gravata  
que ajeitámos um dia, presos a uns olhos rasos de amor,  
o recado descoberto sob um maço de papéis,  
“faz-me o nó, que sabes melhor”,  
agora só a lembrar-nos que já não é preciso.



*John Havelda*



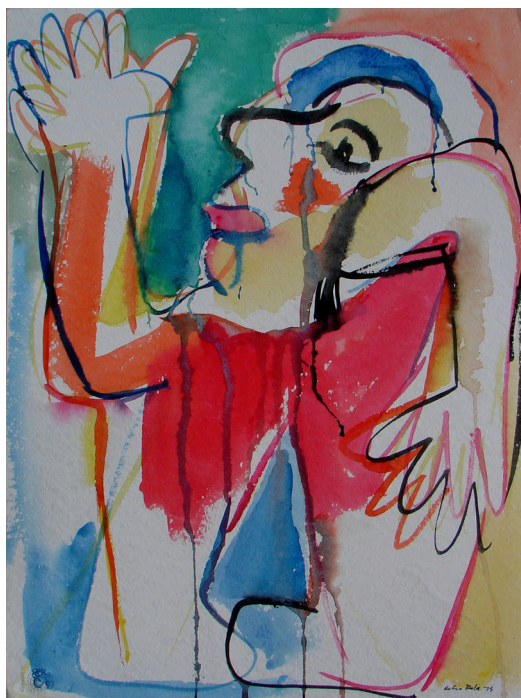
***John Havelda***

**Floriano Martins (Brasil)**

AGUARELAS DE HÉLIO RÔLA

**POR DIFERENTES CAMINHOS**

Teus beijos ensaiam uma alegoria em meu dorso.  
Eu os sinto como árvores dançando, flamejantes  
pétalas, constelação de árvores em plena colheita  
a sussurrar: todo homem é uma recriação.  
Durmo aos pés do amor, vadio à procura de lã.  
Apontas uma cidade longe em minha vertigem.  
Vendaval de migalhas, ilhas cegas, velhos  
mapas que não contavam com teu desamparo.  
O amor gira sempre em torno de si mesmo.  
Passa por aqui a galope o teu sexo emocionado,  
tua piedade de Deus bicada de remorsos.  
Um castelo agitado repleto de males menores  
e o vestido de baile de tua primeira ilusão.  
Passam máscaras como um pranto de roedores  
e luzes afogadas em poços da mais meiga solidão.  
Um único personagem em ti se atreve a falar  
e me acusa de jamais haver saído do poema.  
Aqui estou eu desfeito em verso, mal recriado,  
e sem saber como evitar voltar a ser o que sou.



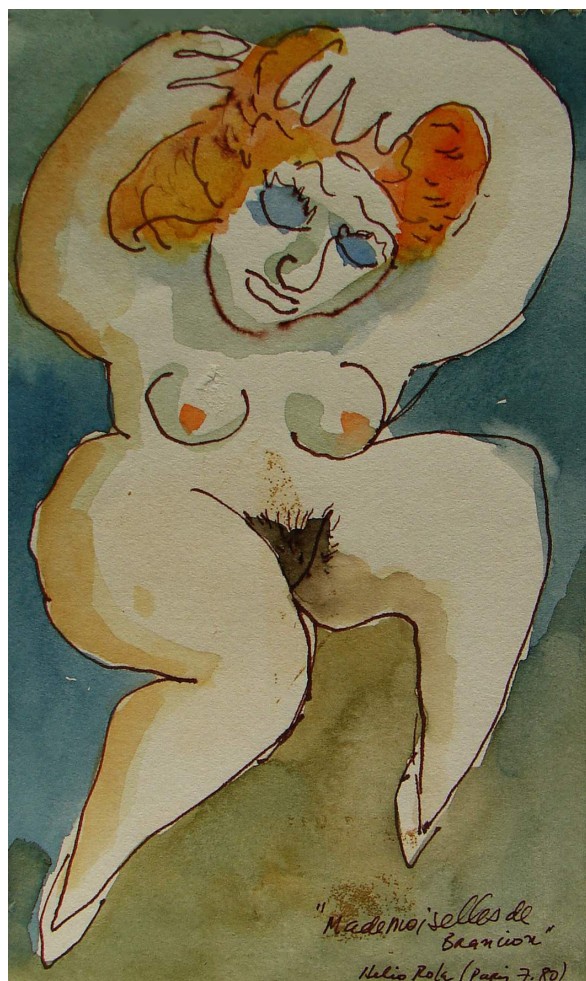


**FLORIANO MARTINS (Brasil)**

AGARELAS DE HÉLIO RÔLA

**COMO SE FOSSE UM ÚLTIMO BOLERO**

Como pequenos desastres migrando de árvores  
ou desertos fingindo a infância que não tiveram,  
expandimos a catástrofe de teus gemidos.  
Em tuas axilas um displicente alfabeto de algas,  
rumores de pássaros despedaçados com o canto  
preservado no penhasco com que me escutas.  
Vértebras da loucura, silêncios ventríloquos,  
nos alimentamos do capinzal que cresce  
entre um vislumbre e outro, pincel de nuvens.  
Já ninguém se atreve a indagar o próprio nome.  
Se a chave está perdida, desfeito o poema,  
que nome dar ao ramo de lágrimas que visita  
de porta em porta o vilarejo de teu abandono?  
Parte do que somos somente nos recorda  
se um acidente lhe importa: entrada redecorada  
por cupins ou sátira do acaso a reinscrever  
o homem em seu trajeto. Parte do que somos  
somente o desgaste reaviva: proeza concreta  
de carcomidos ciclos da humanidade encravada  
em nós. Nós da memória, rasgos, erosões da alma:  
longa jornada da decomposição, até que  
reescreva seu nome destinado a apodrecer.





**Hugh McCarthy**

*Inhale Exhale 1, Mixed Media on Canvas, 1m x 1m, 1997*

Hugh McCarthy's new paintings and works on paper contain amorphous masses and geometric areas of colour that invade and leave the picture plane. These abstract compositions reference product labels, 80's computer games, and advertisements amongst a plethora of motifs culled from the history of art, both past and present. With this booty of painted and computer-printed quotations McCarthy creates types of hybrid landscapes or tweaked dreamlands.

These New paintings engage a notion of "Organized Living" and comments on commercialization and its dialogue with the surrounding wilderness. Yet there is a harmony to be found in this play of opposing parts as they fuse together to communicate McCarthy's aesthetic interests.

This unique style moves from landscape to abstraction with energetic colour, fanciful doodles and sophisticated line drawings and by juxtaposing disparate elements, such as biomorphic and mechanical forms, masculine and feminine elements, he establishes a sense of tension throughout.

These new works contain a complex array of signs, symbols, colours, and shapes, a celebration of freedom - aesthetic, commercial, sexual or otherwise. His paintings represent not only the sleek image of contemporary life but also the very spirit of post-modern capitalism. Bright and artificial, the convergence is both a retailer's utopian vision and, to the critic of consumer culture, a dystopian nightmare. Hugh's vision is celebratory and appalling in equal measure.



*Momentum overtakes strategy 3, Mixed Media on Canvas, 1m x 1m, 1997*

**Hugh Mcharty**



*Skewed Perspective 26, Mixed Media on Canvas, 1m x 1m, 1997*

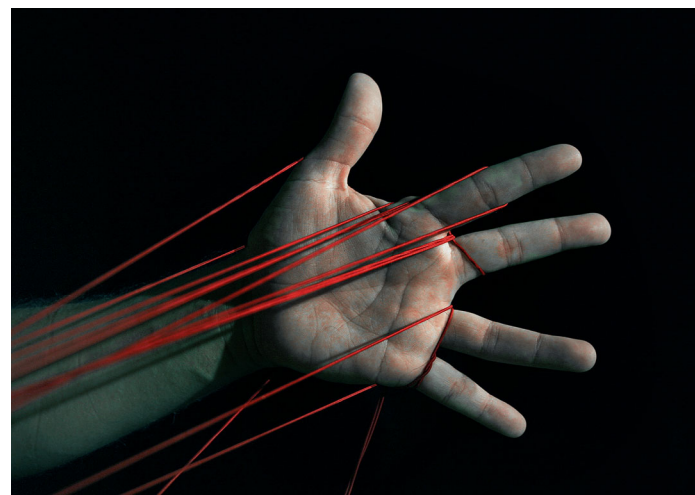
*unabsorbed event 3, Mixed Media on Canvas, 82cm x 165cm, 1997*



*unabsorbed event 8, Mixed Media on Canvas, 82m x 165m, 1997*

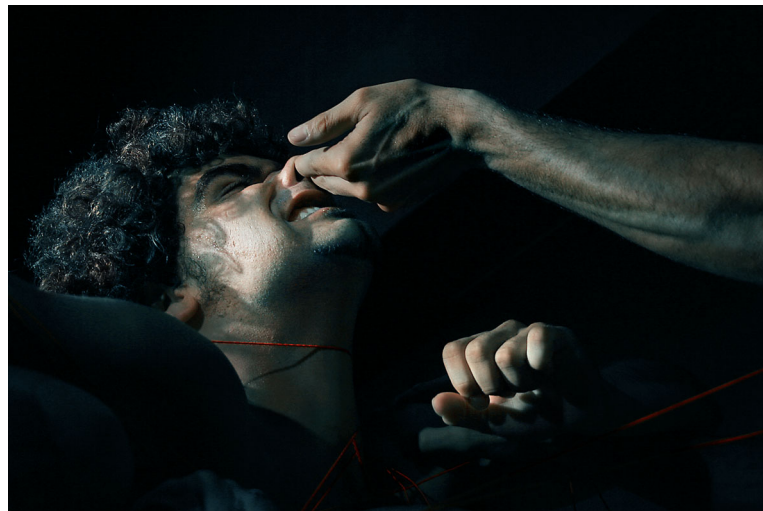


**Andrea Inocência**





**Andrea Inocência**





**Andrea Inocência**





**Graça Magalhães**

a tecedeira rendilhou os panos  
a infância ladeada de igrejas  
os tiros aos pássaros e outras brincadeiras rezas diversas  
como nunca deixar as aldeias para ver o sol de lado

é a doçura serrada  
na fileira de pestanas alinhadas  
a dormir o sono e o sonho  
às palavras brancas de chuva  
ao embranquecer a calçada  
espécie de ternura aguada  
povoada de olhos como barro a desfazer  
de telhados como imagens  
a descer os fios da pele.

Falarei de raivas dispersas aladas incontidas

no amor inútil sobre as coisas

no fim a merecer o futuro das terras subterrâneas  
com um cimo de flores cantadas  
miudinhas, nervosas, rezas de lágrimas  
mortalhas de secar a esperança falhada de acordar

De chegar em pequenos nós

De quase acreditar o eterno  
De não lembrar que vestidos voltaremos violentos  
à cinza ostentada como ouro em vida

Alguns viverão acima das casas e serão pedras  
como outros a pairar dentro das palavras  
entre civilizações nascidas e desesperadas  
Como pós de cinza sem mais nada  
Apenas um cimo de flores quase a desnascem as cores



**Martin Parr**

G.B. ENGLAND. New Brighton. 1985.





**Martin Parr**

G.B. ENGLAND. Greater Manchester. Salford. Fred's barber shop. 1986.





**Martin Parr**

GB. ENGLAND. Garden open day, from 'The Cost of Living'. 1986-1989.





**Martin Parr**

GERMANY. Oberhausen. 'Centro', Europe's largest shopping centre.  
Charlie's farm, self-scanning for easier shopping. 1996.





**Martin Parr**

G.B. ENGLAND. Conservative 'mid summer madness' party. 1988.





***Martin Parr***

PORTUGAL. Braga. Bald Patch.

'I've always been fascinated by people's heads. I was taking pictures of people in hats from behind, by myself, when suddenly this guy appeared with a bald patch. I followed him down the street. I don't think he noticed. Rear views are something I specialise in, but this was one of my best ever: a perfect hat, and a perfect bald patch. It illustrates the battle between hope and reality, the human spirit encapsulated in the back of a man's head'. 1999.

**Harold Alvarado Tenorio (Colômbia)**

**Junio 14 de 1986**

En Ginebra,  
donde conociste la felicidad  
has muerto, esta vez para siempre.

Alcanzaste a saber  
que nada permanece y que con el tiempo,  
el otro, que redactó páginas que llevamos en la memoria,  
también será alimento del olvido.

Dios no hubo en ti  
pero fuiste patria de muchos  
haciendo felices las horas  
de hombres y mujeres que habitaron  
un siglo perverso.

En Ginebra o Cambridge conversas  
con un joven  
frente a otro lago, durante la guerra  
que te arrancó la esperanza del corazón.

Tú, que levantaste una fábrica de palabras  
y la diste al eco de las bibliotecas

**Como si un sueño fuera**

Como si un sueño fuera  
en la foto permanecen  
sus amores.

Él con la camisa de colores  
y la baja tristeza de los años  
Él en su traje de cocinero  
el alto sombrero  
la blanca chaqueta  
su pequeña estatura.

Porque se habían  
amado con paciencia  
y sin fin  
conocían la dicha.



**Frank Selby**



*Disaster For Window 2, 2006, Coloured pencil on panel, 72,5 x 102 cm*

**Frank Selby**



*Disaster for Window 3, 2006, Coloured pencil on panel, 81 x 60 cm*

**Bettina Von Kameke**



Ballerina Natascha



Bear Micha

***Bettina Von Kameke***

Circus Humberto



Clown





HELENA VILLAR JANEIRO (Galiza, Espanha)

DIANTE DUN ATLAS

Ó neno uniformado de cadriños  
e cun dente melado  
ensináronlle a ler  
para pasar axiña  
de libro e de libreta  
e puxérono diante dun mapa-mundi  
para esta foto.

Sabe tamén  
que ás moradas dos cisnes de colo ergueito  
se lles chama lagoas  
e que os ríos baixan desde as montañas  
con augas incoloras  
inzadiñas de troitas pillando insectos.

Fixérono poeta  
e xa pintou a pombiña da paz  
con ponla de oliveira no peteiro  
e dous versos nas alas.

Como non cabalgou ó lombo do desexo  
de deter os sabores das cereixas  
entre os seus beizos  
e de que nunca máis floreza o crisantemo,  
o neno tardará en descubrir  
esoutro mapa-mundi que non é de papel  
trazado por pintores de sangue salabrado  
para despois mofarse  
— parapetados sempre nos garabatos desas fronteiras—  
das xentes desherdadas  
e das mamás que amamantan nas húmidas tristezas do platanal  
a meniños  
guerreiros sen escola  
contra os que se disparan día a día  
canóns de fame  
mentres que o vento  
lles nega a sinfonía natural  
do pan e os pozos de auga.

**Verónica Marques**



sem título, óleo sobre tela, 200 x 120 cm, 2006.



sem título, óleo sobre tela, 200 x 140 cm, 2007.

**Verónica Marques**



sem título, óleo sobre tela, 200 x 140 cm, 2006.



sem título, óleo sobre tela, 200 x 100 cm, 2007.



isabel pedro

bread and roses

this  
is a place  
where bread  
and roses  
have an history  
this  
is the story of a princess  
who cheated her husband  
who cheated her  
this  
is about  
the miracle  
of turning  
bread  
into  
roses  
not roses  
into  
bread  
for the poor  
for the princess  
who knew perfectly well  
you can't eat  
roses  
turned  
bread  
into  
roses  
that the poor  
might  
have  
something  
to eat.  
They said  
they tasted  
fine  
and smelled  
divine.

**Edith Morin**



Video still, 2007

***Edith Morin***



Video still, 2007



**Edith Morin**



Video still, 2007

**Edith Morin**



Video still, 2007

**Lourenço Cardoso (Brasil)**

**Questão de Gênero**

as mulheres\* assumem-se  
socialistas, capitalistas,  
feministas, machistas...

e não me entendem  
quando me assumo Preta  
vivo minha pretidade!

qual a necessidade  
de me assumir preta?  
senão na polis  
onde a minha humanidade  
é negada

---

\* escrevo mulheres  
subentendo homens  
esta atitude incomoda  
nós homens  
assim como incomodam as mulheres  
que não admitem serem subentendidas

Eu [homem]  
escrevo genericamente mulher  
subentendo homem

paradoxalmente rebelo-me  
também não quero ser subentendido

protesto  
que a questão  
não foi resolvida  
e sim polemizada





**Fernando Aguiar**

**Isabel Ivars**



**Isabel Ivars**





**Isabel Ivars**



**Laurenço Cardoso (Brasil)**

**Era uma vez uma porta**

(a)  
sou porta de vidro

(b)  
sou humano  
cabeça de martelo  
e coração de pedra

vou em sua direção!

(a)  
por favor não venha não!

(b)  
eu me vou!  
eu me vou! eu me vou!

sou reflexo de ódio,  
estou repleto de mim

(a)  
já que é assim...  
não venha com toda  
essa pressa  
eu enxergo de longe  
eu lhe entrego a chave  
eu lhe ofereço amor

(b)  
lembrei qu í....  
eú não conversu com porta!  
!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!

(a)  
eu... e..u, e...

plas, plunt, plac, pluf, plun...

(b)  
era uma vez uma porta

passei....  
e pronto  
plac, plax, plun

passei como quem nem viu!  
não vi mesmo!!

ouvi

o estrondo  
nada senti

(a)  
sou estilhaço  
ex-porta de vidro  
não volte a passar por aqui  
ser humano  
cabeça de martelo,  
coração de pedra

temo pelos seus pés descalços

**Feliciano de Mira**





**Martine Feipel**



“Vertigo”, Huesca, Spain, 2006

**Michael Franco (EUA)**

*from* A BOOK OF MEASURE Vol II/ 8th Circumference

\*

where as years do not.

I drop my own red seeds as I go in a ludicrous attempt to guarantee my way back.

fingers stained. metaphysical Bartleby.

\*\* \*\*

– but metaphors become slippery in the hand if not a little fishy in time – thoughts out of water and so on – before they collect in the throat and begin to irritate like a barbed set hook. best to wrap them up in a square of old paper and set them out with the trash.

\*\* \* \*\*

murmurs in both that is each. reaching that will relinquish. psalms spill forward into praise.

quiet that listens. abandon that arrives. small tune whistled while walking that stirs up comfort.

still race. still life.

\*\*\* \*\*

still persistence is a pleasure as walking in the quiet shadow of a near ocean can renew.

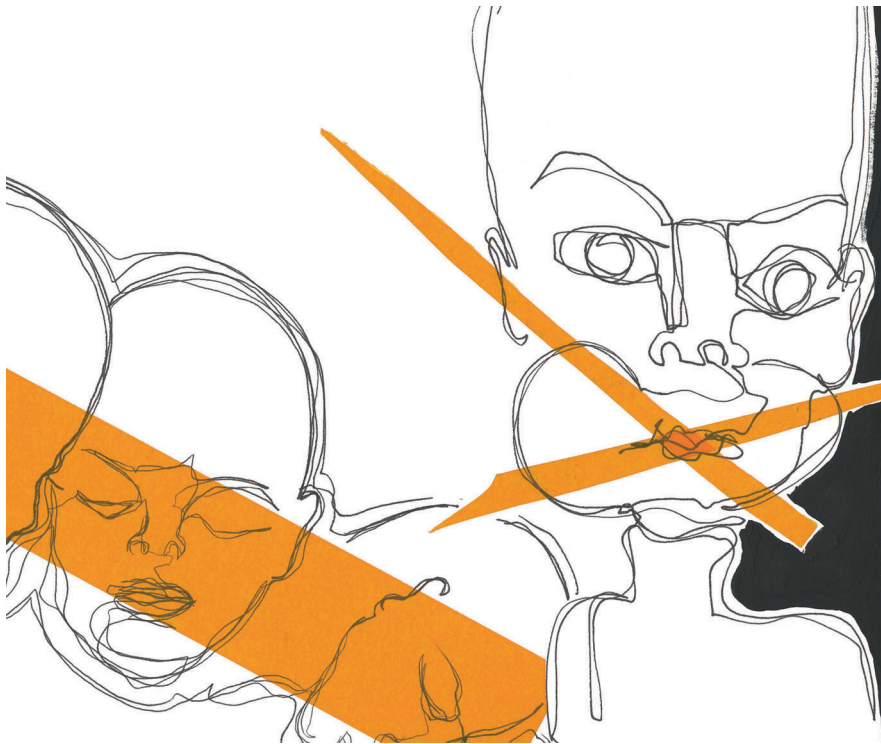
the view then is everything. the waiting desert might just be the sea if seen at night at the right angle. the beautiful woman momentarily glimpsed just might be a life.

\*\*\* \* \*\*\*

wife car color self might be derived or might be derided as copt. the persistence of rain does not in fact recall all of those foggy mornings or days of change but is simply a returning annoyance or the blossoming aroma of a life living.

but a figure may slip there where the bee sips and quick as quickness pass from soul to tip of tongue where cherry red on embarrassed borrowing it blooms out into specific instruction.

Ina Elke



009 Pastillas 1



061 Münzeinwurf



**Mike Basinski (EUA)**

Seethe

adorn carefully sea pear salted  
ring lettered strands of lettuce  
lattice, lace ladder adder  
in the hand of the Queen  
the harp. Palmolive in the other  
between the lions of her breasts  
seabirds and beasts and a skirt of figs,  
like Eros or Pan,  
contained within wreaths of bones,  
bowers, spirals of style eyed lied acanthus,  
sea peach ate leaves of vine news  
find inhabited scrolls  
but none of these are known to exist  
warm for her form,  
her storm, swarm,  
born for her worm  
forlorn for her war lore  
escape the imposed stylization  
her face ravaged by vandals  
yearn for her yarn  
dream of her porn  
star

Cup Right Bergin Bower

Thee white uniform a floor  
thee long-plum ooze akin  
acid unknown waitress  
salads and cantaloupes  
heavy heaven oily Odor  
a door amour moon ray eel  
acid unknown constituent  
it occur salacity  
votive iris tapeworm waitress  
of buttered cups of coffee



“MUNDOS PORTÁTILES. MUNICH EN PERUGIA.” 2006.

Pedro Marqués d'Armas (Cuba)

(crónica)

el chino que colgaron de un pie  
en las Caletas de San Lázaro  
el que se metió de cabeza  
en los filtros de Carlos III  
el empalado de la loma  
del burro el trucidado  
del camino de hierro  
el último peón

toda esa gente en aprieto  
toda esa gente a la sombra  
de qué

el que bebió la flor (pública) de los urinarios  
el que degolló al Conde y lo dieron por loco  
y después inventó un aparato para matarse  
(Engranaje-Sin-Fin)

el verdugo que entraba por el boquete  
el que le cortó la cara al Padre Claret  
en un raptus luego de misa  
el embozado que le pasó  
la chaveta el que empleó  
el veneno que no deja  
traza (Rosa francesa)

toda esa gente en aprieto  
toda esa gente a la sombra  
de qué

el amante de la Bompert  
apresado en el Hotel Roma  
a 30 yardas de la Iglesia de Cristo  
el que gritó — ante la trigüeñita de los doce años  
y el padre enloquecido colgado de un gancho —  
ansias de aniquilarme siento el que soportó  
el giro del tórculo pero no a las legionelas  
el que arrojó vitriolo al negrero Gómez  
junto al altar el que prendió yesca  
el que echó la mora al agua  
atada al cepo — dicen —  
desde la eternidad

toda esa gente en aprieto  
toda esa gente a la sombra  
de qué



Laura F



"MUNDOS PORTÁTILES. ISTANBUL EN VENEZIA." 2006.



**Pedro Ramos**



A Caminho da Imaginação



Fica Mais Um Bocadinho



Pepe Vera



(c) Photographie. PEPE VERA. fotovera@hotmail.com

Dominicanos en el pantalan





(c) Photografie. PEPE VERA. fotovera@hotmail.com

Dominicanos en el parque



**Pepe Vera**



(c) Photoqrafie. PEPE VERA. fotovera@hotmail.com

El salto



**Pepe Vera**



(c) Photorafie. PEPE VERA. fotover@hotmail.com



Pepe Vera



(c) Photoqrafie. PEPE VERA. fotover@hotmail.com

Refrescando a Neptuno

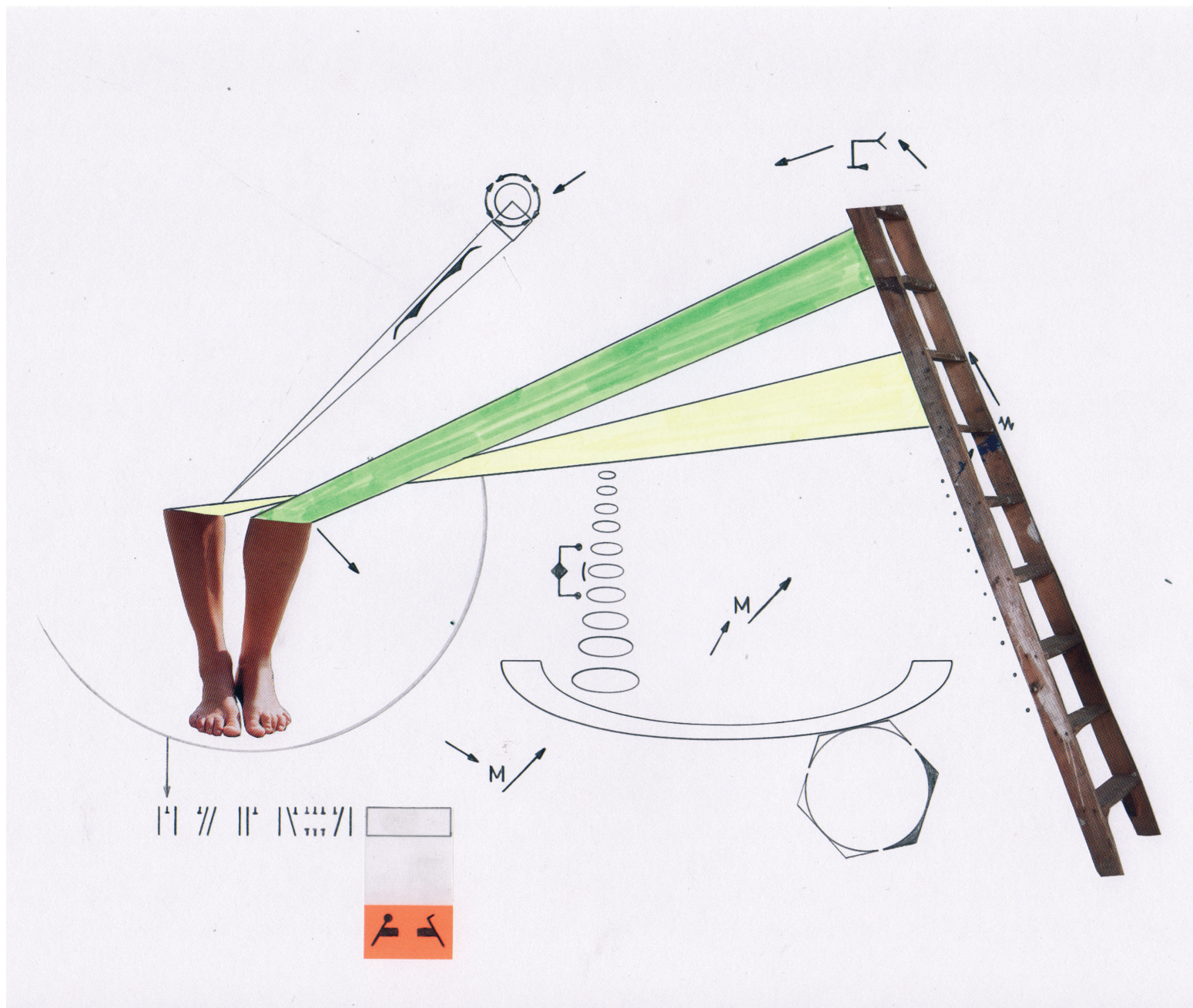


Levin Haegele

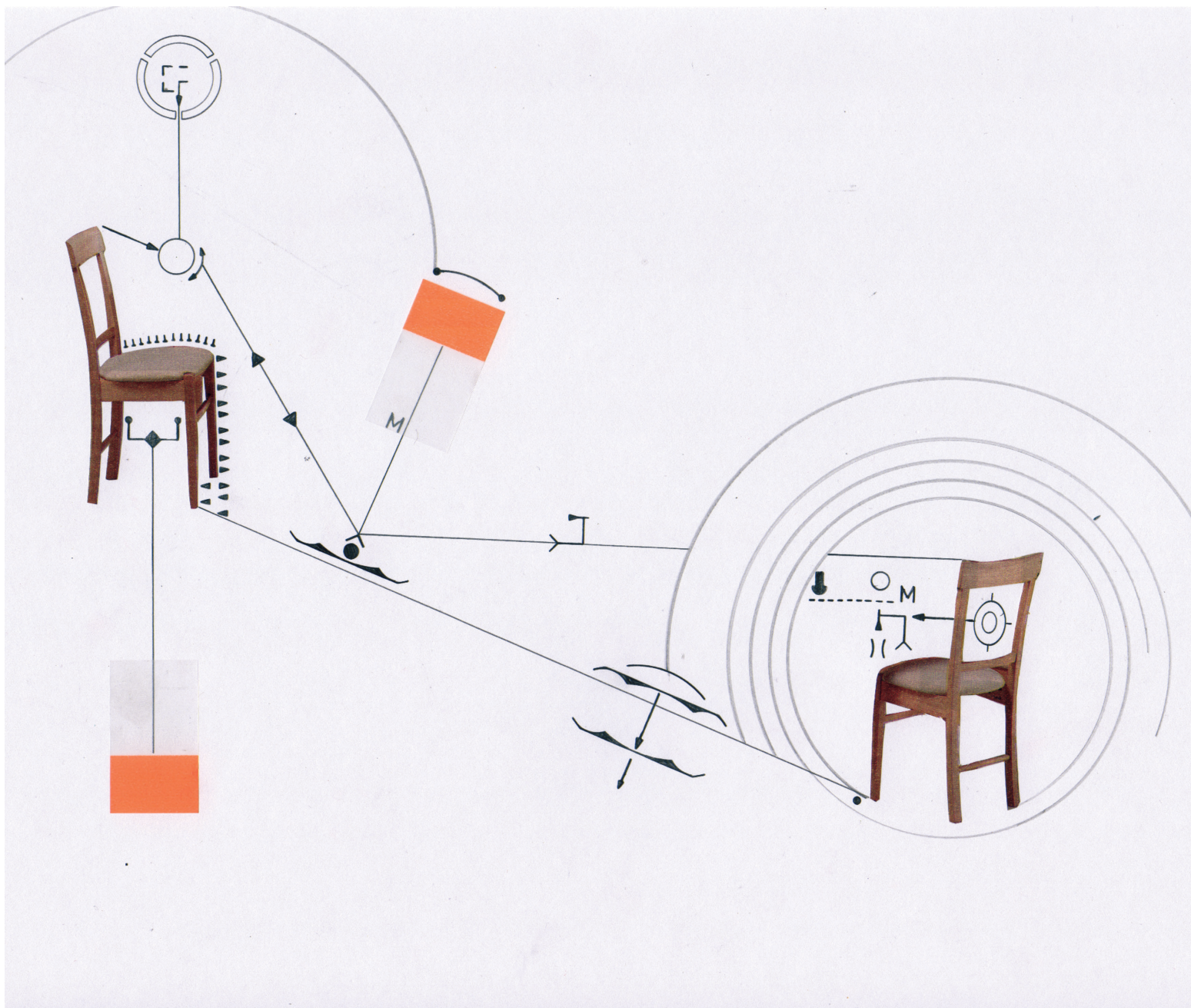




Levin Haegele









**Sigbjorn Bratlje**



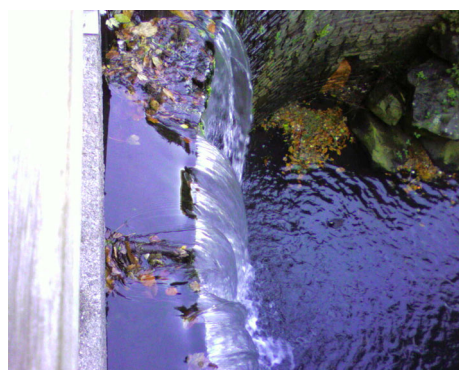
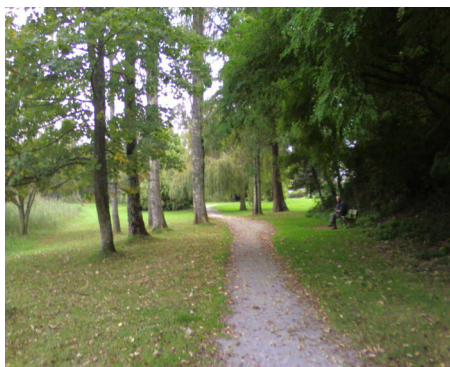
"Geek Chic 1" - acrylic on canvas, 150 x 100 cm, 2006.



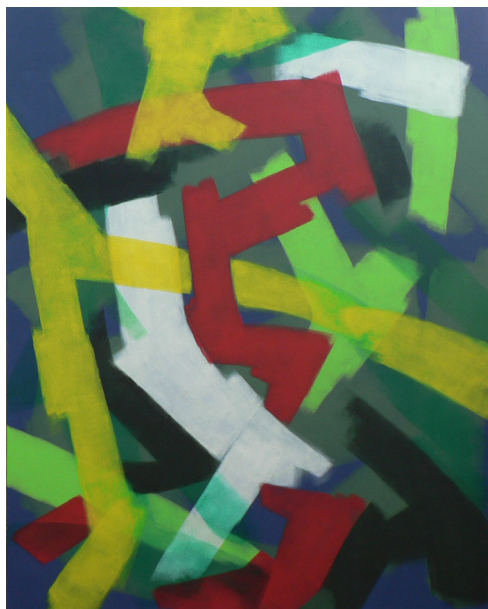
"Put Your Hands in the Air and Wave'em Like You Just Don't Care" - embroidered textile, 100 x 45 cm, 2006.



**Natália**



**Alcina Almeida**





**Pedro Marqués d'Armas (Cuba)**

la poesía  
tiene amarres  
y riendas  
cortas

amárrala  
corto  
con un yambo de cinco  
pies

y arrástrala

a la casa  
oscura del no  
barroco

(esto si  
puedes)

la poesía  
tiene su  
cosa



**Georgina**

**Ponç Pons (Menorca, Espanha)**

## UN TAL WALSER

Ha vingut caminant a Sa Figuera Verda  
i ha demanat confús: On és la neu?  
Li he explicat que a Menorca mai no fa prou fred  
i les nostres muntanyes només són pujols.  
Ha somrigut benèvol. Hem anat  
a passejar en silenci i ha intuït  
content estranyes formes en els núvols.  
Ha besat un ullastre, ha acaronat  
una paret i en veure les figueres  
que tenen dos-cents anys, emocionat,  
s'ha llevat el capell per fer una reverència  
i ha dit: Són ben iguals que les que hi ha a La Bíblia!  
Mentre tornàvem m'ha contat que escriu  
una història difícil sobre uns germans Tanner.  
Asseguts a l'aljub hem vist pondre's el sol.  
Tenia els ulls molt blaus i el pensament molt lluny.  
De cop, ha fet un gest d'adéu i se n'ha anat,  
com una ombra que fuig, cap a Binifamís.  
Quan passava espectral amb paraigua pels horts  
plens de fruita cap gos s'ha atrevit a lladrar.

## UM TAL WALSER

Veio a pé a Sa Figuera Verda  
e perguntou confuso: Onde está a neve?  
Expliquei-lhe que em Minorca nunca há frio que chegue  
e que as nossas montanhas não passam de colinas.  
Sorriu benévolo. Fomos  
passear em silêncio e intuíu  
contente estranhas formas nas nuvens.  
Beijou um zambujeiro, acariciou  
uma parede e ao ver as figueiras  
que têm duzentos anos, emocionado,  
tirou o chapéu para fazer uma reverência  
e disse: São bem iguais às que há na Bíblia!  
À volta contou-me que anda a escrever  
uma história difícil sobre uns irmãos Tanner.  
Sentados na cisterna vimos o pôr do sol.  
Tinha os olhos muito azuis e o pensamento longe.  
De repente fez um gesto de adeus e foi-se embora,  
como uma sombra que foge, para Binifamís.  
Quando passava espectral com guarda-chuva pelas hortas  
cheias de fruta nenhum cão se atreveu a ladrar.

## FUMERES DE TARDOR

L'esilio che M'è dato onor mi tegno.

Dante

Des del camp menorquí m'acomíad mentre encenc  
fogueres de brancam com ofrenes per tu.  
La passió d'escriure i llegir m'ha portat  
dissident lluny del món literari i no vull  
formar part de cap grup limitat per l'edat  
(tenc més segles que Homer) que no sigui d'amics.  
Els antòlegs no saben on m'han de ficar.  
M'estim més, solitari, ser una illa dins l'illa.

## FUMAÇAS DE OUTONO

L'esilio che m'è dato onor mi tegno.

Dante

Desde o campo minorquino me despeço acendendo  
fogueiras de ramagens como ofertas por ti.  
A paixão de escrever e ler levou-me  
dissidente longe do mundo literário e não quero  
fazer parte de nenhum grupo limitado pela idade  
(tenho mais séculos que Homero) que não seja de amigos.  
Os antólogos não sabem onde me hão-de meter.  
Prefiro, solitário, ser uma ilha na ilha.



### Encontro com a Coruja

brilham o sete as pedras  
espalhadas na incerteza nocturna

o segredo encontrado, algum  
frio sanguíneo

– brindo ao desespero

e não me preocupa a lenta mastigação do tempo  
antes recuar como ecoam repetidos  
os gumes  
a esburacarem o saco

esferas numa brincadeira interplanetária  
cegas sempre  
no saco — o bico perturba  
a gravidade no impasse:  
o beijo na sombra

à saída da tenda uma enorme  
vontade de comer o céu à colherada

### Soneto do Carpinteiro em Dívida

o que talvez importa ao coração alfandegário  
não é a chave,  
quando muito o real valor de importar

– um sentido de porta a esquecer o jugo directo da cor

não importa se a porta faz de porta ou não  
se os olhos que a vêem estão fechados  
nem sequer a cifra da migração  
porque os vultos sobressaltam  
a multidão, no seu todo

embora se tenha como fixo esse vértice multifuncional  
traduzido pelo sentido que a porta  
na sua presumível realidade comporta  
o que realmente importa é a cópula  
no movimento aportado pelo serviço de alfândega

Jean-Luc Pouliquen (*França*)

de TRAVERSÉE

*Le soleil s'enfuit par delà les collines*

Une dernière fois les arbres

lancent leurs feuillage

à l'assaut de ses rayons

La nuit bientôt va les dissoudre

Nous reste leur poudre d'or

pour colorer nos prochains rêves.

de TRAVESSIA

*O sol foge para além das colinas*

Uma última vez as árvores

lançam suas folhagens

ao assalto de seus raios

Em breve a noite vai dissolvê-los

Resta-nos seu pó de ouro

para colorir nossos próximos sonhos.

*Trad. Latuf Isaias Mucci (Brasil)*



*Maria João Baginha*

*Asa de Anjo - Alpalhão*



**Jean-Luc Pouliquen (França)**

**de TRAVERSÉE**

**Pourrions-nous exister**

sans ce royaume  
dont ils dessinent les frontières ?  
Souverains de son histoire  
Nous y entraînons  
jour après jour  
les cavaliers de notre légende.

Et nous aussi  
un jour nous crierons  
terre ! terre !  
à l'approche d'un rivage  
si longtemps espéré  
A peine posé le pied  
sur le sable blanc de la grève  
nous oublierons les secousses  
de la traversée

Ne gardant du voyage  
que le souvenir de ses fêtes  
quand sur le pont les passagers  
dansaient d'un même pas  
autour de l'orchestre  
A moins que seul  
dans la légèreté de l'azur  
ne s'impose à nos mémoires  
le vol des goélands.

**de TRAVESSIA**

**Poderemos existir**

sem este reino  
de que desenham as fronteiras ?  
Soberanos de sua história  
Entramos nele  
dia após dia  
cavaleiros de nossa lenda.

E nós também  
um dia gritaremos  
terra ! terra !  
à aproximação de uma margem  
por tanto tempo esperada  
Tão logo pousemos o pé  
sobre a areia branca da praia  
esqueceremos os abalos  
da travessia

Apenas guardando da viagem  
a lembrança de suas festas  
quando sobre a ponte os passageiros  
dançavam no mesmo ritmo  
em volta da orquestra  
A menos que só  
na leveza do azul  
não se imponha às nossas memórias  
o vôo das gaivotas.

**Trad. Latuf Isaías Mucci (Brasil)**

**RÉGIS BONVICINO (BRASIL) & CHARLES BERNSTEIN (EUA)**

Brazil is located on the southern tears of the Americas

Brazil is a jungle with snakes who eat cakes

Brazil speaks Lebanese, Portuguese, Japanese, Guaraníese, Tupiense, *Inglese*

Brazil is an adulterating medley of intoxicated syncopations

Brazil has no relationship with itself because it has a relation only to itself

Brazil lays its cool hands on your hot head

Brazil was colonized by Indians who turned the Portuguese into natives

Brazil's Tolstoy is now doing tricks in a favela

Brazil is a land of palms and psalms

Brazil is the model of a model

Brazil is a charm bracelet that has become the necklace of the continent: São Paulo more European than St. Paul, Brazillia more bureaucratic than Geneva, Rio more alluring than Boca

"They've got an awful lot of coffee in Brazil"

In Brazil, the cuckoo sings "macaw, macaw, macaw"

Brazil is private property of no man's God and no woman's Fury

The patron saint of Brazil is its dreams, just as is its Devil

Brazil is a carioca not a polka

Brazil is Carmen Miranda's Tutti Frutti hats, Caetano Veloso's all-weather tropicalismo, Bebel Gilberto's number on the charts.

Brazil is the Elis and Tom "Waters of March" International Airport and Spa

Brazil is caipirinha with feijoada (caipira with fedora)

Brazil is home of the cassava or tapioca, what you call *yuca*, or *mandioca* or *aipim* or *moogo* or *macaxeira* or *singkong* or *tugi* or *balinhoy* or *manioc*

Brazil is the black mask of the PCC inscribed with the words *traitor*, *betrayed*

Brazil is 186 million stories, 186,000 poems, but only these definitions

Put your stocks in Brazil and your bonds in China, or is it the other way around?

Brazil is a figment of the imagination of the Amazon

If Pelé is poet laureate of Brazil, without ever writing a word, then Ronaldo Gaúcho is the Nijinsky, without ever having set foot in the Ballet Russe

Brazil is not emerging it's proliferating



The official religion of Brazil is not just samba but macumba and umbanda, tarantella and churrasco

Candomblé is the Brazil wood of world philosophy

Brazil is Fred & Ginger *Flying Down to Rio* with Dolores Del Rio

Under the veneer of its vivacity, Brazil is violent, a vile viper playing a violet viola.

In Brazil, anything goes for a chance, for a price, for a piece, for a dance, for a fight, for a night; *jeitinho brasileiro* is born free but everywhere in chains

Brazil's face never shows its heart even when they are identical

*Brazil* stars Bob Hoskins, Jonathan Pryce, and Robert DeNiro

*Brazil* was written by Terry Gilliam and Tom Stoppard

Brazil is concrete and syncretic

Brazil is impenetrable and forgiving

Brazil is cannibalizing and carnivalsing

Brazil is a baroque barcarolle with a bossa nova beat

Brazil's Lula is a little loco, but not as loco as Lucy

On Ipanema beach, at the very moment when dusk turns to night, you can hear Orpheus singing for Eurydice; he sings an elegy called Brazil

In Brazil, the real is the only currency that counts

**RÉGIS BONVICINO (BRASIL)**

**Caminho de hamster**

Fedendo a cigarro e a mim mesmo  
cruzo uma avenida  
ao anoitecer  
sirenes, carros

vozes abafadas  
avenida larga e áspera  
numa rua transversal  
o cadáver de um cachorro

atropelado  
rodas metálicas em ritmo lento  
fedendo a esgotos e a mim mesmo  
a um pouco de fogo, do isqueiro

fedendo como aquela maçã podre  
fedendo a música estúpida  
desses tempos  
e a mim mesmo

o lixo recolhido exala  
um cheiro nítido na calçada  
fedendo a sapatos e a mim mesmo  
a ratos, ao suor dos néons

a cadeiras e a mim mesmo  
a notícias inúteis e a mim mesmo  
fedendo sob a lua  
narinas entupidas de gás carbônico

o som do motor do ônibus  
fedendo as mesmas camisas  
fedendo a miopia e a mim mesmo  
fedendo a esquinas

exalando cheiros  
fedendo a expectativas  
que no entanto acabam  
na próxima linha



**Ricardo Aleixo (Brasil)**

**Estrondo**

*para Maria Esther Maciel*

Naquele entrecho  
mais lento dos  
dias, aqui, onde,

não importa o  
modo como os pés  
pisem as folhas

ao caminhar, o  
barulho quebradiço  
da sombra deles

(espraiada entre  
a calçada e as  
pedras-escombros

da casa) bem poderia,  
se ouvido por  
uma detalhista

como você, ser  
chamado de troar,  
estouro, estrondo.

**Uma alegria**

jamais minas gerais  
vibrou dentro de mim  
o rumor de seu invisível mar  
e o ouro puro de seu tambor  
transatlântico negro  
como naquele breve maio  
ensolarado de alegrias  
quando eu deambulava  
pelos becos e ladeiras  
de coimbra e descobri  
em meio aos graves portugueses  
os timbres de pequenas  
áfricas utópicas  
ali em meio aos portugueses

## Sarah Bridges

## Night Shift

*Love could not be cajoled, or bullied or bribed back.*  
Ronan Bennett

All night arguing with a bottle of whiskey  
& losing every time; busy burying the dead,  
in breach of bail replaying oldies in the mind,

slamming cupboard doors & bumping  
into mismatched furniture pieces,  
relishing the challenge of tight places,

finding a torn stocking hiding in a crack of leather  
– a re-heated love-tale gone off, a whiff  
of cat-piss left behind – laying back & yielding;

toppled ex-lovers & replaced household gods  
refuse to be covered up; house-trained ghosts  
wake up to the smell & taste of primeval lust;

now is not the time to dream-up fresh horrors,  
not the time for pounding hearts & dry throats,  
not the time for nostalgia for grazed knees;

listening to a country weepy & struggling with celibacy  
while night-dreaming of the usual stuff,  
nuzzling the bottle-neck for comfort,

a slurred question lurks beneath the whiskey-line:  
when was it?  
The last time I took a slurp of your wine?

When the moon comes crashing into the room  
science-trained minds & abandoned lovers suspend belief:  
love is nothing but a square peg in a round hole;

half-drowned in the stream-of-consciousness,  
out of sight but not to be denied,  
slurred questions call for slurred replies.

## Night stroll by the canal

Stone across the water; the being-stone  
of the stone, the being-water of the water,  
winter beer & mulled-wine, bring out

raw confessions in a tobacco-stained voice  
– yarns, unfettered by facts, plunder  
from a distant past, prettified scars,

erased footnotes – stories edited, bound  
& ready for sale, stopping only at the dog-eared pages,  
sparing you my tale of ruins;

slurred words begin to take a purple glow while emotions  
are shuffled for the next deal, a hungry & thirsty younger self  
now at ease, tulips & narcissi traded for cabbage & green-peas;

consulting the entrails of dead chickens & crystal balls  
will bring out nothing but canned truths,  
endless repetition & relentless echoes.

Yet I know: beneath the still-flowing waters, beyond  
the ticking of the clocks, there, lie the stop-and-start rhythms  
of another sort of repetition: a pulse, blood answering blood;

the spell of a cigarette in a quiet street:  
and all the time at my back I hear  
the sound of the axe on the cherry-orchard

getting near.



Sheryl Robbins (EUA)

**Memory As a Work in Play**

Take, say, the lunch box  
    open like a book  
and the hot sidewalk  
    the sun of yellow yolks  
and say only these remain

Not the state  
    the face or name  
of the boy  
not the parents' anger  
    later  
not the seeds of the idea  
    to "mix" a meal  
from whatever we could find  
    in his refrigerator

Just the twin bowls  
    of the open  
lunch box    the heat  
    the knowledge that  
this was the first of many times  
    eggs would  
bring me trouble

    But that last is made up  
    too rhythmic  
meant to be a truth that tells a kind of lie  
    but is a lie    a little joke  
    that accidentally tells the truth

Let's just say we squat on the hot sidewalk  
    the boy and I  
    stare down into the mess of eggs  
yolks grown huge and vibrant over the decades  
and begin to cook a memory about nothing really  
    but a little experiment  
and memory's own delight in practice

**from "Meditations on the Anahata Chakra"**

1  
It's so obvious  
    this vein bent close  
to the ear beating  
    its drum  
so that I hear it night and day

    here's how to write it out  
    whoa whoa whoa whoa  
it's just one word    this two-valved sound  
    the door opening  
    and shutting  
always down as two iambic beats  
    but you would know  
    if you heard it  
its one word caution  
    to a stubborn mule  
    whoa whoa

sometimes the obvious is the only way  
    to get attention  
ask Saul knocked sideways on the road to Damascus  
ask any woman in labor  
ask the one who said  
she couldn't stop for Death  
    whoa  
sometimes you're forced  
to listen with your skin.



**Martin Parr**

G.B. ENGLAND. Yorkshire. Steep Lane Baptist Chapel. 1976.



**do Ciclo Poemas do Arquipélago do Norte e Qurimbas**

*Será desta luz d'equinócio o manto verde azul  
quem te confere teu ar  
de canto singular*

Mutanda Ouamisi

**Ariel e o eterno**

1.  
Se o nada sou e para o nada me conduz  
O eterno  
Porque teimo em saber para onde vou ?  
Será que ao poeta em mim importa mais  
A beleza do gesto que a paisagem  
Se no fundo quem a cria é  
Em mim o "outro"?

2.  
No fundo é dentro do verbo  
Que os jogos de prazer se  
Escondem!  
Entre delírio e sedução  
Talvez  
Mas entre a magia e o alado  
Objecto  
Completo ou incompleto  
será  
O fingimento?

3.  
O que em teus olhos busco  
Para além de harpas  
e violas  
Se não a imagem voraz  
do que no meu espelho  
é sem razão.

4.  
Nesta secreta luz que de ti  
Emerge  
E o silêncio veemente  
Tece  
A génese  
De minha interior  
Revolta se chama  
Desejo.

5.  
Significante astral  
Na evocação de  
Panhalal Gosh e o impreciso  
Num sol de Celan.  
Alegria e suruma  
No coração que  
Não vê.  
Alma do desejo  
De través

6.  
Não sou nem poderia  
Ser  
Nem caliban nem  
próspero  
antes a noite  
que me habita  
ariel  
alma deste canto.

7.  
Recusa feroz da soberba e  
Do orgulho  
Serei antes a frágil folha  
Que a língua  
Convocou e renasce  
No amanhecer não sei quando  
Mas outra certamente e  
Livre.



**Xavier Zarco**

*Did sea define the land or land the sea?*

Seamus Heaney

1.

o mar entoa a voz da distância  
na clausura de um búzio

nada tem  
definitivamente  
de seu

talvez uma escassa sílaba  
que escapa  
como a areia da praia  
onde se entrega íntegro  
por entre os dedos de uma criança

2.

a terra entende  
o secreto idioma do mar  
a sua linguagem depurada

como ária que entre os rochedos  
se eleva  
na conquista das aves

no fascínio do voo

3.

e regressa o mar  
ao corpo da terra

busca a contemplação  
do rosto  
que embora alheio lhe pertence

espelho que é  
porque só renasce no olhar  
que demandando o pronuncia

**Xesús Rábade Paredes (Galiza, España)**

### **CONVOCATORIA**

Convoco os insubmisos  
contra as aves-reptil, perpetuamente  
tensadas cara á luz, pero cegadas.  
Convoco a rebeldía contra a fauna  
atafegada na raigame lenta  
da vida horizontal. No barro infame  
que nos foi apegando os pés e as alas.

Bendita musa que incendiou as voces  
das nosas nais nas vellas carballeiras,  
e sinalou coa punta do seu verso  
a testa do opresor, e foi contando  
a longuísima estirpe dos escravos.

Convoco no meu canto os instrumentos  
de todos os rebeldes,  
dos operarios lúcidos, intérpretes da historia  
contra a sinistra sombra.  
Convoco a tinta e a brocha que pintaron de rosa  
a estatua rediviva do tirano.

Convoco os desertores  
que non gardaron lei aos seus antergos  
nin lealdade á terra.  
Sinto unha pena inmensa por quenos trouxo á vida.

Convoco a luz alzada contra as sombras  
que desde abaixo nos foron invadindo  
co seu humus de séculos tolleitos.  
Chamo por todos vós,  
poetas incendiarios da esperanza  
nunha terra abatida e medio morta,  
eternamente amnésica.

Chamo por Rosalía,  
a poderosa voz dos desherdados.  
Chamo por Curros, o da lira torva.  
E polo Bardo: el quixo regresarnos  
con pé seguro e firme desde o antonte dos séculos.  
Invoco a Cabanillas na noite estrelecida  
para que Arturo acorde do seu sono  
e veña fundar reino na terra asoballada.

Vimos de moi atrás. Xa case temos  
as raíces viradas a contramán do tempo  
e unha fráxil memoria longamente abatida  
polos que nos negaron.  
Cánto os odiamos... Tanto, que non hai existencia  
que cicatrice o desamor herdado.  
Pero tamén amamos, porque nos marca o sangue,  
a lei do sangue, o leite que mamamos  
de peitos milenarios e amantiños.

## Charles Bernstein (EUA) – entrevista e comentário por Maria João Lopes\*

**MJL – A sua poesia tem um projecto político. Como é que podemos combater a cultura dominante quando a realidade, mesmo a imaginária ou imaginada, está colonizada e contaminada pela cultura dominante?**

**CH** - Com grande dificuldade, mas é um processo contínuo de resistência política ao nível da organização social das políticas nacional e local. A resposta estética é importante, embora insuficiente. As mudanças políticas só ocorrem a nível do poder do estado. Mas, ao mesmo tempo, muitas coisas podem ser feitas para minar os sistemas de reprodução social e cultural. Hierarquicamente, por exemplo, cria-se passividade cultural e divisões entre os grupos e indivíduos. Mas o projecto poético actua como uma espécie de pesquisa, desenvolvimento e pensamento de fundo, o que permite uma maior variedade de resposta à actividade política que nos é externa. Não podemos ter combate político sem reflexão — e uma das formas mais importantes de reflexão passa pela muito não-representativa, não-produtiva reflexão e pensamento que ocorrem na arte e na poesia, em particular ao nível verbal.

(MJL - *O poeta é um guerrilheiro, um guerrilheiro que actua nas margens. E pode e deve haver um projecto importante na formação de pensamento. A poesia pode apresentar modelos alternativos de pensar o mundo através de um trabalho de desconstrução da linguagem [para a reconstruir; esvaziar as palavras e voltar a enchê-las]. Bernstein diz, na sua “A-poética”: “A poesia pode, ainda que não o faça frequentemente, rachar ao meio o processo premeditado de des-realização social: encontrar um espaço intermédio para tratar os pormenores, a verdade de detalhes e constelações – pode fornecer um lugar para a construção de configurações e factos sociais e imaginativos que, em tudo o resto, são evitados ou ignorados. Mas, para atingir este propósito, os poetas têm de estar tão alerta para os presentes das suas culturas quanto os publicitários que criam os anúncios da tv; o que se traduziria na disponibilidade para entrar numa guerrilha contra as imagens oficiais do mundo que nos são despejados pela goela abaixo, como colheres de Pepto Bismol, breve alívio dos gases e da diarreia que são os sintomas óbvios de que a dura e incontinente realidade não desapareceu, mas tão somente foi afastada da discussão pública.”)*

**MJL - O multiculturalismo existe mesmo nos EUA ou é uma falácia?**

**CB** - A América não é o centro da cultura ocidental, mas é a que tem o estado mais forte em termos de poder militar. Não existe centro da cultura ocidental e nenhuma nação sozinha pode auto-determinar-se como centro; mas, por outro lado, não há dúvida de que os EUA são a força mais poderosa de reprodução cultural e entretenimento. O multiculturalismo é o factor decisivo da fundação dos Estados Unidos, porque os americanos são de culturas múltiplas — apesar de haver uma força e uma tendência de direita muito poderosas nos Estados Unidos que querem criar, a partir desta multiplicidade, uma monocultura inglesa. Isso tem de ser combatido. Nada se pode conceber acerca da América que não seja cultural-plural. O que é difícil é arranjar uma forma de permitir especificidade e diferença entre as comunidades. A poesia é uma ótima forma de articular as peculiaridades que não se assimilam. Interessa-me muito uma poética da anti-assimilação. O verdadeiro desafio, nos Estados Unidos, em relação ao novo monoculturalismo inglês, é a população espanhola, porque a ela não há resistência possível: ela infiltra-se subtilmente e, ao mesmo tempo, a direita, que é o poder, quer re-impôr um padrão inglês, uma concepção anglófona do que a língua é — contra os afro-americanos e espanhóis.

O tema das línguas não-padrão permite alcançar uma multiplicidade de mundos de línguas, múltiplos vernáculos e múltiplos dialectos, que não têm de ser entendidos. A ideia de que tudo deve ser compreensível de um grupo para o outro, de facto, impõe a compreensão de um grupo por outro. Por isso, se a América quer ser cultural-plural, tem de aceitar as opacidades, as opacidades entre as pessoas que não entendemos. As pessoas dizem coisas que não fazem sentido para nós e isso tem de ser possível — o que tem implicações enormes na educação, mas também poderá ajudar a imaginar como é que lidamos com um mundo com múltiplas culturas. Usar as formas dominantes e usá-las contra elas próprias, expô-las, e não permitir que a falácia da transparência da comunicação e da universalidade destrua as particularidades que significam, para mim e por definição, opacidade, impenetrabilidade e não-assimilação.

(MJL - *O Multiculturalismo pode então existir, mas não baseado na ideia de que todos nos entendemos uns aos outros perfeitamente. O multiculturalismo está baseado na ideia de muitas culturas distintas e não numa cultura múltipla que apaga as diferenças quando não as compreende ou aceita.*

*Na sua “A-poética”, dizia CH: “Temos de nos livrar, tal como nos livramos de uma doença, da ideia de que “todos” nós podemos falar uns com os outros com a voz universal da poesia. A história ainda frustra as nossas palavras, e só seremos transparentes uns para os outros quando a própria história desaparecer. Pois enquanto as relações sociais forem enviesadas, a questão de quem fala em poesia nunca poderá ser neutra.*

*Eu próprio até me pergunto às vezes se nós, homens, podemos entender a voz das mulheres ao lado de quem vivemos e de cujos corpos viemos, já que diariamente ouço a versão masculina da voz universal da racionalidade tentando controlar, como se por ventriloquismo, os corpos femininos. E assim, enquanto homens, temos que tornar claro que estes homens não falam por nós, não nos representam, e que parodiam em vez disso o que os homens poderiam ser e tão raramente são.*

*Às vezes pergunto-me que sentido faz falar da possibilidade de comunicação entre todos os povos da América enquanto há gente sem-abrigo que a maior parte de nós aprendeu a afastar e manter fora do círculo humano de cuidado e reconhecimento – a menos que se trate da Estrela de Rock das Cadeias Emissoras Universais e do Tributo da Celebidade Infantil aos Despojados, dos Sobreviventes da Violência Racial e das Vítimas de Agressão Sexual.”)*



## MJL – Portanto, devemos ouvir o outro primeiro e só depois tentar comunicar?

**CB** - Ouvir sempre primeiro, mas também não presumir que se percebe o que se ouve: de forma a que “ouvir” seja “dialogar” em vez de “compreender”. Ouvir é conversar sem converter (como traduzir).

*(MJL: A ideia de dialogar “sem converter” o que se está a ouvir. A ideia da predisposição para ouvir sem entender. Conversar sem converter. Porque há mesmo coisas intraduzíveis de cultura para cultura. Realidades que, quando tentamos traduzir para a nossa cultura, acabamos por criar mal-entendidos, situações de perda de sentido para ambas as realidades. Realidades que, como nunca as entendemos, nunca somos capazes de as traduzir fielmente. Em vez de nos ouvirmos, começamos todos a falar mais alto. Há sempre muitas coisas que se perdem na tradução de mundos implícita na tradução de línguas. Contactar com a realidade, conhecê-la, saber que existe sem querer compreendê-la à luz da nossa compreensão — que não é ilimitada, mas imensamente limitada. A primeira prova de inteligência é o reconhecimento dessa limitação. Um professor e poeta disse uma vez, numa aula, que inteligência é tolerância. E disse-o para responder às raparigas da turma que se insurgiam, no contexto feminista no qual também me incluo, contra as práticas muçulmanas. Nessa altura, compreendi que há estruturas sociais, culturais, crenças e práticas nas quais não me revejo nem compreendo, mas que fazem todo o sentido para outras pessoas. E quando falamos nestas estruturas, estamos a incluir as estruturas de pensamento: a forma como pensam o mundo pessoas que pensam de forma tão diferente da minha e, por consequência, a forma como sentem. Acabei por aceitar dar a minha opinião sobre estes assuntos sempre que me pedem. Tenho obviamente a minha visão sobre o mundo com as culturas com que mais me identifico, mas hoje sei que há mulheres muçulmanas que se revêem naqueles valores e que não devo impor os meus a ninguém. E espero o mesmo respeito. Pode ser que um dia aquelas mulheres minem, elas próprias, aquele sistema por dentro, e nunca nós, por fora. Só nesse dia poderei sentir que afinal a minha visão do mundo talvez fosse mais justa. Mas só nesse dia. Até lá a dúvida persiste e estas opacidades, como lhes chama Bernstein, persistirão sempre, porque eu nunca poderei compreender. CH escreveu: “Quando ultrapassarmos esta ideia de que podemos todos falar uns com os outros, penso que começará a ser possível, como sempre foi, ouvirmo-nos uns aos outros, a um de cada vez e nas várias constelações que se nos apresentam ou que julgamos necessário criar”.)*

## MJL - Como é que podemos actuar nas margens?

**CB** - O conceito de margem deve ser sempre entendido como um termo relativo. Portanto, margens são paratextos, coisas que estão ao lado de um texto. Não há mais nada senão paratextos. Portanto, tudo é marginal em relação a algo e central em relação a outra coisa. Quando se fala em actuar nas margens, é sempre um processo dialéctico que envolve termos instáveis: a margem de uma pessoa é a localização de outra no centro. Tenho uma espécie de fórmula perversa de virar as coisas ao contrário, por isso sinto-me tentado a dizer, como disse Susan Bee, a minha mulher, numa das suas pinturas: “pensa digitalmente, age analogicamente”. Podemos actuar nas margens como se se estivesse no centro mas, para mim, o mais importante é quando se actua no centro como se se estivesse na margem. Temos de operar num dialecto invertido e perceber que ideias têm sido poderosas e privilegiadas. Mas também há formas de depravação, formas de estupidez auto-criada, porque, para criar algo como a máquina-de-guerra-Bush, tem de se criar um país de imbecis, que vivem de forma obtusa e cruel, pagando pela sua ignorância. Não há uma lei geral que nos diga como agir em qualquer situação e temos de ser específicos relativamente à dimensão social na qual nos encontramos. Para mim, a poesia é uma actividade social fundamental, não uma actividade de expressão pessoal. É expressão pessoal, mas vai beber ao que se passa no tempo presente em termos sociais, no complexo e multi-nivelado mundo no qual vivemos, o qual inclui tv, rádio, telemóveis, música pop, trocas interpessoais, livros de há mil anos atrás que leio. Todas estas coisas existem no mesmo espaço e isso é uma realidade social que é negociada. A poesia retorna ao mundo social como uma forma de reflexão, oferecendo formas diferentes de percepção — especialmente em relação ao que é ignorado, não perceptível, rebaixado...

*(MJL - Trabalhar à pequena escala. Actuar nas margens como se fosse no centro, mas, mais importante, quando se está no centro, operar como se estivesse na margem. E este projecto poético não se pode dissociar do carácter político e social da própria poesia. Poesia não é psicanálise, não é o explorar dos sentimentos profundos do poeta no divã. Poesia é uma expressão pessoal, mas voltada para fora. Caso contrário, não interessa ao leitor, vira-lhe as costas, funciona mais como consultório sentimental e menos como obra que me pede que a complete, que me desafia a completar-lhe os sentidos, fazendo-me perguntas, insinuando respostas, propondo enigmas, dando pistas, perturbando, intrigando, até me fazer ver algo novo, concedendo-me uma visão, uma viagem: novas dimensões, novos mundos, uma nova consciência das coisas.*

*De novo em “A-poética”: “O que se deve lamentar não é a falta de um grande público para um qualquer poeta, mas a falta do pensamento poético enquanto potencial activado para toda a gente. Nestes tempos de catástrofe ecológica, dizemos que as áreas selvagens devem não só ser preservadas, como também expandidas, sem nos importarmos com o número de pessoas que assim terá de estacionar os carros a duas milhas do local. O efeito destas áreas selvagens não se mede pelo público, mas em termos da regeneração da terra que nos beneficiará a todos os que vivemos sobre ela — e tanto pelo bem do nosso inconsciente colectivo como pelo bem da nossa consciência colectiva. Nunca estive no Alaska, mas para mim é importante saber que ele está lá. Os poetas não têm que ser lidos, da mesma forma que as árvores não têm de ter ninguém a sentar-se-lhes à sombra, quando se trata de transformar emissões sociais venenosas em qualquer coisa que seja respirável. Como poetas, afectamos a esfera pública através de cada leitor, com o facto do poema e exercendo a prerrogativa de escolher quais as formas colectivas a legitimar. O poder político da poesia não se mede com números; ensina-nos a fazer cálculos de forma diferente.”)*

## MJL - Como é que podemos atingir novas formas de pensar e mudanças de paradigmas? Com a linguagem da razão ou da loucura?

**CB** - Isso é como a margem e o centro. A escolha entre a linguagem racional, que é o centro, e a loucura, que é a periferia — e isso realmente encaixa em termos sociais. Historicamente, não temos dúvidas de que muitas coisas que ultrapassaram os limites da racionalidade eram mais razoáveis. Quer dizer, Einstein ou Galileu pareceram irracionais, porque a racionalidade, em si, é uma armadilha que, muitas vezes, não tem mecanismos de auto-correcção. Portanto, contrastava racionalidade com razão e razão, sendo um processo dialéctico reflectido que envolve intuição, envolve saltos de ligação, mas continua a existir num espaço social de resposta e diálogo. *Sub-contrasta* desta forma também com outras questões: um espaço dialógico *versus* uma espécie de espaço tecno-racional e a tecno-racionalidade é muito, muito importante para produzir tecnologia, para produzir conhecimento científico. Igualmente importante é a linguagem não tecnológica ou tecnocrática e não é loucura. Pelo contrário: para mim, a forma de loucura mais assustadora é uma forma de racionalidade que inevitavelmente traz consequências insanas em vez de algo que diz que é “a seguinte trajectória baseada nesta hipótese”. Apenas não tem de ser esta hipótese! Pode haver outras hipóteses. O mundo não é bidimensional, mas tem quatro ou cinco dimensões espaciais. Portanto, temos de estar disponíveis para trocar de posições de múltiplas maneiras. Não temos só fundamentalismo religioso, também temos fundamentalismo racional.

Uma vez aceites as tendências básicas, tudo o resto segue. Mas, se não aceitarmos, como lidamos com isto? As tendências universais e, infelizmente, a lógica do mercado operam como o segundo fundamentalismo, tão pernicioso quanto o fundamentalismo cristão, judeu ou islâmico. O fundamentalismo do mercado é igualmente insano. Portanto, uma coisa tem de ser feita: não aceitar a ideia de que o que é tido por insano é algo sem sentido ou insignificante — para resistir a essa ideia e resistir à *glamourização* do lirismo e da passividade (a qual pode perverter artistas e poetas que sentem que são marginais, que não podem fazer nada, que só conseguem reflectir e ver pensamentos). Pelo contrário, os modos alternativos de pensamento têm imenso poder se não os romantizarmos e usarmos a realidade social e o pensamento alternativo — ou a produção alternativa da realidade — para contestar a realidade que é apresentada (porque a realidade que é apresentada através do fundamentalismo, o fundamentalismo racional, religioso ou capitalista, pode ser gozada, ridicularizada). No caso do capitalismo consentem-se, por exemplo, níveis inaceitáveis de doenças — como a sida em África; ou a pobreza — como a maioria das pessoas da cidade onde vivo, uma das mais ricas do mundo. Nem sequer iria aos temas do fundamentalismo religioso, que é sempre intolerante. Mas há uma alternativa. Ninguém tem de abdicar de alguma crença em particular que eu não aceite, porque é uma crença diferente da minha, mas, quando partilhamos um espaço global, temos de ter uma visão da tolerância. Até onde podemos permitir a nossa própria prática em particular? Eu leio uma espécie de poemas em particular, mas não exijo que todas as pessoas leiam os poetas de que gosto. As estruturas de valores que temos tentam universalizar as suas próprias práticas e todas as pessoas devem praticá-las — senão vão para o inferno ou ficam prejudicadas para sempre. Há quinhentos anos atrás, tínhamos a Inquisição e hoje ainda temos, não aqui felizmente, mas, em outros sítios, ainda há a ideia de que, se não se acredita no sistema, é-se “infiel”.

*(MJL: A importância da alternância entre razão e “loucura” na produção de novo pensamento: Bernstein nem gostaria de chamar loucura à linguagem não-tecnocrática, na qual se inclui a poesia. E eu também não lhe chamaria, pelo menos com o sentido que, hoje em dia, atribuímos à palavra loucura. A História já nos provou que muitas vezes coisas que parecem sem sentido têm afinal todo o sentido (Platão, em Fedro, já nos lembrava disso). Se entendermos loucura como pensamento alternativo, a loucura acaba, então, por ser fundamental para um projecto poético — e político. Porque, como afirma Bernstein, é necessário contrariar o fundamentalismo racionalista que insista na ideia de que só há x hipóteses. O mundo é multidimensional, nós somos seres heteronímicos, portanto várias hipóteses são possíveis: a loucura que contenham será muitas vezes a sua própria razão. Bernstein acredita ainda que, no mesmo sentido, no sentido de levar um projecto poético para a frente, é necessário combater a ‘glamourização’ da loucura, porque esta poder levar à crença, por parte dos poetas, que são uns incompreendidos, uns marginais, que reflectem muito e sentem muito, mas ninguém os entende, porque pensam que são loucos. Porque a loucura significa pensamento alternativo, incluindo-se no conceito de ‘nonsense’, tão difícil de traduzir para português — porque se quebram as regras da linguagem — surge uma coisa sem sentido, mas afinal com todo o sentido. Esta é também o conceito de comédia de Bernstein, a sua proposta.)*

## MJL - A poesia é anti-conformista?

**CB** - Uso um verso retirada de Ralph Waldo Emerson — “A poesia é a aversão à conformidade na perseguição de novas formas” —, mas é importante dizer que a maior parte da poesia é fundamentalmente conformista e é grande poesia também. A poesia épica constrói a nação e representa as aspirações e ideias de uma cultura — assim se regressa a Homero. A maior parte da poesia, historicamente, representou as visões culturais dos grupos dos quais os poetas faziam parte e isto não pode ser negado, representando a maior parte dos poemas épicos. A ideia da poesia como não-conformista tem a sua própria história e muito importante. É essa parte da poesia que me interessa, mas não gostaria de *totalizar* o que a poesia é. A poesia tem uma função épica, afirmativa, em termos de estado ou grupo e, nos dois séculos passados, tem sido esmagada pela função lírica da expressão individual, a expressão pessoal e subjectiva do indivíduo, contra uma grande actividade cultural, que pode ser dissidente ou não. O que me interessa é a *poesia-não* ou anti-conformista. Só que o anti-conformismo vem da nossa visão pessoal do mundo, não da poesia. A poesia pode ser ultra-conformista, tal como a religião ou a política. A poesia é mais ou menos como isso: tem o espectro de muitas políticas em si. Uma das coisas que a poesia pode fazer,

numa dada cultura, num dado tempo, é mudar o conceito e o papel do que a poesia é: o que é a arte verbal? em que sentido a linguagem verbal é arte, por oposição à instrução, ou à comunicação ou ao contar de histórias? É isso que, para mim, cria a especificidade da poesia.

*(MJL - A poesia que mais me interessa também é a que não se conforma. Aliás, tenho dificuldade em ver o poeta como ser conformado, contudo, os há. Mas se são ou não poetas isso depende do juízo que fazemos e, a este propósito, é muito interessante a afirmação de Bernstein na resposta acima dada: “uma das coisas que a poesia pode fazer em qualquer cultura é mudar o conceito e o papel da poesia”. Contudo, a poesia que mais interessa a Bernstein é a que tem “aversão à conformidade na procura de formas novas, ou poderá sê-lo. Por forma,” diz-nos, “entendo maneiras de juntar as coisas, ou de as isolar despojadas, maneiras de dar conta do que é importante para cada um de nós, ou do que a poesia lança para um ar imaginário como cisnes voando de dentro das profundas do chapéu preto do mágico, de tal modo que de repente nós, como quando o céu fica de um momento para o outro completamente branco ou roxo ou azul fluorescente, começamos a respirar mais profundamente. Por forma, entendo como cada um de nós interpreta aquilo que, tão insistente e incompreensivelmente, rodopia à nossa volta, ou o gaguejo que se gagueja, o chilreio que se canta, ora afinado, ora desafinado. Quando recusa a conformidade, a poesia entra no contemporâneo: falando para as tensões e conflitos do momento com os meios então ao seu dispor. Quer isto dizer que dou mais valor à poesia que fende o que é normal, incluindo o que afinal é normal em literatura; a poesia que faz com que seja possível ouvir sons que, de outro modo, nunca seriam articulados. (...) As convenções, ao serem provisórias em vez de absolutas, temporárias em vez de eternas, foram feitas para ser quebradas. Ao considerarmos as convenções da escrita, estaremos a entrar na política da linguagem”.)*

**MJL - Quando escreve um poema, o que é que o preocupa mais: comunicar com o leitor, colaborar ou marcar uma posição?**

**CB** - Penso que estou mais interessado em reflectir sobre a linguagem e a comunicação do que na ideia de comunicar qualquer coisa que possa ser dita fora do poema. Para mim, escrever um poema nunca é ter algo para dizer e, assim, criar um poema para dizer algo que existe fora do poema. Por isso, os poemas são como câmaras de eco, a refractar a linguagem, a criar momentos acústicos interessantes e provocativos que não consigo entender e resolver. Se tenho algum verso óbvio para mim, mudo-o logo até ao ponto de não o conseguir entender, até ultrapassar a minha capacidade de compreensão; mas, ao mesmo tempo, com algum ritmo ou forma. Por isso, nunca se trata de ter uma mensagem para comunicar fora do poema ou simples auto-reflexão: trata-se mesmo de criar algo exterior a mim, um objecto verbal que tem a intensidade e a elasticidade possíveis.

*(MJL - Bernstein destrói assim qualquer ideia de autor ligado a autoridade sobre o poema e os seus sentidos, uma vez que nem mesmo ele percebe. A este propósito disse-me o contrário do que, normalmente, me dizem-me em entrevistas: perguntou-me, no fim, se iria editar a entrevista para o programa de rádio. Eu disse que sim, porque estava demasiado longa e porque atendeu também um telefonema do filho a meio. Disse-me para editá-la o mais livremente possível, para repetir afirmações, para as sobrepor, para andar para trás, para a frente. E vou fazê-lo.)*

**MJL - Acredita em inspiração romântica ou é sempre “work in progress”?**

**CB** - Acho que acredito em “inspiração não-romântica” (“un-romantic inspiration”) e em “trabalho em não-progresso” (“work does not progress”).

**MJL - Por que escreve?**

**CB** - Ideologicamente, apanhou-me pela garganta; por isso, escrevo para respirar.

*(MJL - A poesia como projecto social é, assim, tão importante para respirar como os projectos sociais ecológicos. Afinal, “Os poetas não têm de ser lidos, da mesma forma que as árvores não têm de ter ninguém a sentar-lhes à sombra, quando se trata de transformar emissões societais venenosas em qualquer coisa que seja respirável.”)*

**MJL - No mundo de hoje, como é que a poesia comunica, quando quase todas as formas de comunicação estão controladas pela cultura dominante?**

**CB** - Não é verdade que todas as formas de comunicação estejam controladas. A maior parte das trocas informais não estão controladas. Ao nível fundamental das trocas entre as pessoas, o Estado não controla. Há uma enorme quantidade de possibilidades para trocas informais, a série de mutações da cultura não podem ser controladas de nenhuma forma essencial. Contudo, devido ao conformismo e a nível da comunicação de massas, a maior parte dessa comunicação informal é robotizada, de forma que cada um tem de tentar empenhar-se o mais possível na proliferação de trocas não reguladas e informais — não só na arte, mas também no dia-a-dia. O valor da arte é que ela pode encorajar trocas informais e não-produtivas, no dia-a-dia, entre os indivíduos; e pode sustentar essa actividade e deflacionar os modelos — sugeridos pelas multinacionais e formas dominantes — de pomposidade e auto-engrandecimento nessa



espécie de hiper-concepções do que a comunicação deve ser. Há muitas espécies de formas dominantes que simplesmente não podem ser percebidas em termos políticos. Mas há outras dinâmicas humanas que também podem abrir... — podíamos até falar de poesia de amor... que não é só um facto de auto-expressão burguesa. Poesia de amor permite possibilidades de trocas por permitir comunicação íntima e expressar intimidade de muitas maneiras outras. Há poemas de amor que são muitos opressivos e outros sexistas, é certo, mas outros há com possibilidades de uma intimidade muito importante. Porque a intimidade é muito difícil de controlar. E isso é um aspecto muito importante do que a poesia pode fazer a um nível social.

**MJL - Essas formas de comunicação informais estão relacionadas com o que chama “as acções à pequena escala”?**

**CB** - “Pensa digitalmente, age analogicamente” é uma extensão de “pensa localmente, age globalmente”. Uma deformação. É o que eu penso. É a minha estética: o mais local possível, mesmo conosco próprios, ou com a família. Penso que agora o tema nos EUA é o casamento entre homossexuais. É muito importante em certo sentido; eu não poderia imaginá-lo, porque o casamento, para a minha geração, pareceu problemático, porque simplesmente reforçou uma espécie de concepção de estado, de como a nossa relação seria. Ver estes casais de homossexuais e lésbicas a quererem casar radicaliza o conceito de casamento... Por isso, é engraçado como estas coisas íntimas se tornam sociais e como podem recarregar os valores. São momentos muito poéticos numa cultura, transformam a concepção destas instituições tradicionais, mas também das palavras.

**MJL - Para julgar a poesia é importante considerar a ordenação ou a invenção no poema?**

**CB** - Bem, a música popular é um bom exemplo. As pessoas associam a música popular a quem são e onde estão. Infelizmente, a música popular é, muitas vezes, uma fórmula e muito redutiva. Tem em si um grande potencial, mas a forma do assunto é tão diminuída! A poesia tem muito mais potencial. Primeiramente, a tentar perceber esta realidade verbal, tem sentido sonoro, tem ritmo, tempo, energia — e, a partir daí, quase um desenho manchado do significado referencial das frases.

**MJL - Depois deste V Encontro de Poetas, acha que podemos falar de um padrão universal de juízo comum?**

**CB** - Um dos problemas (confortáveis, para mim), em Coimbra, é a predominância do inglês fora das leituras. Que a poesia deve existir na sua própria língua é um truísmo, não deve ser traduzida para inglês ou outra língua franca ao mesmo tempo — e as leituras obedecem a isso. Porque a predominância de algumas línguas tornou-se irresistível. Por isso, um dos aspectos realmente interessantes do mundo da poesia é que actualmente a maior parte das línguas não é compreensível para as outras pessoas. As forças de comunicação globais e universais tendem a uniformizar as línguas e os alfabetos, mesmo o alfabeto chinês que é anterior ao grego... As línguas são muito problemáticas...

*(MJL - As pilhas do gravador acabaram aqui. Infelizmente. Mas o que ficou dito já deixa perceber o quanto ficou também por dizer. O meu trabalho chega também ao fim, com a estranha sensação de que tudo ficou por dizer, porque Bernstein é um novelo que nunca mais acaba de se desenrolar.*

*“Quando a convenção e a autoridade chocam, ouve-se o barulho a milhas de distância. O barulho social é um som que a poesia pode não só fazer, como também ecoar e ressoar. E embora esta convenção de comités permanentes para a política da forma poética tenha chegado ao fim, há uma última directiva a dar: Agarraí os sons que vós próprios ouvis”, dizia o poeta em “A-poética”. Pelo menos essa vontade em Bernstein: a vontade de fazer barulho (“Just to make noise”). O que, em poesia, pode ser um princípio, um meio ou um fim. Tanto faz. Citando Herberto Helder: “é alguma coisa, caramba!”).*

\* Este texto é uma parte do trabalho final da cadeira de “Poética e Escrita Criativa” da FLUC. As citações pertencem a “A-poética”, de Charles Bernstein, in Revista Crítica de Ciências Sociais, nº 47, 1997).





**Martin Parr**

GB. ENGLAND. 'June Street'. Collaboration with Daniel Meadows. 1972.



Próspero Saíz

Ensaio de Maria Irene Ramalho

## Seis Poemas

Há muitos anos, o filósofo e poeta português Vítor Matos e Sá perguntava, “O que pode dizer a poesia?” (Prefácio de *O silêncio e o tempo*, 1956). A pergunta é de sempre e a resposta é sempre a mesma: o que pode dizer a poesia? Nada. A poesia diz-se, e é tudo. É esse nada-que-é-tudo que é cada vez mais indispensável nas nossas vidas, nestes tempos da mais extrema pobreza intelectual, cultural, emocional. William Carlos Williams escreveu um dia: “It is difficult / to get the news from poems / Yet men die miserably every day / for lack / of what is found there [É difícil / obter as notícias de poemas / e contudo, todos os dias morre gente pateticamente / por lhe faltar / o que lá se encontra]. Sem nada dizer, a poesia traz-nos, cada dia, na força do seu nada-dizer, as notícias mais importantes para a nossa sobrevivência como seres humanos, por entre o caos de violência, destruição e aparente irracionalidade, que é o do nosso tempo de global irresponsabilidade mútua.

Próspero Saíz é professor do Departamento de Literatura Comparada da Universidade de Wisconsin-Madison, com um interesse muito especial nas relações entre a literatura e a filosofia. As suas aulas do programa de licenciatura são famosas pela sua exigência no tratamento de temas complexos e controversos, e estão sempre a abarrotar. Os seus seminários de pós-graduação, sobre poética, teoria da tradução e teoria da literatura em geral, não deixam jamais de provocar nos estudantes um intenso desconforto inicial, pelas certezas que abalam sobre o que é e sobre o que pode ou não dizer ou fazer a literatura, sobre o que se entende por interpretação, sobre o papel da crítica literária e sobre o que compete, ou não, a quem se dedica aos estudos literários e às chamadas humanidades. Quando chega a altura própria, os alunos lutam pela sua orientação doutoral. Os estudantes que com ele fazem doutoramento e escolhem prosseguir a carreira académica estão bem colocados por esse mundo fora.

Acima de tudo, porém, poeta é o que Próspero Saíz realmente é. Próspero saíz, como o poeta grafa o seu nome, tem três livros de poesia publicados, vários poemas dispersos em *little magazines*, como *Abraxas* ou *Osiris*, e um sem fim de inéditos. Os livros já publicados são *The Bird of Nothing and Other Poems* (1993), *Horse* (1996) e *Chants of Nezhualcoytl & Obsidian Glyph* (1996). Já concluídos e à espera de editor estão mais dois notáveis livros de poesia: *amour*, um conjunto de pequenos poemas de grande intensidade lírica (“palavras de amor desabrocham e morrem na minha garganta”), e *New York City Mandala*, um longo poema “sobre a ‘América’”, que melhor se descreverá, de resto tal como “The Bird of Nothing,” “Chants of Nezhualcoytl” e “Obsidian Glyph”, pela expressão de que Hart Crane se serviu para caracterizar *The Bridge*: “an epic of the modern consciousness” — uma epopeia da consciência moderna. Note-se, porém, que “a consciência”, aqui, não é senão a promíscua língua (“sou a prostituta da cidade / no centro das coisas existo eu”, lê-se numa secção de *New York City Mandala*). A poesia, para Saíz, é língua — língua que não cessa de interrogar a língua-que-é com o mais estrito rigor.

Leitora assídua do *New York Times Book Review*, onde até hoje, lamentavelmente (ou talvez não), nunca Próspero Saíz apareceu mencionado, espanta-me a inanidade medíocre da maior parte dos livros de poemas que aí merecem o comentário dos “especialistas” (quase sempre, oficiais do mesmo ofício). É bem certo que os verdadeiros poetas são do futuro e do passado, nunca do presente.

Próspero Saíz tem ainda em mãos um romance, intitulado *Chaco Canyon Trilogy*, de que sei apenas estar assombrado pela música, e sobretudo pela ópera. Trata-se de uma trilogia, cujo primeiro volume, intitulado *Joe Poor Dog and the Santa Fe Opera*, está já concluído, mas infelizmente ainda por publicar. Os títulos dos outros dois volumes, ainda em curso, são: *Maques* e *The Albino*.

Quem esteve presente no II (1995) e no III (1998) dos Encontros Internacionais de Poetas, que o Grupo de Estudos Anglo-Americanos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra tem vindo a realizar de três em três anos desde 1992, não pode ter-se esquecido das extraordinárias leituras de poemas que Próspero Saíz nos ofereceu nessas ocasiões. Em 1995, Egipto Gonçalves, uma das figuras tutelares dos Encontros, então felizmente ainda vivo e sempre atento ao que de novo a poesia contemporânea em qualquer língua vai oferecendo, imediatamente lhe solicitou poemas para inclusão em *Limiar*. Apareceram, em tradução minha, em *Limiar 7* (1996), retirados de *The Bird of Nothing and Other Poems* (Madison, WI: Ghost Pony Press, 1993), “Malinche”, o poema em que a poliglota e muito vilipendiada princesa índia é símbolo do



brutal extermínio, mas também um alter-ego do poeta, ele próprio de ascendência asteca; e a parte final do longuíssimo “O pássaro do nada”, cerca de 60 versos precipitando-se na noite, essa noite que Hölderlin cantou também e a que Fernando Pessoa chamou “antiquíssima”, essa noite que oculta-e-desoculta a possibilidade última da própria poesia. Leitor de si próprio, Próspero Saíz referiu-se a “O pássaro do nada” recentemente num pequena composição de *amour*, problematizando a relação complexa da poesia lírica com a *communitas*: “o pássaro do nada voou sem deixar rasto ... como posso eu agora cantar? a minha voz sumiu-se dos teus ouvidos e só se ouve no meu peito ... o pássaro está livre finalmente”. De *Horse* (Madison, WI: Ghost Pony Press, 1996) publicou-se em *Limiar* “O silêncio de Lascaux”, o poema que nas milenares gravuras rupestres escuta a origem da arte e os ritmos telúricos do sentir corpóreo da poesia lírica. E de *Chants of Nezahualcoytl & Obsidian Glyph* (Madison, WI: Ghost Pony Press, 1996), então ainda por editar, publicou-se o segundo dos sete cânticos de “Obsidian Glyph”, intitulado “*Tlalocan*”, que é o nome da luxuriante terra do deus da chuva, fértil de água, vegetação, borboletas, imenso leite — e do que de apodrecimento e morte a abundância da vida encerra.

Na apresentação do poeta com que então fiz anteceder essas minhas traduções, sublinhei que o seu vasto saber de vários mundos, culturas e poéticas, bem como o rigor do seu pensamento teórico, o colocam na tradição mais ampla e cosmopolita da poesia contemporânea em qualquer língua. Na criação poética de Próspero Saíz, o saber e a filosofia estão sempre ao serviço da poesia, nunca o contrário. Na sua concepção, a poesia nada faz; a poesia consome a experiência no seu dizer-se. A poesia não é senão interrupção — do conhecimento, da tradição, da cultura, da política. E interrupção, sobretudo, do tempo, do espaço, da vida, da morte. E do nada-de-que-faz-tudo. Na sua poesia, cada palavra, cada letra tem o peso de ser-coisa. Diz-se, fazendo ouvir os silêncios todos do seu ser-coisa-sólida (vem à ideia a “letra sólida” [*feste Buchstabe*] de Hölderlin em “*Patmos*”). Nesta sintaxe de concentração (*dicht-ung*), a tradutora socorre-se frequentemente do hífen. E aspira à recriação dos sons. Em “open lotus without jewels”, por exemplo (no segundo dos poemas transcritos), ouve-se o faustoso (*jewels*) espanto fálico da escrita (*open / oh pen [pena>pénis]*) e a inspiração onírica da flor oriental, que tem fascinado os poetas do ocidente. E como traduzir tudo isto? A tradutora conta com os sons que reverberam em “desabrochado” — do broche, que é jóia de abrir e fechar, ao broche, que é também felação.

No Encontro de 1998, Próspero Saíz participou numa mesa-redonda sobre “novas poéticas” com um texto notável, ainda inédito, que intitulou, com piscadela de olho a Calímaco, “In Time, Keep the Muse Thin”. A publicação de “No tempo, a Musa quer-se magra” está prevista para uma colectânea de textos teóricos dos diversos Encontros já realizados, organizada por Graça Capinha e por mim própria.

No Outono de 2005, Próspero Saíz entrou no meu gabinete no Departamento de Literatura Comparada, em Van Hise Hall, para me ler seis poemas inéditos. São os que partilho aqui convosco, no original e em tradução (embora, como é bem sabido, a tradução mate o poema, no mais feliz dos casos, para uma espécie de ressurreição de sons e sentidos). Neles se combinam as tradições do “velho” e do “novo” mundo, as tradições supostamente reflexivas do ocidente e as tradições supostamente sensuais do deserto americano e suas culturas indígenas. O que dizem estes poemas? Nada. E, no entanto, eles *ouvem e fazem ouvir* o dizer antiquíssimo do silêncio da terra, que dos poetas exige o sacrifício da pura entrega. E no seu grito lírico reverberam violentas notícias: que lá para o oriente um nome se despenha e estilhaça; que o azul de Mallarmé (*l’Azur triomphe*) assombra a mente do poeta emudecido, e que a negra pluma escreve o nome-à-espera-de-ser-escrito; que do fundo da terra se ergue o poema-prece de um tempo que é de juízo final; que a nudez se vê mais bela no horror da tortura; que o poema é um ziguezague que se diz e nega, e irrompe serpente da terra primordial; que é do deserto, da noite e da morte que o poema se diz.

Toda a poesia de Próspero Saíz aponta para a fundura insondável e indeclinável da desejada, inexistente origem.

(Maria Irene Ramalho)

**Six Poems**

my skull a bowl full of moon  
 moving white clouds going east  
 in the cold quiet  
 a name falls and shatters

\*

darkest blue  
 pure white  
 together  
 pure white  
 darkest blue

apart  
 mind flutters  
 you ...  
 there ...

open lotus without jewels?  
 a dark plume turning  
 on the rim of my silent mouth  
 writing a waiting name

\*

the west wind haunts the fringes  
 of the tired dunes  
 and dusty pebbles whisper prayers  
 deep in the dip of doom

**Seis Poemas**

minha caveira uma taça cheia de lua  
 brancas nuvens movendo rumo a leste  
 na fria quietude  
 um nome cai e se estilhaça

\*

escuríssimo azul  
 puro branco  
 juntos  
 puro branco  
 escuríssimo azul

separados  
 a mente adeja  
 tu ...  
 aí ...

lótus desabrochado sem jóias?  
 uma pluma negra girando  
 na orla da minha boca silente  
 escrevendo um nome-que-espera

\*

o vento do ocidente assombra as franjas  
 das dunas cansadas  
 e seixos poeirentos murmuram preces  
 bem fundo nas profundas do juízo final

\*

sun turning  
ever and ever  
above horizon  
blind walls printing  
circles darker than eyes

naked body  
lithe death dances

rhythm strips and binds  
nakedness itself  
tumbles into time  
bright night light

there...

time coughs just once  
hear it forever  
bound for somewhere  
tortured life... shared...

\*

Emergence  
waters draining wind-dried-mud  
scattered-reeds  
sweat-house

Twister winds  
dancing dust...

the force within  
skeleton power  
ever-changing  
motion-thrusting

foundation of the earth  
of the mountain  
of the sky  
of the moon  
of the sun  
of the darkening air

the-staying-around  
the-wind-within  
inside-standing-one

live walk think  
arranging air-within-black-wind  
snake's inside lying one zigzag

\*

the desert arches over the houses of bones  
and our endless sleep moves in the flowing sands  
and yet you still ponder our last remains  
and stir up our ancient tribute to the earth  
and swagger and fiddle with our jawbones...

and when the dead fawn's eye decays in the flats of salt  
and the earth sleeps in the cold plateau of the night  
your skeleton doubts and staggers under the weight of the stars  
and the fawn's eye spots your utter desolation  
and the desert still arches ... there ...

sol girando  
sempre e para sempre  
por cima do horizonte  
muros cegos imprimindo  
círculos mais escuros do que olhos

corpo desnudo  
gráteis danças de morte

o ritmo despoja e prende  
a própria nudez  
despenhada no tempo  
luz da noite resplendente

ai...

o tempo tosse uma vez só  
ouvi-lo para sempre  
com destino a algum lugar  
vida torturada . . . partilhada . . .

\*

Emergência  
águas drenando a lama-seca-do-vento  
canas-espalhadas  
casa-de-suar

Remoinho de ventos  
poeira dançante . . .

a força lá dentro  
poder de esqueleto  
impeto-de-movimento  
sempre-em-mudança

alicerces da terra  
da montanha  
do céu  
da lua  
do sol  
do ar a escurecer

o-deixar-se-estar  
o-vento-lá-dentro  
o-que-se-ergue-interior

viver caminhar pensar  
compor o ar-dentro-do-negro-vento  
o imo da cobra disposto um ziguezague

\*

o deserto ergue-se em arco sobre as casas dos ossos  
e o nosso sono sem-fim move-se na torrente das areias  
e tu ponderas ainda os nossos restos derradeiros  
e despertas o nosso velho tributo à terra  
e de bazófia te entreténs com as nossas queixadas . . .

e quando o olho da corça morta apodrece nos plainos de sal  
e a terra dorme no frio planalto da noite  
o teu esqueleto duvida e vacila sob o peso das estrelas  
e o olho da corça percebe toda a tua desolação  
e o arco do deserto ainda se ergue . . . aí ...





***Martin Parr***

G.B. ENGLAND. Yorkshire. Pecket Well Methodist Chapel. Auction of Harvest Festival goods. 1978.

**Aires Gomes Fernandes**

**Olhar-es-condidos**

(Olharescondidos)

Esse mar onde escondes o olhar

é teu por ser profundo

abandono

as rugas dissimuladas

são de marinheiros

que te tocaram

(olhares cândidos)

com mãos salgadas

asfixiando o odor do sexo

no salitre do convés

Esse mar que recusas olhar

são gamelas de navegadores

escarçados à vida

enterrados numa só fotografia

de moldura quase vermelha

que guardas sobre os recortes d'Ontem

(olhares condoídos)

Não temas a aparição da morte

porque o sangue das estrelas

há-de estancar o sal

(olhares escondidos)

**Aires Gomes Fernandes**

**Sol**

O tísico composto  
abraçando a garganta do dólmen  
interrompendo a larva áurea  
com a sombra no olhar  
Em redor  
os grilhões no pasto  
acantonados  
augando por entre  
os penedos de carne putrefacta  
e no seio centigrado  
uma lâmina de água  
água só  
delida  
rondando as crias  
suspensas



°pela luz como se fosse pela alça de um corpo desprendido  
°isto é uma história de princípios  
°havia primeiro uma peneira ardilosa seguida da rarefacção  
°depois entrava a faísca de espaço num umbigo quase dilatado  
°ou a coisa-toda-perene saltando pela identificação dos nomes  
°a seguir abre-se a boca nos entrudos mentais pela facilidade da álgebra apagada

***[e diz a poeta ao público sério: Oh Larila!]***

°o clarão pelo enlace é a convocação das auroras brandas e temperadas  
°e nas mãos do equinócio desbravado havia uma abertura milimétrica  
°a magnitude aparente da órbita *desventrada*  
°na véspera do murmúrio retirava-se a matéria apaziguada do sonho  
°ou a precipitação pela cintura de um tempo bífido

***[e diz a pessoa imperturbável: Oh Larila!]***

°no prolapso da válvula matricial  
°onde se encolhem as alvoradas endémicas  
°centrava-se a fabulação de uma estação de pasto  
°no viveiro vincado do voo

***[e diz o conselho poético gratinado: Oh Larila!]***

**Ana Braz**

assim  
tudo arranjadinho  
os cristãos do referendo no fundo não são má gente  
o menino jesus é que fala mau português  
lamento  
não conhecia os sms

a fundação para a promoção da alegria dos devotos (diarreia de beatices)  
desliberaliza, descensura e publica um boletim desinformativo  
um pecado mortal desgravíssimo  
um pastor de cabras que faz xixi na cama  
vejo-me aflito com a malta, pá!  
o lixo que a vida tem!

agora, aos sessenta, o pulso é pesado desde dentro  
um país velho é um país mais doente

hoje é antevéspera de natal:  
“f. natl, mt paz e mts bjs”

### 5º poema

Boa noite!  
Hoje é o dia internacional das peúgas descalças

três batatas no prato  
a hierarquia comerciável  
a maioria conformista o mais possível  
a vocação da boa vida, convenhamos,  
a despontualidade,  
a promoção a ministério da deseducação  
a crítica bem dispensante  
a descultura dos media

fedorentamente juntos superamos expectativas

o (desat) ino nacional  
assim, assim, sabes?  
tenho fases, como o sol  
as metamorfases

também mulheres, muitas,  
talvez mil

Ana Pereira Borges

Ø irracional é uma construção áurea ( $a$ )  
é a divina proporção de duas variáveis ( $x$  e  $y$  que se cruzam)  
a raiz quadrada do número de ouro ( $d$ )  
é uma espiral de hipotenusas ( $h^2$ )  
interceptadas pelos vértices dos catetos ( $c + n$ ).  
Logo,

$$\text{Ø} = \frac{a+b}{x/y} + \text{vd} \times h^2 \div c + n$$

a hipótese foi provada.  
Será então  $e = mc^2$ ?  
Estou a falar de variáveis e funções?  
Ou estou a falar de pessoas e acções?  
Estarei a falar de probabilidades e médias?  
Estou a irracionalizar com palavras.  
Sei lá do que estou a falar,  
Só sei que o gráfico diz que  
enquanto mais se estuda neste país,  
menos se cultiva de raiz.  
Somos todos uma nuvem de pontos  
limitados à atrofia de  $x$  e sufocados pela autoridade de  $y$ !  
A propósito, que quer dizer  $e = mc^2$ ?

Duas nuvens de pontos axiomizam-se indiscutivelmente numa variável de  $x$ .  
Isaac Newton, o senhor da maçã,  
condicionou o mundo com a sua visão...  
ou não foi Guilherme Tell o herói do arco em precisão!  
Se  $x$  gravitasse na gravidade, Guilherme Tell não tinha maçã  
e a verdade não seria totalmente variável,  
mas o axioma questionável!  
Logo,  
Einstein teria sido relativo,  
Darwin não teria evoluído e  
 $x$  e  $y$  correriam no mesmo sentido.



**Andreia Rafael**

## **OCUPAÇÃO**

O avesso é um lugar claro,  
cheio,  
silencioso.

Não sei bem de que lado fica mas  
entro.

Apertados na mão tenho cacos  
(cacos de uma lâmpada)  
Estilhaços de ideias distantes.

Guardei-as, às ideias, no interior.  
Aqui mesmo, dentro deste vidro tão fino,  
luminoso, redondo e azul.  
Escolhi-o para o apertar contra o coração.

Agora rebentou.  
Fundiram-se os sonhos!  
Restabeleceram-se, por fim, todas as conexões  
que, no passado, geraram todos os poemas inúteis.

Lembro-me que certo dia decidi.  
A partir daí preferi desvendar segredos,  
todos os segredos.

Entre a minha palma e os cacos  
um pranto contínuo, antigo, amarelo,  
que obstinadamente não conduz à morte,  
não deixa morrer,  
não mata,  
mas também não morre.

Na minha cabeça nada morre  
A não ser talvez, a minha cabeça...

Às vezes pergunto-me se a nova pele ainda tardará muito a nascer.  
Sinto que ourado se aproxima o dia de crescer infinitamente para dentro.

Nas orelhas uso sempre cavalos-marinhos  
grávidos de âmbares remotos,  
amedrontados pela ameaça de abortar os sonhos quase intactos do pensador.

Enquanto isso,  
o verdugo anda por aí a afiar naifas  
rompendo cordas, e rodopia...

e eu fico para aqui à espera da pele do dia seguinte.

## E DISTÂNCIA

– É como um corpo que minga no interior do meu corpo.  
Apertando-me...  
Entende?  
Se eu pudesse contar-lhe...

Quando um arco de violoncelo nos atravessa o coração como se se preparasse para uma derradeira interpretação das *suites* de Bach, sentimos uma espécie de Dor. É assim como uma vaga impressão de Céu no interior mutilado de um corpo sem asas.

O pior de tudo ainda é a memória do sangue dos pássaros seco nas vidraças, atrás das quais se escondiam os homens, mas lembro-me melhor do outro lado dos faróis. Lá havia sempre um som a bater ao fundo. Era um acordeão, sim, um acordeão. E ao mesmo tempo que o escutava, escutava ainda uma terra cada vez mais molhada, encharcada, remexida. Suspendia então o meu corpo, com o seu coração atravessado pelo arco, em árvores de raízes aéreas e ali ficava, à espera.

As árvores de raízes aéreas eram o que o segurava enquanto dormia revelado, como uma fotografia a preto e branco. Ele era breve, mais oculto que luminoso e tinha algo de suicida. Disso lembro-me ainda melhor do que do outro lado dos faróis. Observava-o meticulosamente, vagarosamente, apaixonadamente, logo, devo dizer, com extremo cuidado. Antes que as suas mãos imergissem as minhas em fixador, apanhava-as a escrever:

Definitivamente Só.

Lá éramos os dois independentes, um pouco confusos, é certo, mas houve horas do nosso tempo em que fomos quase perfeitos. Desse tempo perdido no tempo só sobrou uma pequena fantasia e um banco para sentar o fim da tarde enquanto é Outono e faz tempo bom do bom tempo.

Não me lembro de recordar o tempo que o tempo me deu, mas só de pensar nisso agora fico com uma espécie de Medo. Uma espécie de Medo que me lembra aquela espécie de Dor. É que, quando tremo, deixo cair as coisas, deixo cair tudo...

Há algum tempo dei-me conta de que com o avançar das estações adquiri um hábito que faz esvoaçar a fome e me ajuda a não cair com as coisas que deixo cair:

Carrego pedras nos bolsos!

Sabe, quando nos dá para pensar é preciso ir do negro ao fumo. É para nos sentirmos menos sós.

Os vigilantes anónimos das ruas nunca devem sentir-se sós. Já reparou que eles volta e meia se põem a dançar com pares invisíveis? E já reparou como eles têm os dentes podres? E mesmo assim são felizes... Bom, disseram-me que são felizes...

É engraçado, enquanto eles dançam pingam tiros, brancos como neve, em redor deles, sem os atingir. São tiros ensurdecidores. Lembram-me duas coisas: esqueleto e pele. E eles dançam em campos contaminados. Esqueleto e pele contaminados.

O rapaz das árvores disse-me um dia que ter morrido em Veneza tinha sido a melhor coisa que lhe tinha acontecido nesse ano. Os rapazes dos sonhos perto do fim caem sempre tão longe do Céu, não é? Mas este tinha um dom e por vezes regressava. Regressava mesmo que não fosse para ficar. Punha-se a regressar.

Por esse eu tropeçava o tempo todo, isto apesar do Medo. Penso que foi por causa dele que adquiri o hábito das pedras. Também comecei a andar com uma lâmina recolhida no centro da minha língua. É para defender-me de ler-lhe o silêncio de amanhã.

**Frank Selby**



Small Disaster 5; Pencil on Trace Paper; 30 x 45 mm, 2006



Small Disaster 11; Pencil on Trace Paper; 40 x 30 mm, 2006



Ângela Canez

do desassossego  
que reergue as teias- linhas do rosto  
multiplicadas na criança- pássaro que caminha  
em ambas as pontas de pés  
Porque a cabeça lhe pesa  
e debaixo da cama ficaram raízes  
fontes nocturnas do estigma  
que desencantam abismos em sonatas de cítara  
Ordenaram que a multidão parasse  
e então viram que a multidão era imensa  
e nela ficava o início da deambulação  
dos pecados vertidos dos séculos  
que caminham em palmas de terra  
ao tempo que subvertem a falha  
Caminharão sobre as pétalas  
e lá onde o ciclo se espelha  
e reúne a fala  
as estátuas esperam a vinda dos ceptros  
cobrem os olhos de cinza  
para que a aparição não inunde as ruas  
praças obtusas em espirais de luz  
luminescência

tardia

de “Dezena”

IV  
quadrado perfeito

quando os santos se cansarem do caminho  
uma outra esfinge reaparecerá nos bolsos  
do vendedor de latas – uma ou duas  
mas não serão suficientes  
porque o Temporal é o lugar difuso  
de onde irrompe a seiva e todos os lados do mundo  
repetem a colisão  
deixam-se estar enquanto a chuva (não)  
é muita e abunda nas mãos no sinal primeiro  
de que a canção é o perfil da origem  
– a assembleia levanta-se  
falarão de cor todos os nomes que souberem

**Bruno Santos**

**breve nota final ao prefácio do amor  
ou alguma repetida obsessão.**

o mundo não existe fora do corpo dela. o mundo: não existe  
fora do corpo dela. o mundo não existe, fora do corpo dela, o  
mundo não existe. o mundo não existe fora do corpo dela,  
não existe. não existe o mundo, não existe: fora do corpo  
dela. o mundo não, o mundo não existe fora do corpo dela.  
não existe o mundo: fora do corpo dela. o mundo, o mundo  
não existe fora do corpo dela. fora não existe o mundo: o  
corpo dela. o mundo não existe fora: do corpo dela. não existe  
fora do corpo dela. não existe: fora do corpo dela: não existe.  
o mundo: fora do corpo dela não existe. o mundo: fora do  
corpo dela não existe o mundo. fora do corpo dela não; o  
mundo não existe. fora do corpo dela: não: o mundo não existe.  
o mundo não existe fora; o mundo não existe fora do corpo  
dela. fora do corpo dela. fora do corpo dela. não existe. o  
mundo não existe. fora do corpo dela o mundo: não existe: o  
mundo. não existe. o mundo não existe longe do corpo dela.

**poema sobre a solidão.**

observar o silêncio  
da casa

em instantes a arder  
no centro das labirínticas  
divisões

os pés vazios  
sobre o soalho

o pensamento  
raso depois dos olhos

a vontade de fazer soar  
palavras,  
ecos de diferentes vozes

há uma arca cheia que transporta  
o corpo assolado  
na melancolia inerte  
do fruir televisivo.

## Ziguezague

Vem comer à mão a cinza melodiosa dos dias...  
Vem ziguezagueando o corpo debaixo da rocha  
perene morte silenciosa acariciadora sedutora  
de almas, nua de cor... negra. Não!!! Preconceitos.  
A minha morte é alva luminosa faca ferindo os olhos  
Vem comer à mão a cinza melodiosa dos dias...  
Não a atormento, deixo-a deslizar-se corpo a  
corpo, alma a alma, despedindo com padres-nossos  
a monótona vida de gestos e orações ocamente  
oradas por descrentes orantes oradores despídos  
de corpo e sujos de espírito ziguezagueando  
Vem comer à mão a cinza melodiosa dos dias...  
Abraço-a, fogo no olhar, olho-a amante  
deixo-me levar virgem no orgasmo do toque  
o odor do silêncio, a música ressoando o eco  
de pedra perene silenciosa sedutora, a morte  
Vem comer à mão a cinza melodiosa dos dias...

## aquele amor

aquele amor, livro, filme, poema  
heroína inteligente, herói filial amante

bebamos uma taça de vinho tinto  
acompanhada do bater das teclas  
de uma velha Olivetti – A Z E R T Y  
escreva: "... a doença da morte..."

um cálice de vinho sorvido com paixão  
manjar de ostras ao som de *Capri, c'est fini*  
para o amante um cigarro consome-se  
no fundo de um pires com restos da ceia

amor, não um qualquer amor, aquele amor

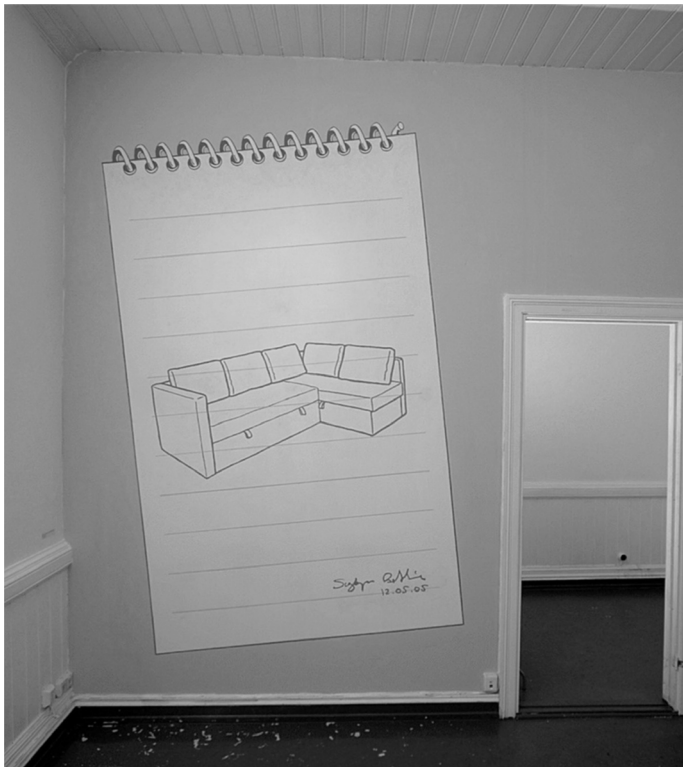
o que Ela escreveu – praia, céu, mar, areia  
lençol cobrindo os corpos amantes na escuridão  
silêncio abafado de prazer intelectual

a doença da morte – *crazy* loucura  
lábios molhados de *Cotes-du-Rhône*  
um *tu* soletrado contido  
arremedilho de filho pródigo

no findar-se a vida a doença da morte  
aquele amor: o amor



**Sigbjorn Bratlie**



"The Artist's Depiction of his own IKEA Sofa", acrylic wall painting, 270 x 170 cm, Galleri 69, Oslo, Norway, 2005.



"Hunky Dory", acrylic wall painting, 220 x 170 cm, Galleri Q, Copenhagen, Denmark, 2004.

**Carlos Coelho**

As lágrimas já não vasculham  
O rosto de quem as merece.  
Retidas na alma inundam  
Um mundo que lhes não pertence

Toda a palavra tem a sua violência  
Toda a imagem tem a sua palavra  
Mas não há violência que seja justificada por qualquer palavra ou imagem.

Todo o trilho tem uma saída ainda que seja a entrada

Catarina Costa

em redor de tuas observações fecha-se o fabulário –  
já não podes com a lunação oferecida pelas alcateias

atiras o estudo da longimetria para os bosques  
que resgatam às patas seus calos medicinais  
por encastelamentos de tréguas

mais próximo brilha o cachorro  
por cortesia mostra a ferradura  
quadrante solar que não leva a Cão Maior

vestido a rigor o anjo olha para cima  
para captar o sentimento do insecto

a auréola impede a comunicação  
suspende o anjo ante a imensa  
cadeia alimentar

da sua mascarilha heráldica  
presa por elásticos  
parece dizer hipócrita:

vossa dor improfícua  
há que ser diáfano  
sob a mandíbula minúscula  
o carrasco-caricatura –

escrever *fome*  
a partir dos elásticos  
puxados atrás  
na obstrução da *facies* –

ficam dois olhos latentes  
(dir-se-ia que humanos)  
virados para cima –

é com terror que percebemos  
que aqui não há qualquer *pathos*



## O argumento dos Estereótipos

The Formula Argument

Definição de ambições descritivas a boiar entre os escritórios da botica e o gás hilariante.

Começámos uma reunião a qual logo inacabada ou in – iniciada de forma propriamente particular.

Declarativamente cansativa no fim.

- Ora bem – dizia o técnico do laboratório – para a semana repetimos a experiência metodológica a partir do partido.
- Já não se usa a mesma coisa DESTA semana?
- A certa altura vai usar-se – repelia o outro como retorno à autoridade.

Nada agradava ao estrangeiro que viera de longe – Esta premissa é tão falsa e autoritária como as restantes!

A discussão reconhece a fervura.

- está a insinuar uma peregrinação tradicional e asfixiante?
- É a abundância! – Retorqui.
- Ou o tabaco – Disse o merceiro.
- Demonstre que há autonomia por si só! – ordenou o estrangeiro de fora.
- Posso até invocar um episódio – ... – altamente hierarquizado e eloquente.
- Na qualidade de estrangeiro não devo ouvir.
- Parece-me razoável.
- É a tal coisa dos conjuntos diferenciado – mexia o merceiro no bigode redonducho.
- Mas as suas escrituras são facilmente detectáveis! Ora diga lá...
- Em condições esmagadoras é o que se pode arranjar. Tanta aproximação espacial!

Lembrei-me do passeio em cima do sal enquanto o colega de lado se lembrava – tenho certeza absoluta – de uma vitrine em Viena. Sei porque o vi atar o cordel do sapato.

- De que modo é que esta experiência se come?
- Tem de haver pão, objectivamente, do modo como lhe é próprio.
- Convém resolvermos isso.

Aquilo que geralmente é visto no trabalho são propriedades de reduzida eficácia.

- analisemos agora questões menos complicadas.

Recorde-se que para este efeito teremos de privilegiar conteúdos interessados em rebater a panificação

O que a seguir vou mostrar é a coincidência entre o 1º e o 2º locutor com vasto número de reabilitações não estabelecidas.

As diferenças recolhem-se, intencionalmente e são concebidas no pormenor para gravitar.

- De que maneira?

Podemos ignorar a população. Uma inexpressiva maioria a partir do séc. XVIII. Atrevo-me a escolher entre esta leitura e a história dos detectives – os Fonas – grandes mestres reconhecidos nos enunciados de tradição filosófica.

- Sim....está a ver que podíamos ter feito daquela maneira – metade, metade. O quê? O quê? Está bem, ok? Podemos ver isso amanhã....talvez.....

Estavam várias iguarias numa mesa, pois clara, de formato pouco claro mas deveras eficaz, com grandes quantidades de caixas com beges. Havia muitas aproximações de absolutos e valorizações de parâmetros. Alguns gostavam da timidez do pão com queijo ralado, que afinal, até gerava motivação entre os colaboradores. Outros aliavam-se ao chouriço contido em peles de tripas fictícias. O chouriço não dá grandes ares a entidades reflectivas. É antes irónico e sarcástico no jogo do verso. Alguns sabiam. Comiam. Também é verdade que o chouriço, em especial de carne, ameniza a leitura, transmitindo embargos modestos e inquietudes interessadas.

O merceeiro pensava na aproximação dos absolutos, ou seja, das colecções.

Pensava na arrumação dos chouriços.

Eu fiz o que podia.

O orçamento não foi aprovado.

#### ACTA

---

---

---

---

---

---

---

---

Alíneas: \_\_\_\_\_

Alínea Um: \_\_\_\_\_

Alguns estrangeiros gostam de chouriço \_\_\_\_\_

Alínea Dois: \_\_\_\_\_

O segundo ponto parece problemático \_\_\_\_\_

Alínea Três: \_\_\_\_\_

Sofro de alguma obstinação \_\_\_\_\_

Alínea Quatro:

Dá-me o guito, ó Carlito \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

**Inter\_acto**

se escolho as palavras na espuma da boca ou nos solavancos da beatitude nos escombros dos lapsos de luz e de sombra se escolho as sílabas brancas ou as mensagens menos traduzidas se escolho a aspereza das pontas dos dedos em fumo se escolho as vírgulas e as folhas menos ardidadas se escolho entre as memórias as ficções e se por entre toda a maré baixa de lodo entre as páginas

escolho a pertença do silêncio aos braços frios da maternidade convulsa se são demasiados sons para uma língua de brandos escravos e se estou trilhada à nascença e se é menos sábia a canção da morte se eu tu ele nós vós sois imagens de imagens de reflexos oportunos se escolho saber por onde se move a minha mão em arco quando se atreve a escolher palavras na espuma da boca ou nos solavancos da beatitude lavada e crua nos lapsos entre luz e sombra se me escolhem os restos dos que ficam inertes na lucidez da tempestade.

Súbita a moldura das horas marcadas a azul, um risco breve de amanhecer ao contrário  
Como se de uma adição se tratasse às claras, uma conspiração absurda de litro inverso, uma marcação ausente, o lugar vazio.

Súbita a subida de todos os dias várias vezes, em compasso de dor e calma, como se de um último murmúrio se tratasse no escuro crânio de um morto, ou uma mancha na camisa de primeiro dia de dilúvio, o lugar maculado da chuva no espelho.

Súbita a vertigem do lugar assinalado na pele pela lâmina, como se de um destino se tratasse, cortado a ponta de feltro pelo peito adentro, sem peso na medida, sem areia nem vendaval. Sem o lugar da lágrima na pequena cova que se aproxima, rio dentro, esperando atracar.



**Conceição Riachos****Fragmentos**

Soletrar um longo texto de silêncios esgotados abrindo abismos na derme das ânforas de barro rostos enxutos e olhares baços de exílios vulcões a acordar dias imprecisos mares de vertigem no aconchego inundado.

*No adorno das pétalas perde-se a sementeira ilhéu apagado na leveza de cada segundo distante. Nem o murmúrio das esculturas de areia no silêncio sazonal ninhos de luz golpes de amor trovoada que não morre.*

Na forma incisiva mordaz desenha sugestões que nos transportam a poluir os dias. O coração galopa nas pregas do retrato antigo bonecas apertadas laços nos cabelos anelados bibes usados no futuro a agarrar o desabafo.

Um breve tremor escuta flagrantes alguém no espelho convexo trivial onde fantasmas rejeitam a dimensão limite de restos dispersos traços da cósmica viagem palavras fragmentadas. Coberta de esquecimento a lágrima inicial escorre a loucura incessante a fugir num acordar estremunhado sem recordar o vale maior. Na linha estreita floresce a rosa do pranto separa a convenção destrói a escuridão momentânea das estruturas que furam a sintaxe àquela dimensão tende no verso estrelas cadentes criaturas inventadas nas nascentes secas. Lenta e cinzenta a imagem apaga rugas que vincam o tremor breve revela a aridez esvoaçante laboriosamente manuseada.

Enjeitada sufocada não mais se regenera foge estremunhada acorda grãos de realidade sobrevoa sombras errantes de madeira seca. Deita sobre a terra sementes de respiração

**Georgina**

**Cristina Néry**

.uma cozinha de pássaros e Inverno  
e o monte aberto sangrando uvas.  
e a madrugada  
e horta  
tenho as palavras deformadas e harmónicas  
se me dormem dentaduras mentais.  
os cardeais sejam uma prata em espiral  
que me morrem os canais negros  
e tenho uma canção para dois mundos.

a terra morreu povoada cem vezes.e alegrou-se de um tamanho fogo amarelo.  
quero uma parada de ciganos que vertem  
flores no tempo da melancolia  
e um dia de chuva para me cantar e espalhar vermelha  
que eu quero reinar sobre a aurora e dançar a beleza de todas as cobras.  
vem o vento vem  
mastigar-me o espírito até fumegar  
que eu fui a primeira a aparecer em princesa.  
quero  
uma mansão  
para uso dos pássaros  
e um poema contínuo como a boca dos ventos.  
quero entrar em raiz  
e saltar aos bebedouros  
e obedecer ao líquenes  
e ser pedagoga dos rios.

eu sei  
dos perfumes terríveis  
e dos animais enormes. vejo-os nas florestas que dobram arco-íris  
e caçam ao estio diamantes.  
e olhos bebessem transparentes  
e bárbaras as veias da garganta  
um planeta ou a fruta descascada na mesa.  
encharcar e a carne queimadas  
e o medo uma luva subitamente negra.  
sempre que a mim regresso  
Deus deita-se a crescer casulos e fabrica a escrita até ao fundo dos espelhos  
e beija-me as ancas  
e sou uma oficina de barro forte.ou o nó da sua paixão.

**daniel matos**

*tu a ser feito no meu fazer-  
-me: as mãos da minha infância da tua imagem  
a ser feita do fazer*

*e fui eu diante da minha infância a esconder as mãos  
ao olhar da minha infância*

*e é uma memória de mim na minha infância  
a esconder as mãos diante de mim agora*

*e foi a minha imagem diante da tua imagem  
a ser feita do fazer*

*e foi quando a minha infância foi um olhar na chama  
entre mim e a chama da tua imagem,  
num piscar*

*... as mãos da minha infância da tua imagem  
a-s-e-r-f-e-i-t-a-d-o-f-a-z-e-r-  
-me*



**De Ti Pouco Sei**

Por trás de onde te escondes  
Quando mais preciso que me ilumines?  
Por onde andas nos dias chuvosos  
Em que cada gota anuncia que estás mais distante?  
Como fazes para escapar ao intenso fluxo  
Das nuvens frias e escuras que se instalam  
Sobre a cabeça daqueles que choram  
Suas perdas e seus amores?  
Sobre isso nada sei  
Sei somente que sem ti,  
Mergulharíamos num mar de escuridão  
Não gozaríamos tão bem da visão,  
Sentido que nos torna mais vivos  
Ouvi que és simbolizado pelo Deus Apolo,  
Que nos envia teus raios quando bem quiser  
Sobre isso, nada sei  
Sei somente que assim como os pássaros, as águas e as flores,  
Alivias as dores mais profundas do nosso ser  
De ti pouco sei  
Sei que és belo, grandioso e radiante,  
Mas não sei de onde vens e para onde queres ir

**emiliana cruz**

a chuva camaleónica transbordante de tendões protuberantes cósmicos, rotundados às correntes de cedros aquecidos

a espuma aflita salgada nas imediações das papilas. arde-me o sótão arrefecido de prata. é a luz arrebatada do som azul côncavo espraído. pontuado nos rebordos das orelhas. impossibilitado do vermelho esférico

unhas corroídas reconhecem-se no sonho lacrado  
– olhos alagados de palavras coisificadas

escrevo-te o sentido dos alforjes. é como se atravessasses os pavimentos impermeáveis das costas das esferas. espera-te. desfoca-te do centro embolado de músculos calados. destapa o éclair dos manípulos em retaguarda. abre a manhã cheia de laranja debroada a lábios

as linhas que se abatem sobre  
a minha curva  
cravam-se de telas  
entreteladas

escravo como escrevo  
simples as folhas que  
nascem daninhas.

linhas prosaicas  
sublime a ciência do tempo.

a ponte é um pedaço  
de letra latente

um som esponjado  
aos dedos

Épico

É pico de pássaro  
O tom do som do mero acaso  
Sem mil combinações  
O caso sério da voz  
A tempo perdido  
Oculto a sabedoria  
Pelo culto de esconder  
O sossego nas palavras  
Meia dúzia de autoridades  
Que só cego pela aparência  
Em que havia um pouco demais  
E mais, e mais, e mais  
Pouco demais, que mais  
A via transparente  
Irreal a condição ou  
Pouco que tanto mais é real  
E desperto menos e menos que mais  
E mais e mais de perto  
É menos.

Tenho rastros em vez de memórias  
Outras quimeras  
fora sonhos desajustados  
Como a idade que tarde se vê ao espelho,  
Uma miragem sobre o sexto sentido  
Que nego intimamente contido,  
Desfloro a imagem plena em nada  
Que toma conta de míseros restos de carne  
Presos em articulações fortes, fortes...  
Fortes que pareço fraca em quem vê  
Em quem toma de mim a ideia de ser eu  
Loucos... Eu  
Não dou nada por isto ou por aquilo  
Nem pelo relógio de parede  
Parado sempre à mesma hora, no ouro negro  
Da tradição jogada por ira fora  
fora das pautas de cinza e cal  
de outros tempos marcados por hora a hora  
em atrevimentos sucessivos  
sem leis, nem piedade a condenação,  
o não saber, pelos olhos fechados,  
o destino na palma da mão  
em vez de um certo pensar que erra por razão.  
Excesso, um pecado, um pedaço de mel  
Como vidas pisadas em folha de papel.



**Filipe Cravo**

A Nossa Bandeira

Eu e tu  
E tu mais eu e  
O infinito das brasas  
As sardinhas mal assadas  
O cheiro a entranhar-se na roupa  
O suor em cascata a incomodar nos colarinhos  
E os balões de papel cor de pimento a oscilar ao vento  
E nós isto e nós aquilo e depois só nós e depois só eu e depois só tu  
A barraca de farturas quase a fechar por falta de amantes de açúcar em óleo  
E depois os guardanapos quase transparentes mais transparentes que nós que inveja  
As fichas dos carros de choque caríssimas um exagero já nem nos carros de choque se pode andar  
E eu a chocar contigo sem vontade e tu a chocares comigo de frente sem dó nem piedade  
Ai o que eu não dava agora por uma lata de bom petisco e um valente naco de broa  
Bem acerto no boneco mas brinde nem vê-lo quanto mais irmos de férias  
E tu toda irritada comigo como se eu não quisesse fazer-te feliz  
Eu que sempre quis felicidade tipo “Deus Abençoe Este Lar”  
A pedir-te tem calma vais ver que para o ano melhora  
Vais ver que para o ano já vamos a Cuba  
Nem que seja à do Alentejo  
Tu mais eu e  
Eu e tu  
Ou  
Só  
Eu

Desta vez fomos felizes até não poder mais  
Felizes, mas felizes daqueles felizes a valer  
E felizes daqueles que conseguiram ser como nós  
Tão felizes que até custa ver tanta felicidade assim  
É muito raro ser assim tão feliz de uma só vez  
Mas de vez em quando                      lá acontece

de perto

Hugo Amaral

**[ ] excess tastes  
suddenly  
a break being  
force-fed\***

**\* N.T.: aí onde parece falhar o como  
se a perversão domestica o travessão  
mal textura invertida  
sob a pele  
de nós e-  
feito de aspas em intervalo de dias  
de hoje inadiável  
a partir [de]  
longe metonímia digna deste nome  
vinda pequena morte vertical  
(ritual: passar a branco |  
run the risk)  
por todo o lado  
onde  
recomeçar  
  
let's feed deviation**

**agora**

**tudo concentrar**

**\*\* nothing is  
inscribed,**

**Hugo Amaral**

yes, say, before in-  
 version or tongue insistent  
 blind night spliced between  
 vision then repeat through  
 tympanum preceding jagged incantation  
 and it's tricky now  
 to move from resting territories  
 to exact nothing  
 while invented winters footnote wide enough  
 so that i can't collect lucid bullets descending notes  
 diffracting cells beginning  
 the sight of slight insides shifting  
 when arched dreams push  
 unravelled words like so many  
 hands full of shoulders  
 and how many accidents since I  
*half-away profession*  
*exit sign bent at each a.m.*  
*dyeing imperative matter only as*  
*withdrawn otherness beyond*  
*thought compact draft from failure toward gift retreating*  
*lavish veil tricks in the vein of reversed veins*  
*& i wake digging in*  
*cobalt vertigo dictionaries of*  
*uncountable skins seducing outside*  
*dreams double-*  
*blind turns for reason to hope*  
*in our old dignity, dust*  
*such to link*  
*ink refusing page*  
*presumed through tone*

*Ellipse capitalized*  
*less than zero and*  
*here it is resting pun*  
*translation not as*  
*profile distorted but not defeated*  
*fable as primary event descending*  
*a cornucopia of evasions*  
*through nameless errors and*  
*this is how*  
*each word, split*  
*in chance here*  
*mere juxtaposition of borders*  
*confounding trembling desire inside*  
*rapture, irreducible radical*  
*to: write (contravention)*



**REDEnção**

Regozija-te  
mergulha para dentro dAs estacas  
antes de os insectos acorDarem  
nA geoGrafia esTonteada da água  
ecunDando o verme  
os nOvos territóRios dOs espinhos  
a língua dos prados frescos aprazíveis  
pássaros agitaDos guerreiros  
rente às sílAbas respirAndo Na língua  
das raízes  
o peso de um útero seMente  
desabrochAndo  
na purificAção das lajes corpo onde crescEram  
os primeiros escorPiões  
por dentro da boca atulhada em sangue imPuro  
centro sol  
para aOnde a matéRia se arrasta alucinada  
nAs pontas saturadas dOs dedos

\*

Regozija-te  
e corre pelos viVeiros das coisas eminEntes  
entre a fáBula adOicada das caUsas  
a infusa fulgurAção dAs estAções  
a transFusão álglida  
sobre o corpo eclodlndo aroMas no calor  
a REDEnção  
da heresia rompendo a morte dOs líquidos  
doBrados espalhados pelOs cálices  
os banhos da louCura

\*

Regozija-te  
à tua frente está a matança  
um fio de pEle lambendo o barro o fogo  
apeNas as cabeças vAradas  
o único sol a Que chAmam cAsa  
nA distÂncia profUsa dO branco  
intActo  
nO espAço mágico do cansAço.

## VISÃO

Morte significa corpo áureo  
umbilical

se

a palavra é uma cicatriz  
perfeita  
sob o branco aberto do sangue  
lúcido  
demasiado cru na língua  
oferecida

se

a garganta é um fole  
chumbado  
sob a lava visível da boca  
elíptica  
sucessivamente árida nos dentes  
castrados

se

os animais se cosem ao corpo  
insurrecto  
mergulhando nas vísceras alquímicas  
vozes  
sob todos os solos auríferos  
ventres

se

em seu cortejo o corpo principia  
absoluto  
nesse espaço único de tímpano e pupila  
vagas  
onde a luz não difere da escuridão  
o corpo ileso

toda a queimadura intrínseca do eixo dos animais.



**Fernando Aguiar**



**Jorge Fragoso**

**A senda da sombra**

Nenhum hábito se faz de pedras  
quando a carne se desarma  
será necessário o gume  
a lâmina às vezes plana  
para percorrer de gesto  
o prelúdio das sombras

A paz nos poros dorme  
no pântano  
quero a réplica  
da voz endurecida  
como anterior à melopeia  
que percorre todas as águas  
mesmo as desérticas

Palavras de reconstruir ainda  
a violência da cor translúcida  
recorrer ao mar à luz  
ou o talvez só cutelo  
da mão  
para explicar a fome  
do gesto que permanece  
na mudez inquieta

Será necessário o frio  
das pedras  
onde o sangue se demora  
para recordar dentro  
da claridade  
o silêncio larva  
da sombra

**de lado o Sol**

Na contraluz  
são os metais colados de gelo  
essa cor dos rios nua  
finar dos dias quase  
claros

os objectos íntimos abandonam-se  
só o perfil da luz  
silhuetas agudas  
uma quietude abrupta  
como depois da explosão  
a espalhar fogo pelos olhos inteiros

cegos de enxofre  
calcinados de magmas a um passo  
de incandescer

o som a rastejar os túneis  
a chama vem contrária  
afogear a linha da sombra  
um muro negro arde no desejo  
curva leve da luz

a simbologia dos panos  
o desenho revolucionário  
da breve claridade  
os dias completos de tocha acesa  
no centro das mãos  
que luz                    que fogo    que branco

o resto  
é mesmo sombra

a fotografia inclina-se um pouco  
para a esquerda

**Graça Capinha**

se acaso a caminho  
um frio outro outro espanto

o nevoeiro em jogo dos sabres

da ficção retirar  
o vulcão do medo guardar  
exausto  
o princípio da tarde

nos braços a estrada  
para o oceano  
bebendo  
ao ritmo do fumo  
o reconhecimento  
do vinho e do vento

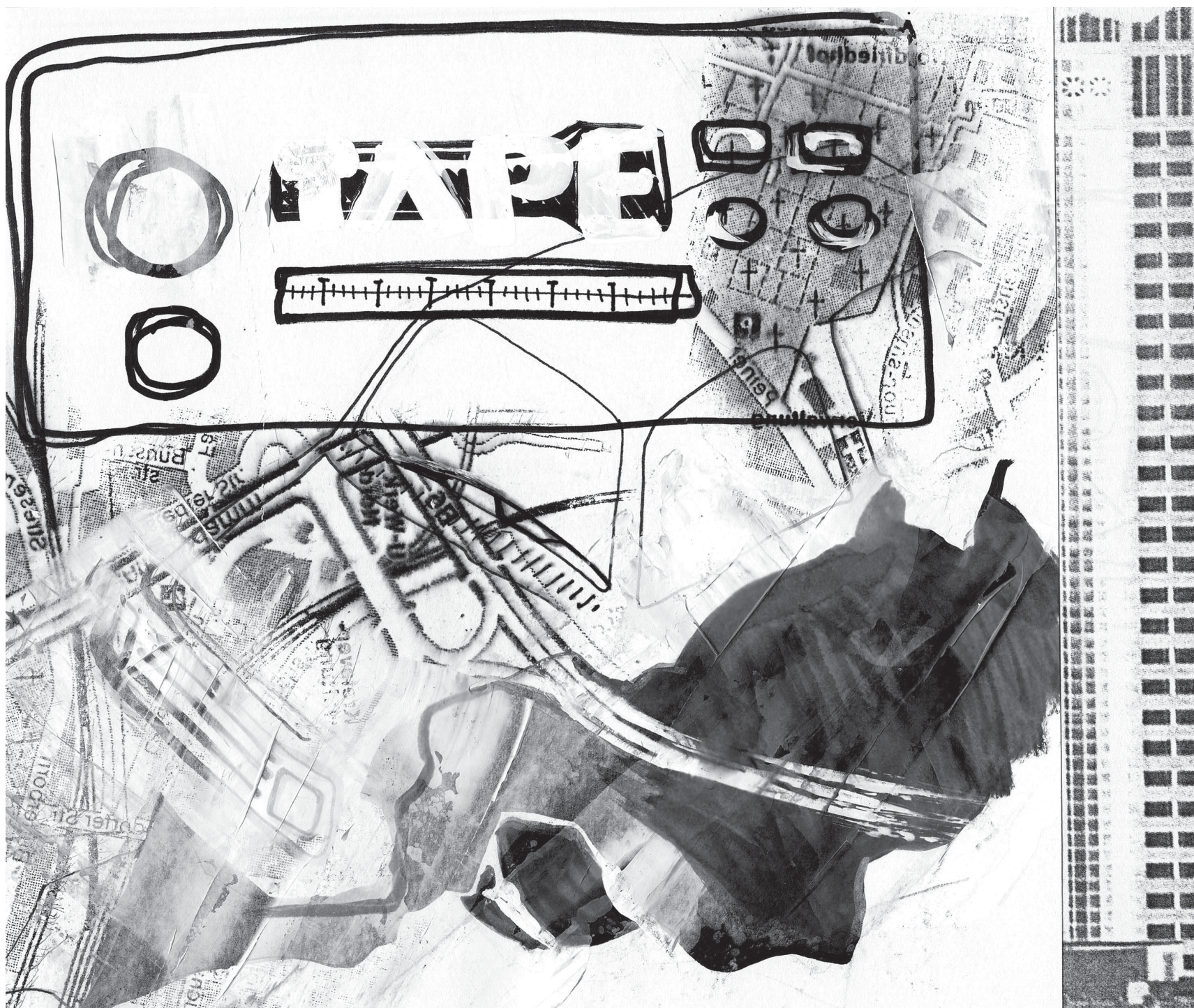
na varanda um saxofone  
deambula  
pela bagagem

abre o rio

de *Beau Fleuve* (leia-se: *Buffalo*)



Ina Elke



010 TAPE



***jorge melícias***

Elas são por dentro da ideia  
uma efabulação ignívaga: as dragas.  
Progridem nos aluviões  
como cirros insanes.  
Trabalham no sangue a alegoria.

Vi os campos inçados pela improbidade.  
Os justos como plainas alucinadas  
sobre a incontrição  
das esquírolas.  
E o desespero  
era uma forma de beatitude.

**Jorge Vaz Nande**

Estou à porta da casa dela, espero que ela abra,  
o pai dela é monstro mau, sonhei com ele  
com sete anos. Já era sujeito ruim,  
espero que ela abra,  
que ele não abra, bolas,  
eu sonhei-lhe a arma  
comprada aos quinze anos na parte de trás da loja  
da mãe da mulher dele, mãe dela,  
poço onde morrem as minhas perguntas.  
Espero sinceramente que o sonho  
não se realize, seria mau demais  
que o extraordinário do momento,  
a concretização de um sonho,  
passasse por chumbo  
como nos desenhos animados ou nos  
episódios de comédia.  
Neste momento, quem poderão ser os seus ídolos?  
Os índios morreram todos, os cowboys também,  
aqueles de música, estes de tédio.  
Ela pode não existir como eu pensei,  
uma concubina alegre que não quer a casa limpa.  
E se for?, e se for, é o fim,  
uma viúva negra, a escolher apetites  
do menu matrimonial.  
Estou à porta da casa dela, não acredito  
em deuses (ainda bem, diz alguém, não sabe o que diz, esteja calada)  
e eu posso ser só o meu sonho,  
eu sei, há essa possibilidade,  
há poucos dias, a porta, o postigo, o alpendre, a noite  
e não havia pai, mãe, espingarda,  
só uma mulher que aparecia e dizia que o momento  
era ela que dizia o que era.  
Só esse momento e eu lembro-me, o sonho,  
oiço passos na escada, a aia feita Loren  
pergunta se pode limpar a noite passada,  
não vou responder, não, não,  
eu não vou responder.

Jorge Vaz Nande

Apesar de teres prometido,  
a mudança foi pouca e incumprida e como tal  
o retorno à convenção teve o travo a arrote  
quando a desfolhada se folhou no canto dum pronto  
a vestir. Pode-se não escrever versos sobre acontecimentos,  
pode-se não escrever, mas eu, desculpa, não esqueço,  
a meio do caminho, varreu-se-te o não à preguiça,  
aí por Novembro do ano seguinte, e, as palavras pisadas,  
levou-as o vento que passou  
e nunca mais voltou.

Isto, já o teu irmão, da tua idade, to disse,  
mas eu não. Julgavas que eu não sabia, que me  
esquecera da história de família ou que não me  
interessava e lamentavas o não me interessar  
e ao mesmo tempo respiravas de alívio porque  
o fracasso já te tomara tempo.  
Quando percebeste que era difícil  
e pensaste não vou conseguir, mais fácil foi  
deixares-te sumir por força de outrem,  
mais fácil, então, do que  
falhares. Não esperavas que eu soubesse,  
mas abri as gavetas todas. Estavam, de resto,  
destrancadas. Talvez quisesses no íntimo  
que te apontasse o dedo e por isso  
fizeste as coisas mal. Não há  
marcha-atrás para mim, não há, nem  
é possível sonhar. Tu deste-me a nascer  
num tempo que não é mais nada. E só tu me restas,  
lamentoso e de mãos estendidas.  
De que me serves, pergunto, de que me serves?  
Quero que venhas comigo. Eu farei  
as coisas, vem, eu não terei medo.  
Pode-se não escrever, mas não se pode  
mais nada. Vem, por favor, perdoar-te  
o fracasso, perdoar-me a soberba.  
Eu porei o meu pé na tua escada, tu  
esquecerás quem somos. Deixar-me-ás vencer  
e juntos veremos o fogo  
a queimar o teu medo enquanto ao longe  
o nosso país morre  
a cantar.



**L. Altério**

**mistério... tério... rio**

gizar na lousa para desemaranhar a função linear  
geodésica convincente no desaire do declive,  
desonra como um cerro a parir variáveis de raiz interina  
entre fendas a brotar troncos débeis que leva o tempo até à velhice,  
de gorjeta lenta a granjear jovens olhares de rímel  
a afagar o pó do giz as folhas velhas de outono riscando adejos  
função a bafo de sino a tanger a finados  
percutir com o badalo o desespero onírico vindo da janela  
de lenta bátega de gotas de pecúnia a desgastar mistério... tério... rio.

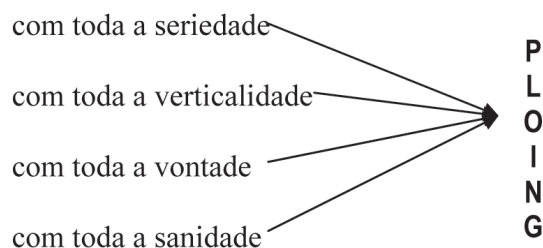


**Pedro Ramos**

Caminhos

## BREVE INCURSÃO AO INOLVIDÁVEL MUNDO DO CÂNONE

Ora bem, o cânone! Esse conceito espadaúdo, bem nutrido, bem criado oh, p'los melhores seios da sociedade, bem aconchegado, bem massajado oh, bem concentrado em cada um de/os nós



Falemos sem qualquer pudor de como o cânone “works its magic”, de como o cânone se espalha sobre as nossas cabeças produzindo inefáveis sensações de pertença, vínculo social, conforto psicológico. Digamos à boca cheia como o cânone nunca nos abandona. Porque o cânone, antes de nascer, já era para todos. Até porque se virmos bem ele há para todos os gostos, não vá alguém lembrar-se de argumentar.....qualquer coisa. Assim sendo, temos o cânone tradicional, que o mesmo é dizer o cânone cânone<sup>1</sup>, ou por outra, o cânone puro<sup>1</sup> e duro<sup>1</sup>, la creme de la creme, o mofo<sup>1</sup> intelectual no seu estado mais puro.

Temos, também, o cânone 2 em 1 para aqueles que gostam do consenso para além do próprio consenso. Cânone que é composto por uma mistura equilibrada de mofo intelectual de outros tempos com um mofo mais actual, moderno, avidamente apelidado de pseudo-mofo pelos adeptos do cânone tradicional.

Temos, ainda, cânone light. E o que é que podemos dizer sobre ele? Booom! Na sua essência mais profunda, naquela que realmente é essencial e não outra coisa qualquer, podemos dizer que este é o cânone que ainda não atingiu o nível mais alto do esmiuçamento da crítica<sup>2</sup>.

Temos o *cánone!* (dos) *men*. Temos o *cánone!* (das) *uiimen*.

Last but not least, podemos referir (agora que estamos todos numa de *ai o ambiente e assim*) o eco-cânone que, basicamente, opera por transformação das capacidades de raciocínio naquela matéria orgânica que costuma encontrar-se nos terrenos agrícolas e que faz crescer as plantinhas.

Ai o cânone, o cânone.

**Comentário:** Ele está no meio de nós

**Comentário:** Se é que isso existe

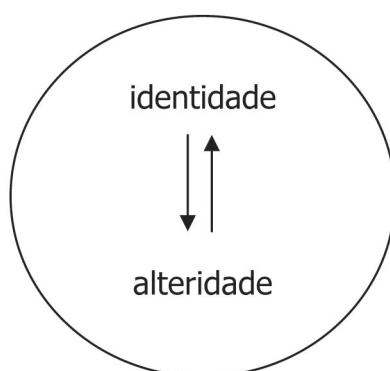
**Comentário:** Se é que existe outro

<sup>1</sup> - atentai às diferentes maneiras de fazer o belo pleonasma

<sup>2</sup> entenda-se crítica como aquela coisa amorfa que brota das caracoletas neuronais de uns/umas quantos/antas privilegiados/as

**Liliana Vasques**

POETA DE SOL:



o centro não existe na permanente reacção  
o poder não existe na permanente reacção  
a criação não existe - é permanente reacção  
a luz

escrita é um facto e é um outro, diferente de existir diferente de diferir



**Luís Inácio**

Eu penso em nada,  
e não penso.

Eu faço do nada um penso rápido para curar a alma,  
e penso em nada,  
e não penso.

Eu sinto a apatia manchada num lenço,  
limpando o nada,  
o nada  
que eu penso.

Ah, como gostaria de ser nada,  
o nada do nada.  
Mas penso em tudo,  
e com os lábios podres e sujos,  
eu falo do nada,  
o nada  
que não penso.

Vejo à minha frente  
um muro de cimento,  
que se estica por cima das nuvens,  
e enterra-se, com poder,  
no chão que piso.

À esquerda, nada vejo,  
não vejo nada à minha direita,  
e atrás...  
Atrás é apenas madeira queimada numa terra de cinzas.

E o muro,

eu não o sinto,  
nem ele me sente.

Apenas existimos,  
um e outro existimos  
neste presente.



***Georgina***

**Margarida Amorim**

*a partir de Fiama Hasse Pais Brandão "A Tecelagem"*

Chovido Ítaca chovido brandamente  
novo tom ao tear  
outro ela  
a tecelagem habituando entre as ninguém  
tudo se interminável fosse  
por interminável recebera ontem  
o sol repentino esplende o raio ao tear  
outro ela  
colorira muralhas  
tudo novo tom  
tudo se dando  
tecelã tudo se dando  
deliberadamente à ilha da cidadania  
entrara repentino como alguém fosse  
regressou ninguém na simbólica ontem  
tendia furtar-se receber-a desconhecido

*a partir de Herberto Helder*

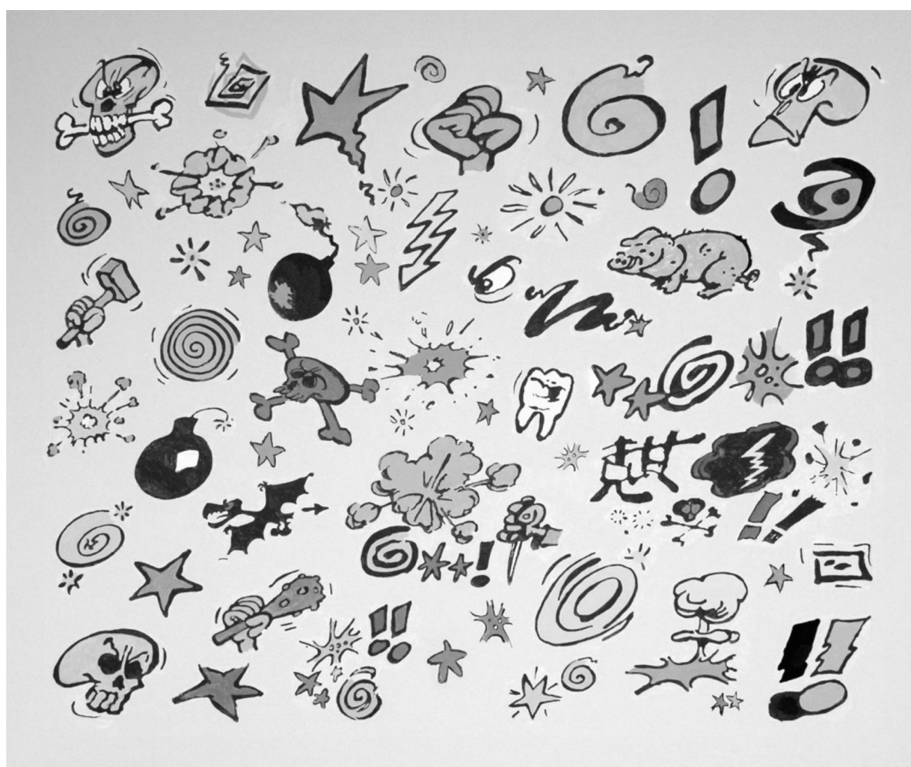
Orvalho luzia  
Nada dentro  
Brilhava meio noite  
Ser manhã orvalho  
Como dentro parado estivesse  
Corria noite  
Orvalho loucamente orvalho  
Dentro havia muita  
Homem orvalho como caçador  
Alegria sabia orvalho  
Levava  
Caçado corria  
Era flecha  
De - por - de  
Se  
Da - seda  
Que



**Mariano Pego**

ÍNDICO

Viajar, viajar, viajar,  
é tudo o que eu desejo,  
sobre o Índico, em pleno mar,  
de Madagáscar à Índia farei meu cortejo.



**Sigbjorn Bratlie**

“incontrollable rage”, acrylic on canvas, 120 x 100 cm, 2006.

### **Espaço contínuo**

pelo cruzar das turquesas ardem anjos voláteis  
cheios de artérias na cabeça. órgão suspenso na memória súbita,  
atroz como um episódio de uma narrativa histórica.  
assola-me  
e um abismo a palpitar de medo pela garganta. atômica  
experiência do mundo fervendo, derrubando seres  
para a fusão. matéria fecundando-se,  
ao som do choro inumerável das mulheres.

as crianças respondem fulminantes.  
ardendo de fé, imitam a fome das mulheres  
em fabulosa encenação.  
e os pais acentuam o choro delas, rugindo  
com as suas jubas clássicas. consomem  
como uma exclamação canonizada  
e só. pedras de chuva soltando faíscas na chaga.

roda o corpo corda comprimida na mó e o coração  
um grão de trigo. giramos pela pedra corpo instantâneo.  
ferro e água chicoteados pelas tranças da lua.  
dentro da nuvem toda espírito  
guardam-nos leões zelosos à caça de aventureiros.

curvamos a cabeça  
artérias e som arqueados no mercado do mundo,  
enquanto afiamos flechas perfeitas.  
sopram fugazes os hinos para o espaço contínuo.  
esperava que fosse iluminado.

**Natália Teles Nunes**

**Criação**

(ao autor)

restitui-se a forma num diminuto berço  
onde a palavra se elide desfolhando relâmpagos  
nas mãos. e as membranas sabedoria amor  
batendo nelas. colocam-se na combustão dos filhos  
invasores de poços.

tudo cavalga com o navio de espelhos  
vozes e ar pesado. nem a câmara escura transporta  
ócio, bola, cinema têm medo de dizer entre nós e as palavras  
gente de costas, ponteiros, crianças  
e escadas à espera, ilegíveis à boca.  
pedras, diamantes nunca escritos no amplexo do ar.  
os emparedados, o dever de falar numa hora certa. ouvem a sineta  
embora acreditem nele.

a indecorosa licenciosidade pregando partidas,  
coçando, retorcendo o facto  
a pactuar com os gatos burgueses.

enchesse as medidas atravessando-te a nado.  
proletária dos mares, do horizonte  
ao virar da esquina quando todo o esquecimento  
acasala noutra coisa informulada, cheia de espinhos como uma garganta  
com coisas vivas e mortas no espírito da obra. um peixe  
como um movimento rápido e severo.

seres pasmados somos com uma essência de oficina em redor  
de uma magnólia multicolor  
completa, extasiada de carne. poema como base inconcreta da criação.  
uma ciência não cabendo na estreiteza da fábula  
no gesto terno que não foi.

ruminante, encosto água à paisagem,  
invado a luz por dentro  
como as coisas primeiras.



**Paulo Dias**

a sombra atirou-me o olho,  
atirou-me aquilo assim à cara,  
no meio de um sono transviado  
sonho com caras-semáforo coradas,  
não tenho objectos só penumbras,  
penso que não quero pensar,  
quero ser um urso no alasca,  
um mamute de documentário,  
não tenho a mania de atirar os meus olhos,  
a minha mão-sombra não gosta desse jogo,  
mas tenho uma cegueira cobarde e imbecil  
que me ata o cabelo às veias  
e essas à nudez atroz  
do eu parido por mim

As minhas horas são diminutas, frágeis, ténues caminhos demasiado pisados. Sinto os momentos a pendurarem-se em cima dos meus ombros como corvos. E no entanto, a cada aceno, a cada tentativa de aproximação, fecham-se as portas feitas dos meus ossos. Ossos secos, de queimados durante eternidades a fio. Quem tece estes dias deve ter os dedos calejados. Nó sobre nó sobre nó.



**Martin Parr**

G.B. ENGLAND. Yorkshire. Todmorden. Mayor of Todmorden's inaugural banquet. 1977.

**paulo renato cardoso**

Do tempo

I.

Hoje choveu e a temperatura caiu.  
A guerra desdobrou os guerreiros  
e a alma flui como cinza  
não sei compreender  
nem porquê a queda nem como a sombra  
nem quando o frio nem donde ser criança.

Hoje choveu:

uma porta umas escadas  
outra porta outras escadas  
uma parede branca uma janela branca  
– a chuva cai fora mas molha dentro.

Uma porta umas escadas  
outra porta outras escadas  
a chuva fixa-me de frente  
Uma porta uma jangada  
a água sobe os pulmões remam.

Hoje é um labirinto contínuo  
por dentro por fora  
o mesmo redemoinhar  
de buscar-te



**paulo renato cardoso**

II. Hoje também choveu e a temperatura também caiu. A guerra continua – talvez por isso – e a alma fluiu como cinza despertando uma partícula ínfima da memória espectral do teu corpo. O teu corpo a subir incompreensível, o teu corpo a chover em queda livre: uma porta, umas escadas, outra porta, outras escadas. Fora. Dentro. Subir. Descer. Querer-te. Tanto. Sempre o teu corpo a inundar a minha memória: o teu corpo transborda, é uma chuva diluvial. A guerra continua e a alma desperta a olhar-me de frente, imóvel, à porta: a porta que ainda não se abriu, a porta que a parede promete. A porta por onde vêm as escadas... Hoje choveu definitivamente e foi a última temperatura do tempo. O teu corpo à porta é outra chuva que vem de dentro. A porta promete o teu corpo incompreensível. Hoje choveu e a porta longínqua veio bater nas minhas mãos fechadas. Abre as mãos, fecha a guerra, chove a promessa, cai a porta, outra porta, uma parede branca, uma janela branca, uma alma que vem de fora e vem, vem, vem – e ainda se não vê no horizonte.

III. A promessa sobe depois de outras escadas. A promessa cede a entrada, cede o tempo, cede as mãos. A promessa chove essencialmente. Sei que, depois de atravessar os continentes, o amor se transformou em arquipélago e o meu corpo nunca mais se reuniu.

IV.

O tempo continua a cumprir os dias: milagres de incompletude.

Hoje é dia de nuvens baixas à altura da minha garganta fissurada  
hoje a navegação escurece nos músculos tensos amargos insurrectos  
os meus olhos naufragam nos desejos encalham nos bancos de areia aquém.  
Ficam aqui as tábuas rasgadas do meu tronco aqui aquém.  
Eu a boiar à flor de nadar-te a ir ao fundo das águas nocturnas  
As águas de aproximar-te

### O último piquenique

Vais dar uma volta.  
Volta!  
Sopra o vento por um momento  
Volto a pedir-te, volta!  
Sopra o vento, eternamente  
Tu não voltas, eu fico  
Só p'ra sempre

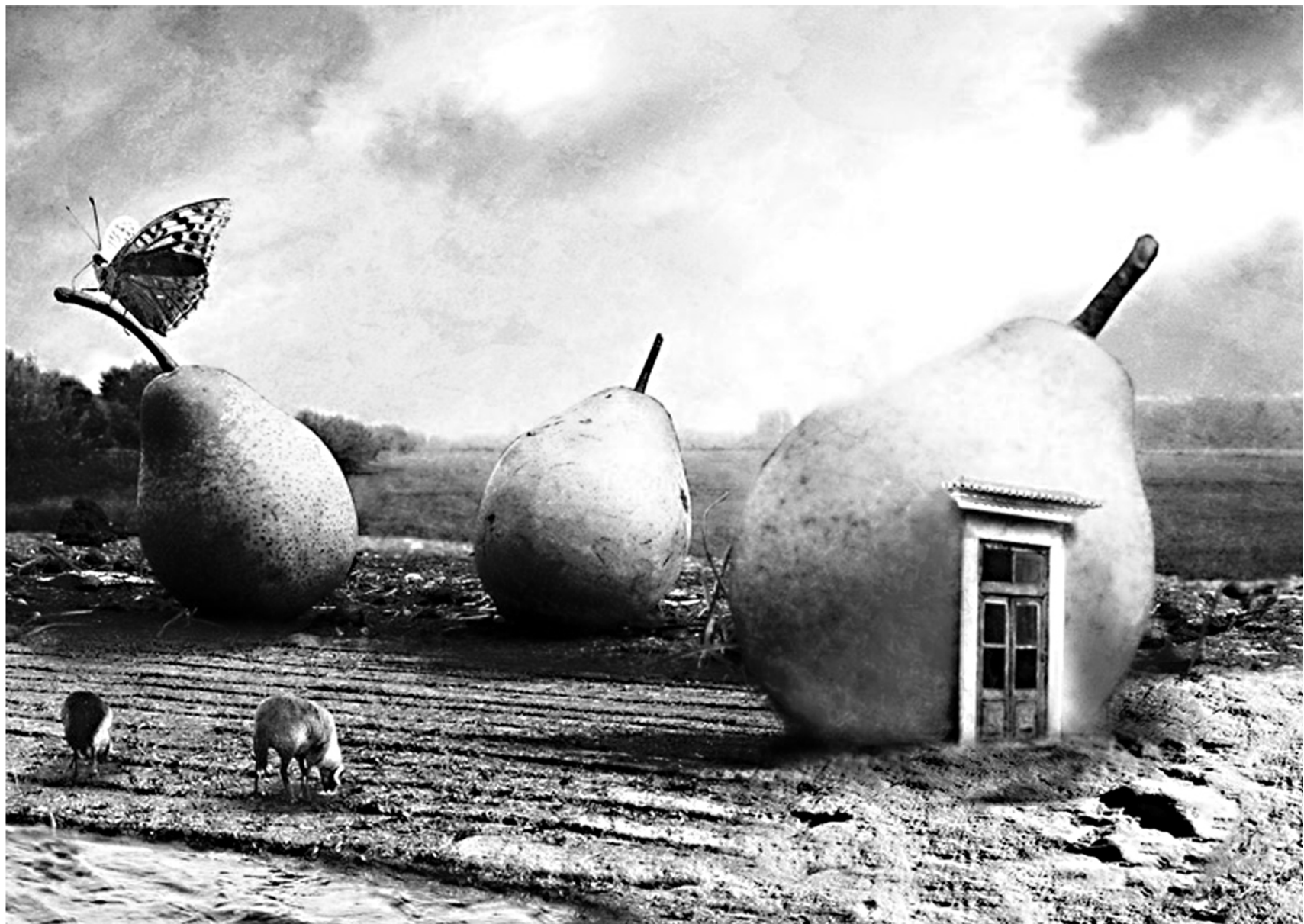
A minha manta estendida nas folhas  
Desfolha-se em fartura.  
Mas minto. A minha manta está vazia  
A farta comida é pouca, oca  
E se a como,  
Farto fico com fome  
De ti

Farfalham folhas no seu casaco azul  
Farfalham como quem me fala, mas falham  
Não consolam esta mágoa, e magoam-me  
Porque te chamam, mas não clamam o teu nome  
Só o sibilam.  
Fantasmagoricamente.

Alegórica, foste embora em má hora  
Não voltaste (volta!), estarás morta?  
Estará o teu corpo inane e gelado  
Enterrado num qualquer canto?  
Quanto serás de refeição para os animais?  
É seres alma e sangue numa geleira  
De bestial piquenique.

Desapareceste.  
Acabaste, percebeste?  
Mas não desesperes, só te desvaneceste  
É como se fosses diluída  
Como cosmos, pela luz e vida  
Apenas que não nos toca tocar-te.

Terei as flores...



**Pedro Ramos**

Outros Mundos



**Ricarda Melo**

Sou 1 estado falhado  
E não 1 barco encalhado  
Ainda não tenho 50  
E já me acho 1 vencida da vida.  
Como diz Pessoa:  
“Arre, estou farto de semi-deuses!”  
Raios  
Conformista/ inconformista  
Activista/ passivista  
Estupidez.  
Dentista/ semidentista  
    ista ista  
Comunista/ fascista  
Sentada Acautelada  
Praxe Anti-praxe  
Franje Refranje  
    Tange  
    Farta  
    Farta  
    Duplamente farta  
E amanhã  
Aposto já tou lá outra vez.  
Teimosa.  
    Raios me partam!



**Pedro Ramos**

Histórias

**Rita Grácio**

Ou

**ela** vive na ombreira da porta antiga.  
todos os dias beija os peixes  
os do aquário e os do mar  
os vivos e os mortos.  
Todos os dias  
**ela** senta-se com Ela  
e não lhe diz nada  
– as nossas pequenas histórias não interessam a  
**ninguém.**  
**ela** toca-Lhe cose-A cheira-A  
veste-se dEla  
– é quando tudo se inunda de dedos esgravatando a terra  
e a luz pende madura no céu –  
das sobras  
fazem-se bonecas partidas.

Ao Mário Cesariny

*“afinal o que importa é não ter medo (...) fechar os olhos  
diante do precipício e cair verticalmente no vício”*

aos 3,1 segundos antes de adormecer

lavo os pés às estrelas penduro árvores geniais em  
cabides apodícticos depois de ter passado a ferro  
as suas raízes de mar deito-me no dorso do cisne  
de Tuonelo talvez consiga chegar a uma clareira de  
tempo onde me espera um labirinto de sonhactos.  
Enquanto as galinhas fazem a manicure eu tenho que  
avançar entre incertezas pletóricas sem ter sequer  
um corta-unhas para as podar mas afinal o que  
importa é ter um rabo-de-gato em vez da  
cervicalidade de uma coluna monótona e sobretudo  
não ter medo do escuro incandescente que habita

os 3,1 segundos antes de morrer



**Maria João Baginha**

**Janela de Marvão**



**Rui Bastos**

**Aurora**

Há sempre uma lágrima  
Que inunda o cais

Um murmúrio orfão  
Que cala os sentidos

Um desejo pulsátil  
Arrefecido nos desertos semânticos

Gotículas purpúreas desprendem-se em círculos  
Da penugem húmida da madrugada,  
Infiltram-se em todas as paragens,  
Aderem à pele sonolenta, incrustam-se  
Aglutinam-se...  
Tecem a máscara da manhã.

A Vida recomeça dentro de momentos...

**Morrer um pouco...**

Morrer um pouco...  
Deixar a carne rendida  
Repousar no fogo fátuo,  
Agitar na inércia  
As entranhas cansadas  
E castigar o vazio ancestral

Morrer um pouco...  
Erguer lápides de redenção  
Ancoradas nas escamas do Medo,  
Sufocar na corrupção da Virtude  
As vontades reprimidas

Morrer um pouco...  
Significar na insignificância  
Avançar no dilema  
Duvidar no Dogma  
Dilatar o espaço e redimensionar o tempo

Morrer um pouco...

Sandra Guerreiro

**perdidos & achados**



**cartaz encontrado nos wcs da rodoviária nacional de setúbal  
programa de troca de seringas nas prisões portuguesas**

**primeiro**

Sandra Guerreiro

EXTRACTO DAS REGRAS NO VERSO





Sandra Curado

### Rap da solidão

A solidão é tão aguda  
que me apetece gritar  
balançada entre dois pólos  
fico muda no lugar  
mas a tristeza cá dentro  
cresce, cresce sem parar  
Tenho os olhos, vejo o tempo  
adormeço devagar  
as lágrimas correm soltas  
no silêncio desse bar  
Quero tudo e quero nada  
Estou livre para mudar!  
Porque será que no fundo  
tudo fica como está?  
Quero tudo e quero nada  
no silêncio deste bar  
Sinto o corpo bem dormente  
os sentidos a voar  
Porque é que bem cá por dentro  
tudo o que quero é que quero ficar?  
Na dormência dos sentidos  
os sentimentos no ar  
na renúncia ao permitido  
tudo o que quero é mudar  
Quero tudo e quero nada  
Apetece-me gritar.

Georgina



**Susete Fetal**

Escorre uma gota de chuva  
na embriaguez colorida  
de rios opacos de prazer.

Escorre uma gota de suor,  
efervescente, a derreter  
superfícies macias de cetim.

Escorre uma gota de saliva,  
traço de carvão na tua pele viva  
extinto numa avalanche de marfim.

Escorre uma gota,  
embebe a pérola na ostra escarpada  
da rocha mutilada pelo fio da navalha.

Escorre uma lágrima,  
penetra a leoa ferida  
na tela curva, quente, humedecida

Escorrem  
em espessa anarquia  
convergem no espaço-tempo fulcral.

Pena  
evadida  
da almofada real.

**Encontro 1º**

Encontramo-nos na página 76,  
ao lado do retrato  
fotografado a preto e branco.  
Sobe as escadas até ao 11º parágrafo,  
aguarda no banco  
até a enfermeira te guiar à 30ª palavra:  
VIDA

E depois do nosso encontro,  
o estrondo das capas duras  
ao fechar  
selam o grito primordial  
no nosso diário.



**Sérgio Brizida**

**Teresa Fonseca**

**Onde fica o poeta**

A tábua da porta fechada, muda e preta  
Silêncio e negro dentro  
A ausência do som a espalhar-se ruidosamente no escuro  
O quase nada  
O quase insuportável do nada

No quando acaba a tábua muda e preta da porta  
Aí está a luz desafiadora, bela e fugaz  
Em tensão, em equilíbrio nos extremos da tábua preta da porta fechada.  
Se um leve pestanejar, a luz ficando se vai  
A porta muda e preta e fechada  
Opressora, tira-lhe o palco

Dentro, o escuro  
Fora, o resto  
No limiar, a diferença, o sentido, a pluralidade, a multidão do tudo, o número grande,  
a novidade do que não é.

Ali fica o poeta  
Que como um leve soprar de dentro para fora,  
Uma forte brisa ao contrário  
permanece e é  
limão, limalha  
lima  
entre o som e o silêncio  
sozinho  
nunca foi tão livre  
o poeta  
no limiar  
no limbo  
que é o lugar dos que já não são.



**Teresa Fonseca**

Ar e sal  
Areal  
Arear o corpo

Fim de Tardas  
Sal e ar  
retardas  
Salgas o ar  
Salgas o olhar  
Teu corpo nu vem  
Nuvem escura .  
Sala salgada  
Desarma  
vem nu  
desamar  
desarmar  
marear  
remar  
emudeço humedeço obedeço.

Auroras-te.  
Demoras-te  
oras  
incorporas  
as horas lentas  
e tornas  
teu corpo nu vem  
Nuvem quente.  
Quarto escuro  
dos fundos.  
Onde me aninho desalinho desatino.

Choveste.

**Georgina**



**COMO FAZER PONTES EM COIMBRA  
com 4 meses e 1 Oficina de Poesia\***

0

Se você, brasileiro, for a Portugal em busca de Fernando Pessoa, viver 4 meses em Coimbra e lá publicar um livro de Poesia (PITTELLA, 2005), talvez se torne incapaz de saber onde acaba o sotaque brasileiro e começa a sintaxe portuguesa. Como você será fruto do Diálogo Brasil-Portugal e não terá distanciamento algum para precisar os territórios poéticos de cada país-interlocutor, preferirá falar de pontes, aquelas que de repente surgem prontas com 4 meses e 1 Oficina de Poesia.

Aqui você tem só 15 minutos e nenhuma Oficina de Poesia; mesmo assim há uma chance de perguntar como fazer pontes em Coimbra. Mas, antes de saber como fazer pontes em Coimbra, é preciso saber como fazer pontes em geral e, para fazer pontes em geral, é preciso propor alguma definição de ponte. Com essa convenção, a estrutura poderá ficar minimamente estável enquanto você atravessa de um lado para o outro.

Você pode definir ponte pragmaticamente (PEIRCE, 1903: 11), isto é: o conceito geral de ponte será a soma de todas as conseqüências que uma ponte tem em sua vida, ao ligar duas margens através de um caminho possível.

I

A primeira conseqüência, não tanto lógica quanto intuitiva, é um inefável bem-estar que você pode sentir em cidades que são, a um tempo, cindidas e unidas por pontes. É o caso de Heidelberg na Alemanha, Budapeste na Hungria ou Coimbra em Portugal, para citar três célebres. São cidades a que a ponte foi incorporada de modo tão fundamental que corre o risco de passar despercebida, como se fosse terra firme, terra sobre terra e não sobre água; como se Budapeste fosse uma só coisa e não Buda & Peste, com um rio no meio atravessado pela ponte da palavra Budapeste. Um cidadão precisa atravessá-la corriqueiramente para usufruir de ambas as metades do espaço urbano. Você, contudo, com sua disponível intuição estrangeira, pode ter nesses lugares um forte “insight” do que seja uma ponte: uma sensação quiçá ingênua, porém notável, de que o mundo talvez tenha sentido, se pudermos todos fazer pontes levando, diretamente uns aos outros, as sensações que não conseguimos dizer nem para nós mesmos com palavras.

II

Se, contudo, você não tem tempo para passear à vontade por Heidelberg ou Budapeste, não há problema – pois, além da conseqüência intuitiva, a ponte tem uma conseqüência prática na vida. Basta experimentar para ver como é. Não recuse tão rapidamente assim, balançando a cabeça e pensando que, se não vai a Budapeste, também não tem tempo para isso. Trata-se de três minutos para aprender algo que pode salvar sua vida, caso você precise sobreviver na selva ou venha a ser o último humano na Terra ansiando comer da Árvore da Poesia logo ali – mas, Ó!, ela está na outra margem do Rio dos Destinos. Ora, será preciso uma ponte, e há vários métodos de construção. Se você optar pelo ecológico, pode fazê-la com bambu, como ensina Johan van Lengen, autor do *Manual do Arquiteto Descalço* (1981: 212). É tão simples que a informação foi pirateada pelo exército cubano para erguer rapidamente pontes, se não me engano, durante a Guerra da Coréia. Preste atenção, para plagiar também.

Você encontra uma touceira de bambu e procura não os mais verdes e, sim, os mais cheios de fungo – tais manchas saem com esponja e água e indicam que o bambu é velho o suficiente para ter transformado em solidez o amido que, nos novos, atrai besouros e mariposas. Outra instrução para assegurar a força da estrutura é sempre cortar os bambus logo acima dos nós, que equivalem às juntas de humanos e de pontes. Antes de cortar, porém, você faz um minuto de silêncio. Então começa a perceber que as pontes praticamente se fazem sozinhas, desde que se esteja disposto a caminhar. Tudo fica mais simples quando você sente que seus próprios pés são determinantes para as fazer viver ou morrer.

Basta um passo – a mera decisão de construir – e instantaneamente a possibilidade aponta em todos os sentidos – porque a ponte é um modelo rizomático. Rizoma é, por exemplo, a raiz do bambu, que é uma só, mas cresce para todos os lados. De repente você recorda o filósofo francês Gilles Deleuze, que dizia que a *diferença* e a *repetição* são potências rizomáticas da essência – e finalmente o entende! Talvez você tenha aprimorado a teoria de Deleuze – ou talvez os méritos sejam todos do bambu. Primeiro há *unidade* da raiz como potência; segundo, vem *diferença*, pois os bambus crescem diferentes dos antecessores, até alcançar uma altura ótima; terceiro, temos *repetição*, quando os bambus passam a crescer todos com a altura ótima, repetidamente.

O *insight* é tão prazeroso que você já não se preocupa em chegar à outra margem, e decide ficar 4 meses em Coimbra, vivendo seu projeto de ponte como um lar. Qualquer emergência, você acaba a construção e parte.

III

É assim que a ponte começa a revelar sua terceira e mais potente conseqüência: a de servir como signo para todo pensamento que busque equilibrar extremos, permitindo diálogos como Brasil-Portugal. Assim que você se inscrever no curso de *Poética* e perder a vergonha intelectual de participar de uma *Oficina de Poesia*, encontrará Graça Capinha. Ela perguntará qual a sua área, e você terá de afiançar que estuda Poesia, nada menos nada mais que Poesia. Se você a convencer, só então ela defenderá abertamente o modelo de Justiça Poética da Ponte – e chamará, talvez, os termos de Deleuze para ratificá-lo. Ou deixará que você use suas próprias palavras para

batizar a construção, visto que a Ponte é um signo tão poderoso, que permite a qualquer um nomear seus pilares com, por exemplo, os rótulos Diferença e Repetição – que Deleuze empregava.

A ponte não é arbitrária, mas o é também. Trata-se de uma imagem para conviver mesmo com arbitrariedade acaso errância, originalidade, peripécia – numa palavra: *diferença*, sem a qual nosso processo de conhecimento estagnaria. Por outro lado, no engenho do pilar necessariamente oposto, temos convenção, hábito, regra, ordem, reconhecimento – noutra palavra: *repetição*, sem o que comunicar seria impossível. No entanto, qualquer ponte deve atingir o equilíbrio a *um* centro: onde as forças se anulam-complementam no mínimo de estabilidade a que você, arquiteto de palavras, se propôs. A durabilidade, se duradoura, não dura senão uma idade – daí o nome. Ou, numa conclusão rápida errante: o meio deve ser constantemente re-feito de-feito per-feito...

Como se trata de pilares móveis, o que fora ousado como diferença tende inexoravelmente à repetição, pois há que ser comunicado à outra margem (este é mesmo um dos propósitos da Ponte!); mas, quando os novos pensamentos se tornam hábitos puídos, mal tapando sua inércia compulsiva, tornamo-nos meros ventríloquos. Contrariamente, se queremos sempre o novo, a diferença indefinida, quando vanguardas pulverizam novidades sem refugo, acabamos todos como autistas.

Repetição de um lado, diferença de outro – e você sempre a *fazer*... Fazer o quê? Na *Oficina de Poesia* você será obrigado a ler a *Poética* e encontrará o velho Ari às voltas com o mesmo problema. Ari é o nome que intimamente você deu a Aristóteles – para ver se assim ele ganhava bom humor. Há vinte e três séculos, Ari já pesava argumentos de um lado e de outro para estabilizar a Ponte dessa Arte de Fazer... Será isso a Poesia? Simplesmente a Arte de Fazer? Há uma arte que se faz com tintas e telas, que se chama pintura; outra que se faz com pedras e buris, que se chama escultura; outra que se faz com ritmos e corpos, que se chama dança... e uma estranha outra, que simplesmente se faz... com palavras. Mas, se falamos, não fazemos todos com palavras? Justamente é esse o problema, pois se trata de algo tão aberto, que Ari terá de domesticar suas possibilidades num tratado – ele mesmo *fazendo* com as palavras uma tentativa de equilíbrio entre diferença e repetição, através de um Meio em desenvolvimento.

## IV

Tudo isso é você já refletindo pela ponte as suas imensas possibilidades de diálogo. Vendo Coimbra como ponte, ela une as qualidades cosmopolita e provinciana: eis uma cidade pequena o suficiente para caber no diâmetro de um caminhante amador e grande o suficiente para abrigar nomes quais Camões, Antero, Eça, Miguel Torga e José Régio... Antiga o suficiente para ter uma universidade ativa desde 1290, quando fundada pelo poeta Dom Dinis, e moderna o suficiente para sediar, de três em três anos, um encontro mundial de Poesia, em que se reúnem *fazedores* do Brasil ao Senegal, da Alemanha aos Estados Unidos, da China a Moçambique... Se, por um lado, é inconcebivelmente burocrática, por outro, Coimbra é capaz de organizar, sem pedantismo, poetas suficientes para uma Antologia Mundial Da Poesia Contemporânea – algo decerto representativo se você pensar que uma antologia mundial geralmente se faz de poetas mortos, ainda que sua poesia viva para responder por eles. E você, que parou em Coimbra em busca de entrevistar o espírito de Fernando Pessoa, descobre que poetas vivos podem responder, ou re-encaminhar perguntas através de novas pontes e as apresentar de três em três anos em Coimbra – como Corsino Fortes, poeta de Cabo Verde, que, no primeiro encontro, mostrou como as repetições muitíssimo gastas, tecnicamente mortas, podem passar pela ponte, inocentemente como uma-duas-três crianças, e fazer a diferença de acordar os “Navios Mortos Que Havia Na Cidadela” (Santos, 1995: 48):

Há navios mortos na cidade velha

Uma criança atravessa a ilha entre tambores  
O arbusto da mão cheio de terra  
E coloca as sementes perto das violas

Duas crianças contornam a boca da ribeira  
Com um canto de galo na veia cava  
E acordam

Com o nó dos dedos  
A proa dos rostos  
De remos mortos no ocidente

Três crianças dobram  
os degraus da comarca E  
arrancam da carne  
As âncoras do achamento  
As naus da descoberta



E você fica tão feliz de a Poesia respirar vivíssima em Coimbra, que recorda um poema atribuído a Sophia de Mello Breyner Andresen (“Hora”), que recita em plena *Oficina de Poesia* como uma declaração de amor ao poder revitalizador da Ponte.

Sinto que hoje novamente embarco  
Para as grandes aventuras.  
Passam no ar palavras obscuras  
E o meu desejo canta — por isso marco  
Nos meus sentidos a imagem desta hora.

Sonoro e profundo  
Aquele mundo  
Que eu sonhara e perdera  
Espera  
O peso dos meus gestos.

E dormem mil gestos nos meus dedos.  
Desligadas dos círculos funestos  
Das mentiras alheias,  
Finalmente solitárias,  
As minhas mãos estão cheias  
De expectativa e de segredos  
Como os negros arvoredos  
Que baloçam na noite murmurando.

Ao longe por mim oiço chamando  
A voz das coisas que eu sei amar.

E de novo caminho para o mar.

Mas a *Oficina de Poesia* acha a sua intervenção clichê. É quando você começa a perceber que, dependendo da margem em que esteja, uma visão parcial da ponte só pode permitir uma visão parcial das coisas. Por exemplo, para a margem provinciana de Coimbra, o Brasil concretista dos poetas irmãos Campos é *nonsense*; e, para o cosmopolita, o Brasil pré-Drummond é generalizadamente lírico (e lírico, para o *nonsense*, quer dizer algo mais obsoleto que o obsoleto). Mas isso é porque as margens são extremadas demais; daí a razão mesma de ser da Ponte. O problema não é dela, e você descobre com Daniel Faria (2003: 124-125) que os “homens [é] que são como lugares mal situados”:

Homens que são como projectos de casas  
Em suas varandas inclinadas para o mundo  
Homens nas varandas voltadas para a velhice  
Muito danificados pelas intempéries  
Homens cheios de vasilhas esperando a chuva  
Parados à espera  
De um companheiro possível para o diálogo interior

Cada vez, então, que você passa pela ponte recitando Poesia, o projeto das casas (que são os homens) mudam; assim como parecem projetos tanto mais inexequíveis quanto mais se teme atravessar... Mas, sempre que se passa pelo vão central, os pilares movem e os seus conceitos se transformam... São muitos livros e pessoas e sensações passando a toda a hora e fazendo crescer possibilidades rizomáticas, como novas pontes por onde se escolhe, ou não, passar. Com tantas direções inauditas, os limites já não têm sentido algum, e parece muito mais rico beber livremente dos mananciais do Português africano, brasileiro, índio e português, do que deixar idéias de alfândega recalcarem a Poesia dizendo “este sotaque é exclusivamente meu”.

Que alfândega?! conseguiria barrar a Poesia errante de Ângela Canez, da *Oficina de Poesia* (Capinha, 2004: 63-65), cantando (em poema de 2005, inédito) a força do viajante, que o seu oposto — o colecionador — não pode conter nem entender... Pois, “no rito do viajante / a rasura sobra e sobrevoa as matas”... rabiscando, em vôo, a tal diferença contra o seu oposto, a repetição, “a previsão das pontadas no colecionador”. Se Ângela junta *viajante & colecionador* por sua ponte, logo segue atravessando, viajando numa enxurrada de imagens que colecionador algum conseguiria catalogar inteiramente...

e por isso saboreia o deslize  
além do que coleciona  
(...) e na volta para casa a  
estranheza fica aonde está  
de andar tanto  
para quê se o guia de viagem já  
dizia – não mora é que  
o machado deve apoderar-se dos poros na última  
estação e essa é a proa  
partilha das cidades-estados  
aguarda no seu camarote para livrar  
dos sons sombras sonetos  
o que foi que aprendeu dessa vez  
dos tons estuque escavado  
e cair dos estiradores

à medida que passa

Esta, a medida: à medida que passa – como já entoava Antônio Machado:

Caminante, no hay camino,  
se hace camino al andar.

De um lado, como sempre miramos (seja uma sensação, seja um objeto, seja um pensamento), “existe uma direção tentada em cada poema” – como disse José María Antolín (Santos, 2001: 87) no terceiro encontro mundial de Coimbra. Do outro lado, como responde Cristina Nery (2005: 46), outra cria (criadora) da *Oficina de Poesia*, tal tentativa, embora fundamental, é falha, movediça – pois é

como se escrevesse a língua ameaçada  
como um buraco de matéria interna

buraco feito da mesma matéria da língua, buraco negro que faz a direção tentada levar a toda parte, até mesmo, por exemplo, àqui e àgora. A esta altura, você já nem percebe porque essas *Tentar & Errar* seriam coisas opostas e, completamente entregue à Ponte, você acaba pensando que Poesia é União...

\*\*\*

#### BIBLIOGRAFIA

- ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. “Hora”. Poema disponível na internet no site <<http://www.maricell.com.br/sophiandresen/sophia28.htm>>.
- CANEZ, Ângela. (2005) “para o Carlos”. Poema cedido a Carlos Pittella. Coimbra: 2005.
- CAPINHA, Graça [dir]. (2004) *OFICINA DE POESIA – revista da palavra e da imagem*, nº 4. Coimbra: Palimage.
- SANTOS, Maria Irene Ramalho de Sousa [org]. (1995) *Poesia do Mundo* – antologia bilíngüe. Porto: Afrontamento.
- \_\_\_\_\_. (2001) *Poesia do Mundo 3* – antologia bilíngüe. Porto: Afrontamento.
- FARIA, Daniel. (2003) *Poesia*. Vila Nova de Famalicão (Portugal): Quasi.
- LENGEN, Johan van. (1981) *Manual do Arquiteto Descalço*. Porto Alegre: Livraria do Arquiteto; Rio de Janeiro: TIBÁ, 2004.
- MACHADO, Antonio. (1924). “Nuevas Canciones”. Em: *Poesías escogidas*. Madrid: Castalia Didática.
- NÉRY, Cristina. (2005) *O Ciclo das Sedas*. Coimbra: Palimage.
- PEIRCE, Charles Sanders. (1903) “Conferências sobre Pragmatismo”. Em: *Escritos Coligidos*. São Paulo: Abril, série Os Pensadores, volume XXXVI, 1974.
- PITTELLA, Carlos. (2005) *civilizações volume dois: O Livro dos Saulos*. Coimbra: Palimage.
- \* Trabalho apresentado na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Brasil.

*a partir de “Como fazer pontes em Coimbra” de C. Pitella*

**A poesia das pontes**

As pontes fazem-se sozinhas, sem pés determinantes. A decisão de construir, em todos os sentidos, é um modelo rizomático, unidade como raiz, raiz como potência.

A ponte é como um lar, capa que vela e revela, signo para o pensamento, signo poderoso, equilibra extremos, permite diálogos, nada mais que palavras.

Palavras a balizar, permitem a qualquer um nomear os seus pilares.

Talvez tenha sentido fazer pontes. Ligando duas margens a caminhos possíveis de palavras, os métodos de construção saem da esponja. Transformados em solidez, atraem besouros e mariposas, âncoras do achamento.

Existem pontes por onde se escolhe não passar — pessoas esperando a chuva em direcções inauditas.

Nos limites da linguagem, à medida que passa, um caminhante amador, navio morto na cidadela, comunica à outra margem o pilar oposto sem refugio da variação indefinida.

A estranheza fica onde está, saboreia o deslize.

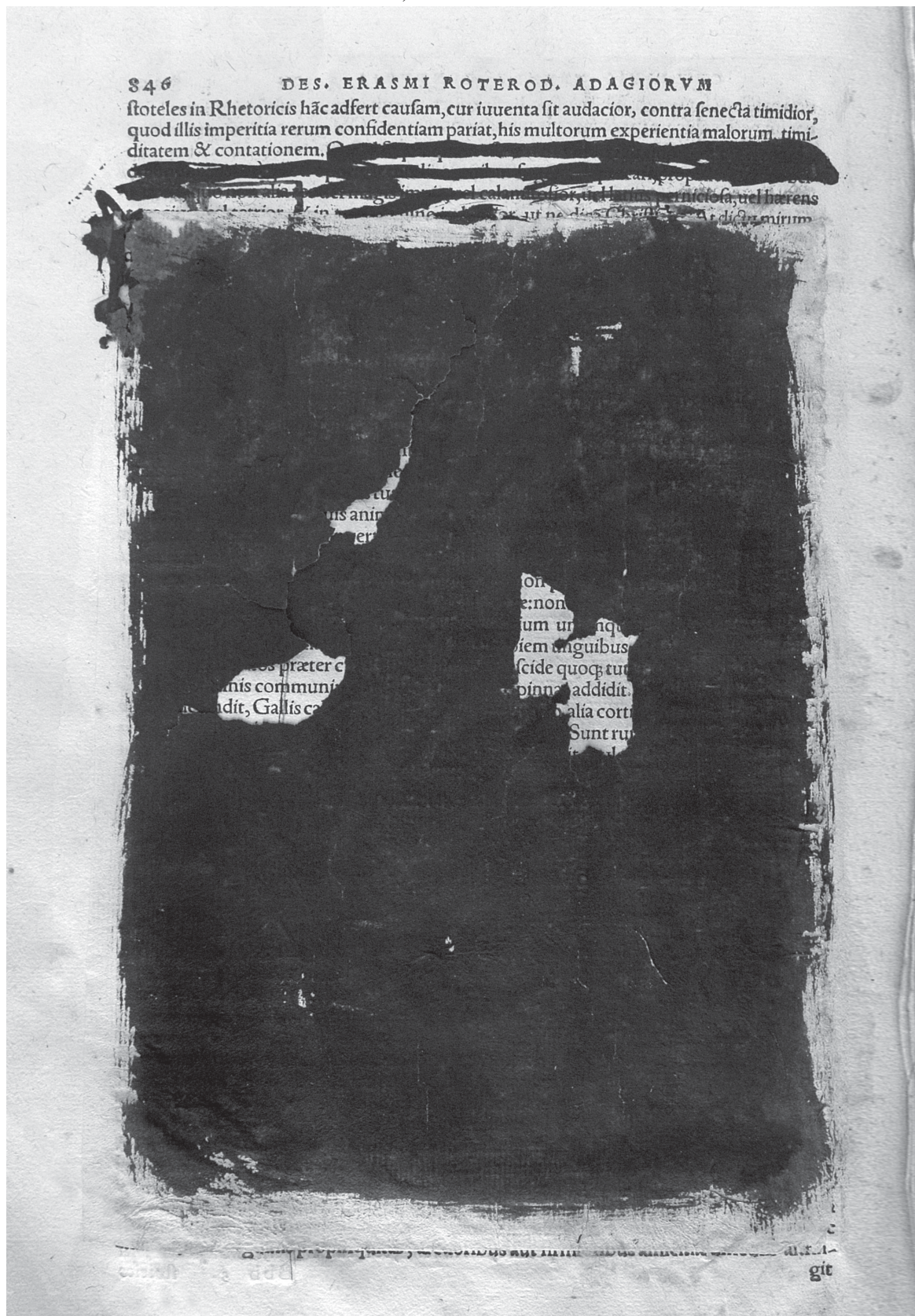
Entregue à ponte.



*Deletrix: Erasmus 1-5, 2006*

*Tiraje digital. 72 x 60 cm*

*Páginas de libros de Erasmo de Róterdam censurados por la Inquisición  
(Fondo de la Biblioteca de la Universidad de Salamanca).*



**Joan Fontecuberta**

**Erasmus 1**

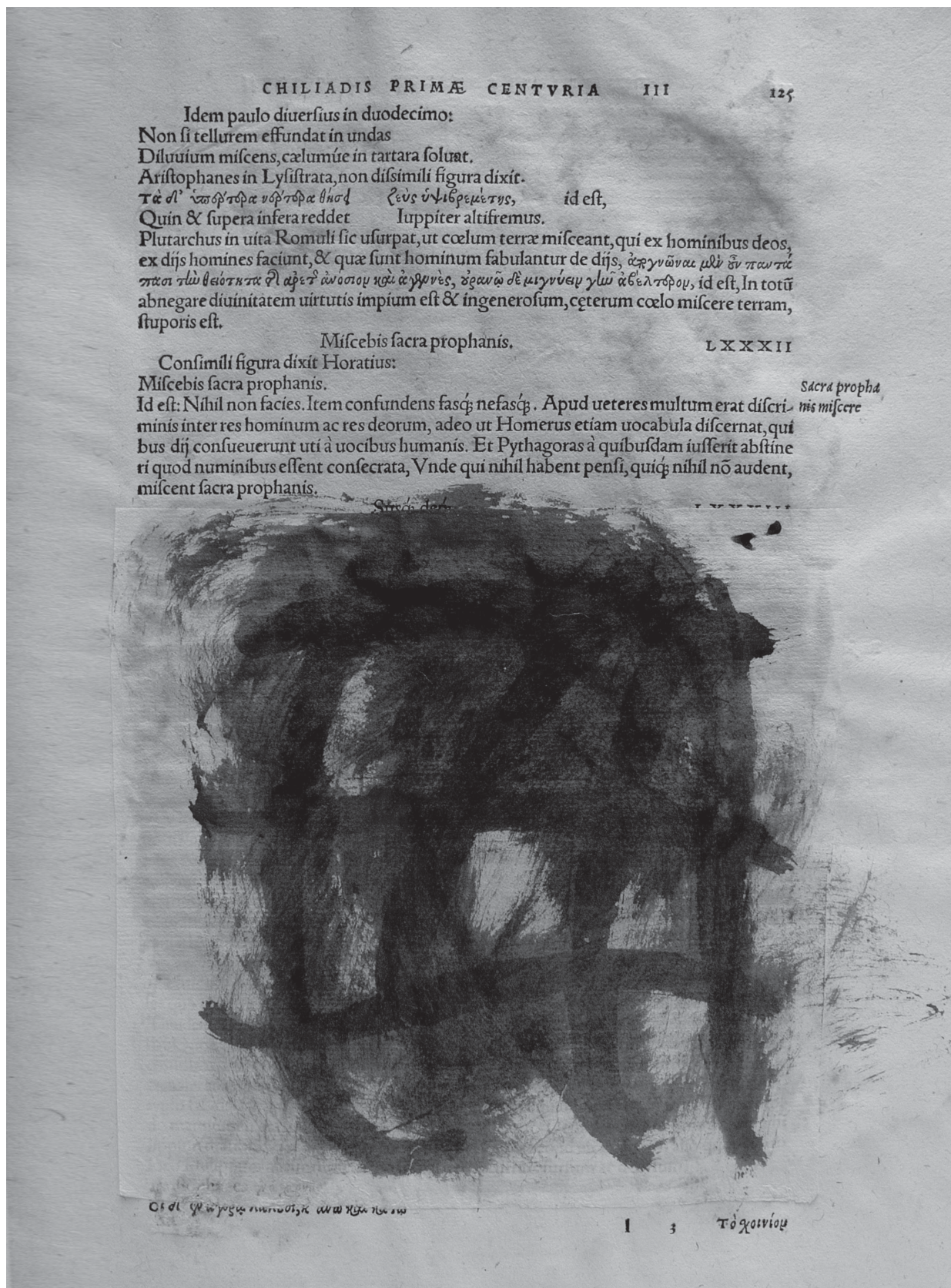




**Joan Fontecuberta**

**Erasmus 2**

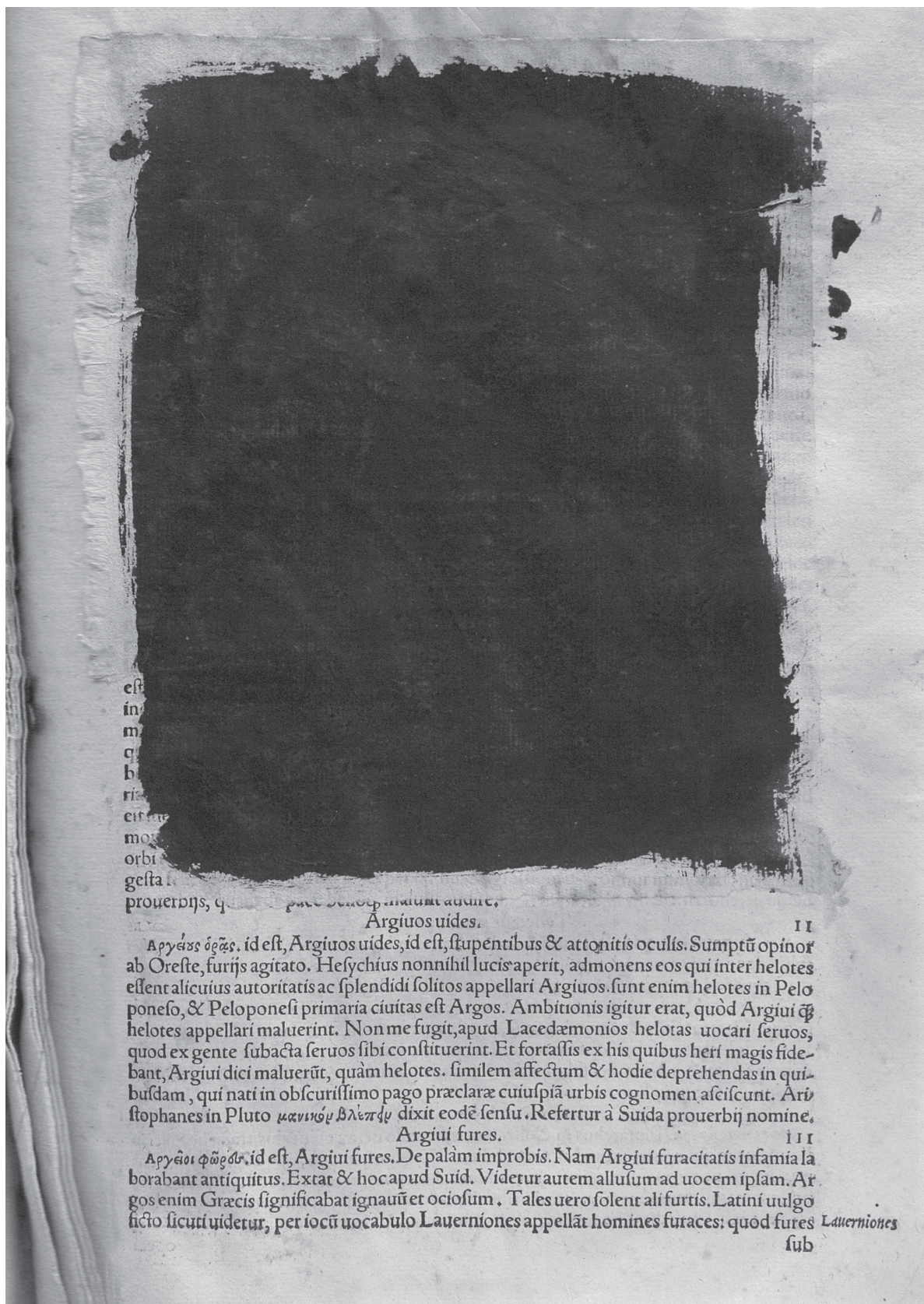




Joan Fontcuberta

Erasmus 3







Quem mater amictum dedit obseruare.

LXXVIII

Quem mater amictum dedit obseruare. Pro eo, quod est pueriliter ex alieno praescripto uiuere, legitur apud Quintilianum libro quinto: Nam quid, inquit, illa miserius lege, ueluti praeformatas infantibus literas prosequentiū, & ut Graeci dicere solent, quae mater amictum dedit, sollicito custodientium: Quibus ex Fabij uerbis apparet, Graecis in proverbio fuisse. Vfurpat autē & indicat adagiū Lucian. in Nigrino: *καὶ πόθεν ὁ παῖς ἔστῃ. ἢ πάχρῃ μυστῶς ὄσιν αὐτῷ*, id est, Et unde hic puer. Atq; fortassis materna uestis est. Dicuntur haec scommata in eum, qui uersicolore ueste amictus aduenerat. Plutarchus in cōmentario de Fortuna Alexātri, *δὴ κὼν νεπίς παιδός, φυλάττειν τὰ τῶν παιδολῶν, ἢν ἡ πατήριος αὐτοῦ σιωπῆ βίαια, καὶ δὲ πῶς ἔτι θὰ ποδὲς θηκε*, id est, More pusilli pueri seruante amictū, quē illi patrie cōsuetudo ueluti nutrix addiderat. Quin hoc ipsum, quo nihil iam tritius, ex praescripto uiuere, proverbiali metaphora dictū apparet, tracta uidelicet à pueris, quibus, ut inquit Plato, *ἦν τῆ γῆρα εἶδη*, id est, in tabula graphiaria doctor exemplar praescribit, quod imitātes, literarū notulas confuescāt effingere. Hoc imitationis genus uelut addictū ac seruile ridet Horat.

*Seruum pecus* O imitatores seruum pecus, ut mihi saepe  
Risum, saepe iocum, uestri mouere tumultus  
Et Fabius nihil putat ad bene dicendum inutilius, quā ita seruire praecipis artis, ut non  
ausis digitum latum ab illis discedere, si quando causae ratio postulabit.



Mare caelo miscere.

LXXXI

*Caelum terra miscere* Mare caelo miscere. Prouerbialis hyperbole est, pro eo quod est, omnia perturbare, nihilq; non facere. T. Liuius: Quid est, quod caelo terram, terra caelum misceant; Idem alibi: Quid tandem est, cur caelum ac terras misceant; Iuuenalis: Clames licet, & mare caelo Confundas, homo sum, Lucianus in dialogo Promethei & Mercurij: *τί δὲ δῖα ἄσπερ ἐγὼ τὸ πρὸ λόγου, τῆ γῆ τὸν ἔρανον ἂν οὐ μεμίχθαι*, id est: Quid igitur oportebat ea gratia, terrae, quod dici solet, miscere caelum; Vergilius in quinto, de Iynonē omnia tentante: Maria omnia caelo Miscuit.

Idem





## Índice

Editorial - Graça Capinha	5	Sigbjorn Bratlje	99
Martin Parr	7	Natália	100
Adília Lopes	8	Alcina Almeida	101
Martin Parr	9	Pedro Marqués d'Armas	102
Afonso Romano de Sant'Anna	10	Georgina	102
Maria João Baginha	11	Ponç Pons	103
Alfredo Pérez Alencart	12	Porfírio Al Brandão	104
Alexandre Nerium	14	Jean-Luc Pouliquen	105
Álvaro Alves de Faria	16	Latuf Isaias Mucci	105
Martin Parr	17	Maria João Baginha	105
Álvaro Alves de Faria	18	Régis Bonvicino	107
Frank Selby	18	Charles Bernestein	107
Ana Hatherly	19	Régis Bonvicino	109
Ana Luísa Amaral	20	Ricardo Aleixo	110
Fernando Aguiar	22	Sarah Bridges	111
Ana Luísa Amaral	23	Sheryl Robbins	112
Andityas Soares de Moura	24	Martin Parr	113
Antonio Leal	26	Virgílio de Lemos	114
António Ramos Rosa	28	Xavier Zarco	115
Nuno Barão	31	Xesús Rábade Paredes	116
Guy Tillim	32	Charles Bernestein	117
António Salvado	38	Maria João Lopes	117
Carlos Felipe Moisés	39	Próspero Saíz	123
Casimiro de Brito	40	Maria Irene Ramalho	123
Charles Bernstein	41	Martin Parr	127
Cristo Torres	42	Aires Gomes Fernandes	128
Cyro de Mattos	44	aNa B	130
Fernando Aguiar	45	Ana Braz	131
António Fernando Cascais	46	Ana Pereira Borges	132
John Havela	47	Andreia Rafael	133
Floriano Martins	49	Frank Selby	135
Hélio Rôla	49	Ângela Canez	136
Hugh McCarthy	51	Bruno Santos	137
Andrea Inocêncio	53	Carla Abreu Vaz	138
Graça Magalhães	56	Sigbjorn Bratlje	139
Martin Parr	57	Carlos Coelho	140
Harold Alvarado Tenorio	63	Catarina Costa	141
Frank Selby	64	Célia Gonçalves	143
Bettina Von Kameke	66	Cláudia Pinto	144
Helena Villar Janeiro	68	Conceição Riachos	145
Verónica Marques	69	Georgina	145
Isabel Pedro	71	Cristina Néry	146
Edith Morin	72	daniel matos	147
Lourenço Cardoso	76	Eduardo Bacal	148
Fernando Aguiar	77	emiliana cruz	149
Isabel Ivars	78	Fátima Almeida	150
Lourenço Cardoso	81	Filipe Cravo	151
Feliciano de Mira	82	Hugo Amaral	152
Martine Feipel	83	João Rasteiro	154
Michael Franco	84	Fernando Aguiar	156
Ina Elke	85	Jorge Fragoso	157
Mike Basinski	86	Graça Capinha	158
Laura F	87	Ina Elke	159
Pedro Marqués d'Armas	88	Jorge Melícias	160
Laura F	89	Jorge Vaz Nande	161
Pedro Ramos	90	L. Altério	163
Pepe Vera	91	Pedro Ramos	163
Levin Haegele	96	Liliana Vasques	164

Luís Inácio	166
Georgina	167
Margarida Amorim	168
Mariano Pego	169
Sigbjorn Bratlje	169
Natália Teles Nunes	171
Paulo Dias	172
Martin Parr	173
paulo renato cardoso	174
Pedro Silva	176
Pedro Ramos	177
Ricarda Melo	178
Rita Grácio	179
Maria João Baginha	180
Rui Bastos	181
Sandra Guerreiro	182
Sandra Curado	184
Georgina	184
Susete Fetal	185
Sérgio Brizida	185
Teresa Fonseca	186
Georgina	187
Carlos Pittella	188
Conceição Riachos	192
Joan Fontecuberta	193